TRATADO
DA
EDUCAÇAÕ FYSICA
DOS MENINOS,
PARA USO
DA
NAÇAÕ PORTUGUEZA
PUBLICADO POR ORDEM
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

POR
FRANCISCO DE MELLO FRANCO,
MEDICO EM LISBOA,
CORRESPONDENTE DO NUMERO
DA MESMA SOCIEDADE.

Veritatem cum eis ipsis qui docent quærimus.
Seneca.

LISBOA
NA OFFICINA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.
ANNO M. DCC. XC.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,

da Assembléa de 1 de Outubro de 1789.

TEndo sido appresentado á Academia, pelo seu Correspondente do Número, e Membro da Commissaõ para o adiantamento da Medicina Nacional, Francisco de Mello Franco, o Tratado que tinha composto de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, julgou a Academia que era digno de ser impresso á sua custa, e debaixo do seu Privilegio.

JOSÉ CORRÊA DA SERRA
Secretario da Academia.

PREFACIO.

Como Medico, e como pai de familias, revolvi quantos livros pude deſcubrir ſobre a Educaçaõ fyſica, ou corporal das crianças. Lí com attençaõ, obſervei com miudeza, e meditei por muito tempo. Da liçaõ conclui, que os Authores naõ ſó ſe encontravaõ em muitos pontos eſſenciaes, querendo cada hum ſua couſa; mas que nenhum tinha feito ſobre eſte aſſumpto hum Tratado, que nada omittiſſe do eſſencial, e que déſſe ás materias a devida extenſaõ. Pela obſervaçaõ conheci, que em Portugal ha abuſos, e deſvarios no modo de tratar as crianças. Por meio da meditaçaõ fiz hum ſyſtema proprio, ſervindo-me das idéas de todos, ſem ſeguir mais do que aquellas que a minha razaõ, e obſervaçaõ confirmavaõ, augmentando, alterando, e inovando. Vendo pois que em Portuguez nada ha eſcrito a eſte reſpeito, e que eſta falta he de ſumma conſideraçaõ, já pelo que pertence a cada hum dos particulares, já pelo que influe na Sociedade em geral, lembrei-me de dar ao Público o fructo da minha liçaõ, e meditada obſervaçaõ; e a minha lembrança foi ratificada pelo parecer de alguns meus amigos de tanta probidade, como ſaber.

He para admirar, quanto ſe tem affaſtado a eſpecie humana dos caminhos da natureza no modo de crear a ſua deſcendencia: e he muito mais para lamentar, que alguns pais hoje em dia taõ pouco tomem a peito a ſaude, e ainda mais, a exiſtencia de ſeus filhos. Todos os animaes, guiados ſó pelo ſimples inſtincto, a cada paſſo nos eſtaõ dando lições ſobre as obrigações dos pais, e das mãis. Mas que humiliaçaõ naõ devem cauſar á ſoberba dos homens, que ſe denominaõ Reis de quanto vive na terra, as lições de huns entes, a que chamaõ irracionaes; de quem todavia podem aprender

a ter-

a ternura, a justiça, e outras muitas virtudes! Para confundir pois a nossa especie naõ he preciso mais, que lançar os olhos para qualquer das classes dos animaes que nos saõ mais familiares. Observe-se, por exemplo, como huma gallinha procede. Quando chega o tempo da postura, busca hum lugar retirado para nelle preparar o ninho mais macio que póde: acabada esta, sacrifica-se ao pezado trabalho de estar sobre os ovos tres semanas, sem dalli arredar pé: apenas para comer sahe de dias a dias arrebatada, soffrega, e sem socego. Depois que vê nascidos os pintinhos, com que disvelo lhes naõ procura quanto póde concorrer para a sua conservaçaõ? Busca-lhes o comer, mostra-lho, parte-lho, se he preciso. Despe-se da sua natural mansidaõ, e fraqueza, e cobra tal animo, e furor, que se arremessa, e atreve com todos os mais, quando entende poderáõ fazer mal á sua pequena familia. Se ha frio, agazalha-os debaixo das suas azas; se ha Sol, põe-se da parte opposta para lhes fazer sombra. Em quanto finalmente elles naõ chegaõ a estado de naõ dependerem della, toda se emprega no cuidado de os manter, e conservar. Quanto naõ tem que aprender deste exemplo aquellas mãis, que, soffrendo mal, e talvez com indignaçaõ os nove mezes da prenhez, logo que daõ á luz os filhos, os degradaõ de si para huma ama sem escolha, sem miuda informaçaõ, e ás vezes para muitas leguas da sua vista?

Esta origem da despovoaçaõ, e da degeneraçaõ da especie humana merece toda a attençaõ do Ministerio; porque sem vassallos, e vassallos robustos, o Estado necessariamente virá a ficar como paralytico sem forças, sem energia, e tendendo cada dia para a sua inteira ruina. Sem gente robusta nem a agricultura, nem as artes, nem as sciencias poderáõ dar passo; e esta só se póde formar por meio da educaçaõ fysica dirigida pelos dictames da natureza.

Don-

Donde naſcerá, que ſendo Portugal hum paiz taõ favoravel á povoaçaõ, que ouſadamente ſe póde affirmar, que he o mais benigno de toda a Europa, ella todavia cada vez ſe atraza mais? Muitas ſaõ as cauſas, que evidentemente concorrem para eſte atrazamento, taes ſaõ o luxo, a indolencia, liberdade, ou perverſidade de coſtumes, moda abuſiva de differentes bebidas, falta de ſimplicidade nos comeres, &c.; mas entre todas eſtas he ſeguramente a mais conſideravel, os erros immenſos com que ſe criaõ as crianças: e faz admiraçaõ ver, que tendo todas as artes neſte ſeculo chegado a hum ponto de perfeiçaõ, ſó a de formar os homens eſteja ainda em muitos Reinos na ſua infancia.

Naõ falta entre nós a multiplicaçaõ da eſpecie; o que falta he a ſua conſervaçaõ. Em Lisboa, cuja povoaçaõ he exceſſivamente grande, naſcem milhares de crianças no anno; e que he feito dellas? He bem facil de ver que quaſi todas morrem no berço; porque a naõ ſer aſſim, Lisboa ſería quaſi toda habitada de gente aqui naſcida; mas duvido que de vinte habitantes hum ſeja natural deſta Cidade, e rariſſimos apparecem nas Provincias. Donde ſe inferem duas conſequencias; que a multiplicaçaõ da eſpecie na Capital quaſi toda perece no berço; e que para a povoarem tanto, ſe deſpovoaõ as Provincias; aonde a conſervaçaõ da eſpecie he muito maior, porque naõ ſó a depravaçaõ de coſtumes, e falta de regimen naõ he tanta, mas tambem por ſe peccar muito menos na educaçaõ fyſica das crianças.

Por tanto, principalmente na Côrte, ſe deveria trabalhar por deſarraigar abuſos taõ nocivos á Sociedade, e cuidar muito em educar as crianças ſegundo a natureza; pois he certo, que ſem a educaçaõ fyſica pouco ſe póde fazer na moral, e litteraria, vindo aquella a ſervir de baſe a eſtas duas; ſobre as quaes darei

ain-

ainda ao Público as minhas idéas, se este primeiro trabalho for delle bem accolhido.

Oxalá podesse eu pelo menos despertar por este modo os talentos Portuguezes, para que, levados do mesmo amor público, e naõ da vangloria de Author, emendem a maõ nas minhas falhas! Mas quanto he para recear, que toda a sua sagacidade se volte em estereis, e impertinentes censuras. Desculpem pois estes implacaveis censores a menos correcçaõ, e elegancia de estylo, que eu só procurei ordem, e clareza; e naõ fiz escrupulo de ser ás vezes prolixo, porque verdades taõ interessantes nunca enfastiaõ por serem repetidas.

TRA-

TRATADO
DA
EDUCAÇAÕ FYSICA
DOS MENINOS,
PARA USO
DOS
PAIS DE FAMILIA PORTUGUEZES.

CAPITULO I.

Porque modo se deve reger huma Mulher pejada.

A Educaçaõ fysica de huma criança, se quizermos fallar com exactidaõ, naõ principia sómente quando ella com seus vagidos pede o soccorro daquelles que lhe deraõ a existencia; deve sim começar logo do primeiro momento do seu ser. A quotidiana experiencia lastimosamente nos mostra, que por imprudencia, e incuria das mãis no tempo das suas prenhezes, muitas crianças nascendo miseraveis ficaõ indispostas para no restante da suá curta duraçaõ gozarem de hum dia de saude, quer dizer, de hum dia feliz.

Como o meu empenho he mostrar taõ sómente porque meios se póde conseguir ás crianças huma vigorosa constituiçaõ, devo prescindir de todas as hypotheses com que os Filosofos tem pertendido explicar a grande obra da geraçaõ (1).

(1) Naõ creio na pertendida attracçaõ das moleculas organicas de Buffon; porque isto he sem dúvida hum romance

Seja ella como for, o que nos importa saber para o presente caso he que o feto tira da mãi toda a sua nutriçaõ, e que, segundo os alimentos de que ella usar, será mais, ou menos feliz a sua disposiçaõ; e nisto concordaõ todos. Antes porém que entremos a examinar com mais individuaçaõ que regimen ha de seguir a mulher já pejada, he bem a proposito considerar algumas condições, que devem acompanhar os pais antecedentemente.

Todos teraõ tido muitas occasiões de observar, que de hum pai cheio de enfermidades nunca nasceo hum filho robusto: outro tanto digo da mãi. He logo preciso que para huma criança ser vigorosa, seus pais tambem o sejaõ, condiçaõ essencialmente necessaria. Ora ninguem póde dar-se os parabens de huma saude forte sem frugalidade, exercicio, e regularidade no viver. Por tanto os pais, que aspirarem ao prazer de pro-

---

filosofico. Naõ estou taõ pouco pelos vermiculos spermaticos de Lewenoeck. Os microscopios deste observador naõ só augmentavaõ os objectos, mas muitas vezes chegavaõ a fingilos. He mais provavel o que a razaõ dictou a Bonnet, e o que a experiencia mostrou a Haller nos ovos, e ultimamente a Spallanzani nas rans; vem a ser, que o feto já preexiste ou no ovo, ou nos ovarios da mãi, e que só espera a fecundaçaõ do macho, para se desenvolverem as suas partes. Isto com tudo naõ he quanto posso alcançar tão indubitavel, como o quer fazer o insigne observador Italiano. O que he certo he que esta grande maravilha se obra nos *ovarios*. A prova disto he terem-se achado fetos nas *trompas de Tallopio*, e ainda na cavidade do ventre. Querer porém, como elle pertende, que o *semen* prolifico do macho só sirva de estimulo ao feto já delineado, como se isto fosse geometricamente demonstrado, he affirmar mais do que se póde deduzir das suas experiencias. Naõ passarei adiante; mas sempre tenho para mim, que por mais que os Filosofos fiem, nunca poderáõ descortinar o véo, que esconde esta prodigiosa obra da geraçaõ.

procrear filhos vigorosos, e felizes, devem regular-se segundo os dictames da recta razaõ; covem a saber, devem nutrir-se de alimentos sãos, e ordinarios; respirar hum ar aberto, e corrente, e exercitar sem fadiga. Isto he quanto se póde dizer em geral; porque este objecto requer hum tratado particular, sobre o qual já tem trabalhado Authores de abalisado merecimento, taes Cheyne, Lorri, e ultimamente Pressavin. Elles podem servir de guia no que diz respeito a esta parte da Medicina, a que chamaõ Hygieine, liçaõ necessaria a toda a pessoa, que se quizer conservar em saude.

Outra condiçaõ muito attendivel he, que as idades dos consortes naõ sejaõ desproporcionadas, e que naõ pequem por diminuiçaõ, ou excesso. Nos climas temperados, como o nosso, diz Ballexserd na sua *Dissertaçaõ sobre a Educaçaõ*, o marido deve ter de 25, até 50, quando muito, e a mulher de 18, até 40, quando muito tambem. Na verdade este he o tempo em que a natureza, pondo termo ao crescimento, se conserva em seu vigor. He barbaridade sacrificar huma menina de 12, ou 14 annos nas mãos de hum velho de 60, ou 70, e ás vezes mais idade. Prescindindo dos motivos moraes, que vigor poderáõ ter os filhos deste desacisado consorcio? A mulher crescendo ainda naõ está certamente nas circunstancias de conceber, parir, e criar filhos. O marido, que já descahe, naõ póde ter hum *semen* taõ bem elaborado, e energico, que delle resultem filhos de boa constituiçaõ. He contra o bem do Estado, he contra a humanidade semelhante matrimonio: mas para com muitos póde mais a boa accommodaçaõ de huma filha, do que tudo quanto dicta a razaõ. Embora nasçaõ della filhos enfermos, e desgraçados, com tanto que sejaõ ricos. He em fim para notar que as idades se aproximem dentro dos limites assima prescritos o mais que for possivel, sen-

do ſempre a differença para mais da parte do varaõ; porque a natureza he mais tardia em o levar a eſtado de perfeiçaõ. Todos os animaes que ſe regem pelo ſimples inſtincto, tem, ſegundo as ſuas eſpecies, tempos certos para as ſuas primeiras nupcias: ſó nós havemos de tranſtornar a ordem da natureza; nós, que melhor deveramos obſervalla, pois além do inſtincto nos illumina huma razaõ: deſgraçada razaõ humana!

Deſtas reflexões facilmente ſe infere, que nunca deveriaõ caſar peſſoas attacadas de moleſtias, que taõ triſtemente nos tem moſtrado a experiencia ſerem contagioſas, ou hereditarias.

Suppondo porém que os pais tem huma boa conſtituiçaõ, e idade conveniente, ſe bem naõ deva ſer entendida em abſoluto rigor, porque huns chegaõ ao ſeu ultimo eſtado de perfeiçaõ primeiro que outros; paſſo a conſiderar a mulher já pejada. Aqui he que deve rigoroſamente começar a educaçaõ fyſica de huma criança. Do comportamento da mãi principia a depender a ſua felicidade, ou infelicidade; examinemos pois qual deva elle ſer.

Mas primeiro que tudo he ſummamente preciſo, que huma mulher pejada ſeriamente ſe perſuada de que ella ſendo, por aſſim dizer, depoſitária daquelle feto deve reſponder por tudo quanto lhe poder ſucceder de prejuizo á ſua conſervaçaõ; naõ menos do que ſe directamente concorreſſe para a deſtruiçaõ de qualquer peſſoa adulta. Algumas mãis depois de darem por qualquer exceſſo, ou deſordem occaſiaõ evidente a hum aborto, ſocegaõ a ſua conſciencia na idéa de que o feto ſó tem vida, iſto he, que a alma ſó lhe he infundida do quarto mez por diante, tendo em pouco todo o perigo anterior a eſte tempo. A tal modo de penſar deraõ occaſiaõ alguns Filoſofos, os quaes queſtionando ácerca do tempo da uniaõ da alma

com

com o corpo, ſeguíraõ aquelle parecer. He facil de ver o damno que póde provir de tal perſuaſaõ (1).

Logo que huma mulher fica pejada, ſe faz muito mais ſenſivel, do que dantes era, pelo muito que influe na ſua máquina o novo eſtado do utero, que nos primeiros tempos padece alguma irritaçaõ, a que depois ſe acoſtuma. Deſta mudança para maior ſenſibilidade facilmente ſe infere, que deve ſer mais regulada, naõ ſó no comer, e beber, mas tambem no ſomno;

(1) Diſcorrendo como Filoſofo, acho muito conforme á razaõ, que a alma he unida ao feto no acto da concepçaõ; pois ſendo, como fica dito, muito provavel que elle já preexiſte nos *ovarios*, eſperando que o *ſemen* do pai vá vivificallo: tambem creio ſer do meſmo gráo de probabilidade, que a alma lhe he communicada neſte meſmo acto da concepçaõ. Ninguem duvída de que a alma ſó quebra os laços que a prendem ao corpo na ultima expiraçaõ: naõ he pois bem racionavel o penſar que ella ſe une a eſte corpo no meſmo inſtante, em que elle entra a viver? Fallando porém ſegundo os principios do Chriſtianiſmo, naõ ſe deve abraçar outro ſentimento; porque a baſe fundamental da Religiaõ he que no meſmo inſtante, em que a alma he unida ao corpo, immediatamente incorre no peccado original: ora o momento em que contrahe eſta mancha he o da concepçaõ, ſegundo o teſtemunho de Eſcritura. Logo quando a mãi, por falta de zelo, e dos meios que eſtaõ na ſua maõ, vem a abortar, he rigoroſamente taõ homicida, como ſe concorreſſe para a morte de hum filho já creſcido. Naõ ſómente he homicida aquella, que barbara, e deliberadamente ſe ſerve de iniquos meios para mover; quaſi todas as que abortaõ o ſaõ igualmente; porque raros ſaõ os motivos, que naõ tem origem no ſeu pouco cuidado, e falta de regimen. Se ellas bem ſe deixaſſem levar da importancia do que fica dito, ſeriaõ mais exactas em evitar tudo que póde ſer nocivo a ſi, e ao feto de que ſaõ depoſitarias; paſſariaõ melhor, e teriaõ prenhezes, e partos mais felizes. O feto receberia boa nutriçaõ, e naſceria livre dos males, que de certo lhe faraõ guerra a naſcer de mãi menos prudente.

mno; no exercicio que ha de fazer, ou deixar de fazer; e finalmente na pureza, e temperança do ar, em que deve viver.

A comida no principio da prenhez deve ser alguma cousa menos do costume; porque o feto nos primeiros dous, ou tres mezes, tempo em que rigorosamente se lhe póde chamar embriaõ, pela sua pequenhez precisa de pouca nutriçaõ: e a natureza providamente faz com que neste tempo haja fastio, vomitos, &c. Crescendo porém a prenhez, deve tambem crescer a comida; porque assim o requer a nutriçaõ do feto.

He costume entre muitas sangrarem-se infallivelmente no meio do tempo, e ás vezes tambem no fim. Quando a necessidade naõ urge, he pessimo costume, e quando a ha, todo o tempo he a proposito. Ordinaria faz-se a sangria mais necessaria do terceiro para o quarto mez; tempo em que costumaõ succeder os movitos pela abundancia de sangue, que resulta da suspensaõ dos menstruos, e de naõ ser todo dispendido na simples nutriçaõ do feto. O que tudo vem a provar, que nestes primeiros mezes se use de menos alimentos, e de facil digestaõ; naõ só pela maior sensibilidade, mas tambem pelo máo estado do estomago: sobre isto porém naõ se podem dar regras certas; porque aquella comida, que para huma he ordinaria, e do costume, para outra será grande dieta, e reciprocamente fallando. Em geral se póde dizer, que se deve fugir de cousas acres, salgadas, muito adubadas; porque tudo isto póde exasperar, e pôr em grande irritaçaõ o systema nervoso; e esta desordem ha de necessariamente chegar ao feto, sem ainda me lembrar dos máos fluidos, que semelhantes comidas subministraõ. Pelos mesmos motivos se deve fugir de bebidas espirituosas: aquellas mulheres porém que costumaõ usar de algum vinho, ou o deveráõ beber fraco, ou diluillo com agua.

Ne-

Nenhuma mulher pejada deve jejuar; porque nos primeiros dous, ou tres mezes todas padecem mais, ou menos incommodos: depois deſte tempo algumas he verdade que paſſaõ bem, mas entaõ naõ ſó precíſaõ comer mais por cauſa da nutriçaõ do feto, que creſce de dia em dia, mas de nenhuma ſorte podem comer ao jantar quanto baſte para paſſarem á noite ſó com a conſoada; pois neſte eſtado o ventre creſcido comprime o eſtomago, que aſſim naõ póde admittir tanto comer junto. O unico modo de remediar iſto, he comendo menos, mas a miudo; e quem faz iſto, naõ jejua.

Devêraõ principalmente nos primeiros mezes dar mais algum tempo ao ſomno, e ao deſcanço; porque eſtes ſaõ os melhores calmantes que ſe podem applicar á ſenſibilidade dos ſeus nervos. Quando digo iſto naõ entendo o abuſo do ſomno, quero dizer, que ſe fóra deſte eſtado huma mulher dormia ſete horas por exemplo, deve dormir oito. Quando digo tambem que preciſa de deſcanço, naõ digo que ſe deixe ficar na cama hum dia todo, mas ſim que ſe he peſſoa coſtumada a grande lida, que a haja de moderar. Ao contrario recommendo que as mulheres de vida muito ſedentaria devaõ fazer todo o exercicio proporcionado ás ſuas forças. Sem exercicio ninguem póde gozar de ſaude conſtante. Vejamos porém como deve ſer o de huma mulher pejada. Deve fugir de andar a cavallo; porque deſte movimento póde facilmente reſultar aborto por effeito das concuſsões que padece o utero. Naõ he tambem muito ſeguro andar em carroagem por calçadas, e lugares pedragoſos. Alguns recommendaõ que a ſahir aſſim, ſeja muito de vagar, penſando evitar deſte modo os ſaltos della. Aos Fyſicos a razaõ moſtra o contrario; e a todos deſenganará a experiencia de que em trote ordinario melhor ſe vencem os obſtaculos, e por conſequencia menos ſe ſentem os ſaltos.

Naõ

Naő devem ſer menos evitadas as contradanças; o levantar pezos, ou fazer outros quaesquer movimentos violentos. Todos teraő tido occaſiões de ver as más conſequencias deſte incauto procedimento: e qualquer que tenha huma leve tincłura da economia animal, facilmente entrará nas razões deſtes conſelhos.

Todos os Authores, reconhecendo que no campo he que ſe reſpira hum ar puro, e aberto, e que eſte influe muito na conſervaçaő dos animaes, aconſelhaő ás mulheres pejadas o ar campeſtre. Como porém nem todas podem pôr em prática eſta ſaudavel advertencia, direi que ao menos nas grandes povoações devem procurar ruas largas, limpas, em bairros elevados, e que as caſas naő fiquem vizinhas a cemiterios, ou a officinas, que inficionem o ar com ſuas exhalações, taes ſaő fábricas de cortir couros, de fazer oleados, as tintorarias, &c. Mas como ha de huma mulher pejada mudar-ſe de huma rua daquellas, e de huma vizinhança deſtas, ſe ahi ella tem com a ſua familia a ſua ſubſiſtencia?

Naő ſe deve antes pedir a quem compete, que cuide muito na limpeza das ruas, que as mande alargar, ſendo taő eſtreitas, que nem haja dentro dellas circulaçaő de ar novo, e que em fim mande para os arrabaldes todas as officinas, que inficionaő a atmosfera das Cidades, já de ſi pouco pura?

Huma mulher pejada naő deve expôr-ſe á intemperie dos tempos; porque o ar muito frio, ventoſo, e humido póde facilmente embaraçar a tranſpiraçaő, cauſar febres, toſſes, &c., e tudo iſto dará occaſiaő a máos ſucceſſos. O ſeu corpo neſte eſtado mais ſenſivel, e irritavel, eſtá muito ſujeito a padecer os damnos da intemperança da atmosfera.

Naő ſe póde todavia deixar de condemnar o demaziado melindre de muitas ſenhoras de qualidade, e a ſeu exemplo, de muitas que o affectaő, as quaes

paſ-

paſſaõ os dias em huma camara envidraçada, forrada, e alcatifada, com fogareiros, ou fogões accezos, de maneira que quem entra de fóra, ſe ſente quaſi ſuffocado. Tal atmosfera naõ póde deixar de trazer mil conſequencias funeſtas ás mãis, e aos innocentes fetos.

A ſituaçaõ, que o Author da natureza ordenou ao feto no utero da mãi, he taõ favoravel ao ſeu creſcimento, que á proporçaõ creſce mais em nove mezes, do que no reſtante da ſua vida. Poſto, e como ſuſpenſo no meio de hum licor morno, ſem experimentar a mais leve compreſſaõ das membranas, em que eſtá mettido, tem a mais bella poſiçaõ, para que ſeus membros ainda taõ tenros poſſaõ á vontade creſcer; e naõ fazem eſtorvo á dilataçaõ do utero os muſculos, e pelle do baixo ventre da mãi por ſerem muito flexiveis. Muitas mãis porém rebeldes á voz da natureza parecem contrariar o bom exito das ſuas diſpoſições. Cegas pelos ridiculos prejuizos do noſſo ſeculo, que lhes fazem crer deshonroſo o que foi ſempre, e na verdade o he, a ſua principal gloria, procuraõ por todos os meios occultar aos olhos do mundo a ſua fecundidade: e para iſto principalmente lançaõ maõ dos eſpartilhos, ſem ſe lembrarem dos damnos, que eſta compreſſaõ de neceſſidade ha de cauſar a ſi, e ao feto, que pouco menos he que eſmagado neſta prenſa, vindo iſto a ſer cauſa de muitos partos deſgraçados, e naõ menos de aleijões.

A regra geral pois he, que nem com eſpartilhos, nem com veſtidos, nem com cintas, e nem de alguma outra ſorte devem fazer aperto ao ventre, ſeguindo niſto os paſſos da natureza. E como as mulheres em tal eſtado cahem mais facilmente pela mudança do ſeu centro de gravidade, devem trazer ſaltos baixos, e largos, para melhor ſe firmarem nos pés.

O ſocego de eſpirito he o maior bem, que ſe póde

de possuir na terra. A violencia das paixões he ao contrario o commum verdugo da saude. E quanto o naõ será de huma mulher pejada? Deve por tanto evitar, quanto está na sua maõ, todas as occasiões de tristeza, colera, e até de alegria excessiva; porque todas as paixões em geral levadas a certo gráo alteraõ summamente toda a economia animal. Oxalá puderamos sempre praticar esta verdade, que a todos he patente!

Authores de toda a fé pública referem factos, com que pertendem provar a grande influencia da imaginaçaõ das mãis nos seus fetos. Entre outros só apontarei Van-Swieten, que faz mençaõ do seguinte successo: Huma mulher de Lyaõ estando em vesperas de parir, foi accommettida por seu marido, que estava accezo em ira, e com hum alfange lhe fez tiro á cabeça. A mulher evitou fugindo os effeitos da sua colera: mas depois pario hum filho com a cabeça aberta na mesma parte, em que esteve para ser ferida. Ao nascer correo o sangue em tanta quantidade, que naõ pôde sobreviver á tal hemorragia. Se este respeitado Author dissesse, que presenceára este accidente, e que com seus olhos examinára que a ferida naõ tinha sido feita no parto, ainda assim naõ sei como me poderia accommodar; mas diz que nada disto houve, pelo que fica livre á nossa razaõ o duvidar. E como hei de eu crer que a criança teve a cabeça aberta naquelle sitio, em que a mãi esteve para ser ferida? E se com effeito assim foi, porque razaõ naõ morreo no mesmo instante da ferida? Que cousa reteria o sangue, para que só sahisse no instante do parto?

Menos fé merecem ainda outros factos mencionados por alguns observadores. A razaõ, ao menos a minha, taõ longe está de apadrinhar semelhantes idéas, que antes as qualifica de quimericas: e para que he ir buscar a causa de hum fenomeno extraordinario, como

mo he naſcer huma criança com certas partes do corpo cubertas de pêllos, com augmento, ou diminuiçaõ de qualquer membro, na eſquentada imaginaçaõ de huma mãi ſuperſticioſa, que ſe aſſuſtou com a viſta de certo animal, ou que ſe horrorizou com a disformidade de hum aleijado, &c.? Os vicios de organizaçaõ naõ ſaõ mais frequentes nos animaes, do que nos vegetaes; e acaſo terá a terra com a ſua imaginaçaõ influencia neſtes monſtros? Ninguem o dirá.

Ainda porém que nada creia neſtas influencias, naõ duvido do damno que póde receber huma mulher pejada da viſta de hum objecto, que a horrorize, ou aſſuſte; mas he pela viva impreſſaõ, que póde facilmente pôr os ſeus nervos em deſordem, e alterar com a ſua a ſaude do feto. Nem he para louvar o coſtume de andarem pelas ruas pobres disformes, fazendo triſtes, e eſtudadas lamentações; aſſim como o de ſe appreſentarem ás portas dos Templos, e lugares publicos. Embaladas quaſi todas as mulheres com eſtas, e ſemelhantes idéas, ſaõ martyres da ſua fantaſia; porque muitas vezes podem receber damnos, de que eſcapariaõ, ſe de taes couſas naõ fizeſſem caſo.

Saõ muito mais para deſprezar as afflicções, que tomaõ para cumprir os ſeus chamados deſejos, aſſentando comſigo que a naõ ſatisfazellos ou movem, ou ſeus filhos traraõ certos defeitos relativos aos meſmos deſejos. Creio que a primeira que tal inventou, ſó teve diante dos olhos o ſer mais obſequiada, e obedecida do marido, que ſe deo á credulidade. Só reparo que os deſejos naõ ſe eſtendem a mais, que a couſas de comer, e menos mal para os pobres maridos. Por iſſo que huma pejada deſejou por exemplo figos, e os naõ comeo, o filho ha de naſcer com ſignaes ſemelhantes a elles. Se com effeito os deſejos tiveſſem eſta admiravel influencia, quantas crianças (ſe he que as couſas ſérias admittem jovialidades) naſceriaõ conver-

tidas em fittas, em brincos, em carroagens da moda, &c.? Confeſſo que a perſuaſaõ em que vivem de ſer iſto verdade, e a afflicçaõ de que ſe preoccupaõ, por naõ poderem ſatisfazer os taes deſejos, póde muito bem deſordenalas; mas iſto he ſimples effeito da ſua imaginaçaõ. Aquellas que quizerem tomar o trabalho de ſe desfazerem deſtas preoccupações, e reſiſtirem ás ſuas primeiras lembranças, conheceráõ evidentemente o o erro que as dominava.

Concluirei finalmente eſte Capitulo, advertindo que as mulheres pejadas devem ſer muito moderadas em ſatisfazer os prazeres conjugaes, e muito eſpecialmente no principio, e no fim das ſuas prenhezes: no principio, por cauſa da irritabilidade augmentada; no fim pela compreſſaõ, que padece o ventre já entaõ aſsàs volumoſo. Ballexſerd inteiramente prohibe o menor ajuntamento em todo eſte tempo, trazendo por prova, que os outros animaes aſſim o fazem; mas iſto naõ conclue, porque os outros animaes tem ſeus tempos fixos, e determinados para a procreaçaõ da ſua eſpecie; ao homem porém naõ taxou a natureza eſtes tempos; logo daquelles naõ ſe devé concluir para eſte. E ſe foſſe preciſa eſta inteira continencia, naõ vingaria huma ſó criança. A's vezes o peor he pedir muito, porque entaõ nada ſe alcança. Em tal caſo ſó ſe deve pertender prudencia, e moderaçaõ.

CAPITULO II.

Logo que a criança nasce, deve ser separada dos pés da mãi, cortando-se o cordaõ umbilical; e como deve elle ser ligado.

MUito poucos saõ os animaes de qualquer classe que sejaõ, que tenhaõ o mesmo tempo de incubaçaõ, ou prenhez. As mulheres, regularmente fallando, gastaõ nove mezes em concluir esta obra; mas isto naõ se deve entender com exactidaõ Mathematica, naõ só porque ao certo naõ se póde bem averiguar o instante da concepçaõ, mas tambem porque, reflectindo hum pouco, se vê que segundo certas circunstancias, poderá anticipar-se, ou prolongar-se o parto mais, ou menos alguns dias. Se olharmos para os fructos, que tem seus tempos determinados para amadurecerem, veremos que seguem nisto o curso das estações: se ha frio mais se demoraõ; se calor mais se anticipaõ. Nas gallinhas todos os dias se observa, que ellas tendo regularmente de chôco vinte e dous dias, estes muitas vezes se atrazaõ, ou adiantaõ, segundo as variedades do tempo que corre.

Chegado o nono mez, entra o utero a contrahir-se; seguem-se as dores; e por huma força mecanica a criança, rompendo as membranas em que estava encerrada, he expellida do ventre materno. Querer indagar a causa, por que só no fim deste tempo a natureza promove o parto, he perder tempo em cousas de nenhuma utilidade, na certeza de que no fim estaremos mais longe da verdade, do que no principio. Assim como a pera, por exemplo, estando em quanto verde taõ agarrada ao seu ramo, que nem qualquer força a derriba, quando chega á sua perfeita madureza, por si se despega, e cahe, sem sabermos dar a ra-

a razaõ : do meſmo modo ſuccederá com o feto no ventre da mãi , o qual em quanto eſtá , direi aſſim , verde , facilmente ſe naõ deſpega ; mas logo que chega a tocar o termo da ſua perfeiçaõ , fica como hum corpo eſtranho , e he regeitado pela natureza.

Se huma mulher pejada tiver obſervado o regimen de vida, expoſto no Capitulo precedente , he bem crivel que tenha hum parto feliz. O parto , fallando em rigor , naõ he, como vulgarmente ſe penſa , huma enfermidade ; porque entra na ordem da natureza , e ſó ella deve ſer o unico agente deſta obra. Todos os animaes parem ſem eſtrondo , e ſem parteira , todos ſe reſtabelecem logo depois do parto : naõ ſuccederia o meſmo ás mulheres , ſe ſe naõ deſviaſſem dos caminhos da natureza ? Tenho para mim , que ſim ; porque á proporçaõ que ellas ſaõ menos civilizadas , e melindroſas , menos perigo experimentaõ nos ſeus partos , de maneira que as ſalvagens naõ parem com mais reſguardo do que as feras , que lhes fazem companhia nas ſuas hermas habitações. Mas já que as grandes Sociedades nos tem affaſtado taõ grandemente do que deveramos ſer , naõ devem as mulheres em tal eſtado tratar-ſe com tanta indifferença.

Muitos ſaõ os Authores , que dignamente tratáraõ de partos , e do modo , por que ſe devem portar as mulheres que eſtaõ para parir : a elles póde recorrer quem quizer inſtruir-ſe neſta materia , que me levaria mui longe do meu objecto principal , que he a criança , a qual já vou ſuppôr naſcida (1). Em geral ſó direi , que nunca deve a parturiente prevenir os ſeus esforços para o parto , ou , ſegundo a expreſſaõ vulgar , tomar puxos antes do tempo , em que o colo do utero ſe acha inteiramente dilatado , condiçaõ eſſencialmen-

(1) Baudelocque , Mauriceau ; Smellie , Levret , Buzos ; Roederer , Saxdorf , e outros de igual nota.

mente precifa. A violencia das dores, e o mefmo impulfo da natureza a obrigaráõ a efte acto. Ao parteiro porém dará a conhecer, que he chegada a occafiaõ, o conhecimento fyfico do eftado do utero.

Nafcida pois a criança, a primeira coufa que ha para fazer he cortar-fe-lhe o cordaõ umbilical. O pedaço que fica da parte da mãi, nunca fe deve ligar; e o que fica da parte da criança, deve fer ligado o mais depreffa que for poffivel: he precifo porém advertir que nas crianças, que por abundancia de fangue motivada pela demora, e trabalho do parto, nafcem com o femblante arroxado, ou denegrido, fó fe deve fazer a ligadura, depois de fe deixar correr do cordaõ algum fangue (1).

O modo de fazer a ligadura he atar o cordaõ com

(1) Huns procuraõ fazer efta operaçaõ o mais breve que podem; outros coftumaõ differilla alguns minutos. Baudeloc que he da opiniaõ daquelles, e diz que a razaõ que o move, he ver que a criança precifa de ar puro, e temperado, o qual fó póde convir á delicadeza de feus orgãos; e que aos pés da mãi fó refpira hum ar humido, e infectado.

O coftume geralmente abraçado he fazerem-fe duas ligaduras, huma da parte da mãi, outra da do feto. Diz o mefmo Author (pag. 288. Part. I.) que eftas ligaduras naõ parecem fer effencialmente neceffarias na ordem natural. O cordaõ cortado algumas pollegadas abaixo do embigo, lança meia onça, ou, quando muito, huma onça de fangue; por cuja razaõ, conclue o mefmo Author, efta ligadura he defneceffaria no primeiro movimento, e em algumas circunftancias nociva. As crianças que abundaõ de fangue, e que tiveraõ hum nafcimento mais trabalhofo, e demorado, vem com o femblante livido, e com embaraços fanguineos nas principaes entranhas: nefte cafo he precifo fazer-lhe huma fangria pelo cordaõ cortado; e fe for anticipadamente feita a ligadura, efta, retendo o fangue que devêra correr, poderá caufar-lhes a morte. Quando porém a criança nafce fóra deftas circunftancias, entaõ he melhor proceder de antemaõ á ligadura da parte da criança; naõ porque effa pequena por-

com ſinco, ou ſeis fios de linha ordinarios duas pollegadas abaixo do embigo, dar depois ſegunda volta, e apertar ſufficientemente com dous nós. Se o cordaõ vier

---

çaõ de ſangue a haja de matar; mas para que he perdella ſem neceſſidade?

Da parte da mãi porém nunca ſe deve ligar o cordaõ; porque além de naõ ſer preciſo, he muitas vezes prejudicial, embaraçando a diminuiçaõ do volume da placenta, ou pareas, o que póde difficultar, ou impoſſibilitar a ſua ſahida; e iſto he muitas vezes de grande conſequencia. Eſta he a prática, diz o Author citado, que ſempre ſegui, e enſinei. E Smellie antes delle já tinha reconhecido todas as vantagens deſta meſma prática.

Algumas crianças naſcem em tal eſtado de debilidade, que mais parecem mortas, que vivas. O ſemblante palido, e os membros frôxos, e inſenſiveis, daõ indicios da vizinhança da morte. A eſtas, diz Plenck no ſeu *Tratado da Arte Obſtetricia* pag. 67. , naõ ſe deve cortar o cordaõ umbilical, excepto no caſo de já eſtar a placenta deſpegada do utero; mas primeiro ſe deve cuidar em animalas. As crianças porém que naſcem vigoroſas, quer elle que logo ſe ligue o cordaõ, no que concorda com Baudelocque; mas eſte nem ainda no caſo de ſumma debilidade admitte demora. A razaõ, que perſuade a Plenck, e aos que o ſeguem, a naõ cortar immediatamente o cordaõ em caſo de desfalecimento, he a falſa perſuaſaõ de que a criança ainda fóra do utero he vivificada pelo ſangue da mãi; mas eſta precauçaõ, diz Baudelocque, naõ ſó he inutil, mas póde ſer muito nociva; inutil porque a paſſagem reciproca do ſangue do utero para a placenta já a eſte tempo ſe naõ faz; e a circulaçaõ no cordaõ eſtá quaſi extincta; nociva porque por eſte eſperado ſoccorro he a criança privada de outros mais reaes, e efficazes, que ſó lhe podem miniſtrar depois de apartada da mãi.

Deve-ſe pois neſte caſo de grande debilidade ſeparar logo a criança, e depois tentar as fricções ſeccas feitas por todo o corpo: deve-ſe introduzir no bofe o bafo de huma peſſoa adulta, unindo boca com boca, irritar o nariz com as barbas de huma penna, e deitar pela boca huma colheri-

vier cheio de gordura, ou de sôro, recommenda Baudelocque que se faça segunda ligadura quatro, ou sinco linhas abaixo da primeira; porque esta ainda que pareça sufficientemente apertada, naõ he bastante para impedir o impulso do sangue; pois algumas vezes se tem visto morrerem crianças de hemorragias pelo cordaõ nos dous dias seguintes ao parto, por se lhes naõ ter feito bem a ligadura. Outros, como Plenck, mandaõ fazella sinço, ou seis pollegadas abaixo do embigo, e que se corte outra pollegada abaixo, para depois se voltar esta parte para sima, e fazer-se segunda ligadura sobre a primeira. Mas o comprimento dado ao cordaõ he muito; e em quanto ao mais vem a dar no mesmo; porque em todo o caso o cordaõ se volta para sima, e fica unido á criança. A condiçaõ pois essencial he que a ligadura se faça com linho, e naõ com seda, e que fique sufficientemente apertada, mas de fórma que o aperto corte o cordaõ.

Algumas parteiras, presumidas de mais intelligentes, com os dedos espremem para sima o cordaõ, introduzindo na criança o sangue, e linfa contidos nelle. Este costume he pessimo, porque assim se mette nos vasos da criança hum sangue alterado pelo toque do ar. Outras ao contrario espremem o cordaõ para baixo, persuadidas de que neste pouco de humor que sahe, se lança fóra o *germen* de muitas enfermidades para o futuro. Isto he futil; mas daqui nenhum mal póde vir nem á mãi, nem á criança.

---

nha de agua com huma, ou duas gottas de Alkali volatil. Algumas crianças, diz o mesmo Author, a quem escaçamente se prestáraõ alguns destes soccorros, ou talvez a quem os tinhaõ negado por se supporem mortas, foraõ achadas vivas muitas horas depois dentro dos pannos, em que já as tinhaõ como enterradas. O que faz crer, que se poderia salvar grande número de outras, se mais seriamente se cuidasse na sua conservaçaõ.

CAPITULO III.

Do quanto he nocivo o frio no inſtante do naſcimento.

O Que diz Mr. Armſtrong, pag. 148, me parece taõ arrazoado, que merece bem ſer copiado. Antes de entrar, diz elle, a tratar miudamente do modo de alimentar, e dirigir huma criança, creio ſer neceſſario dizer de antemaõ, que todas as cautelas ſaõ poucas para ſe reſguardar do ar frio huma criança quando naſce. Inſiſto mais neſta advertencia, porque, principalmente entre o povo miudo, o ar frio he a origem mais ordinaria das doenças das crianças, e a cauſa primeira da ſua morte: he importantiſſima a perſuaſaõ deſta verdade. Quantas vezes naõ temos ouvido dizer, que huma criança ſendo ao naſcer bella, forte, e bem feita, nunca pôde medrar? Se bem conſiderarmos a repentina paſſagem que faz a criança do ſeio da mãi para o ar atmosferico, ainda em hum quarto que naõ he frio, faz admiraçaõ que naõ ſeja logo traſpaſſada de frio, principalmente de Inverno. Além diſto acontece muitas vezes que a parteira, e as de mais peſſoas preſentes ſe intereſſaõ tanto pela mãi depois de hum parto mais trabalhoſo, que pouco cuidaõ da criança, ſe he que de todo ſe naõ eſquecem: e he o que ordinariamente ſuccede entre a gente menos bafejada da fortuna, por falta de peſſoas, que neſta occaſiaõ lhe preſtem os officios de humanidade. Por iſſo as ſuas crianças mais vezes ſaõ tomadas do frio, e do defluxo.

O frio no acto do naſcimento, ou hum defluxo, expõem as crianças a outros accidentes, que injuſtamente ſe attribuem a cauſas differentes. Fui huma vez chamado para ver huma criança de quaſi quatro mezes,

zes, a qual havia quatro dias eſtava atormentada de dores pelo ventre, com diarrhea aquoſa, e aphthas. Em virtude de hum tratamento conveniente a febre ſe diſſipou, e as aphthas deſapparecêraõ. Pouco depois tornou a adoecer, e morreo. A criança tinha ſido creada á maõ, porque a mãi naõ eſtava em eſtado de lhe dar de mamar. A mulher que a creava me diſſe, que ella nunca medrára por effeito de hum frio, que apanhára no ſeu naſcimento. Naõ aproveitando os remedios preſcritos na recahida, pedi a permiſſaõ de a abrir.

Achei os inteſtinos ſaõs, mas vaſios; o figado, e o pancreas em bom eſtado, menos a parte convexa do figado, que eſtava muito adherente ao diafragma. O baço era de notavel pequenhez, formando huma eſtreita adherencia com o eſtomago em todos os pontos, em que dantes havia contiguidade; o que, ſegundo entendo, embaraçou o ſeu creſcimento. O eſtomago moſtrava naõ ter tido leſaõ; mas na parte em que a borda ſuperior do baço lhe eſtava adherente, as tunicas eraõ taõ delgadas, que baſtava tocar-lhes brandamente para ſe deſpedaçarem.

Quando vi eſtas adherencias, perguntei ſe a criança fôra ſujeita a febres. Sim, me diſſeraõ; e muitas vezes de máo caracter, logo do ſeu naſcimento. Com tudo a criança tomava bem pelo commum os ſeus alimentos, e moſtrava mais nutriçaõ, do que ſe devia eſperar do ſeu eſtado doente. Quiz ſaber porque a tinhaõ tratado com tanta negligencia quando naſceo. Reſpondêraõ-me, que immediatamente depois do parto a parteira fôra chamada pelo ſeu marido, que eſtava em baixo, e que ella deſcêra precipitadamente, deixando a criança aos pés da cama, aonde ficou perto de meia hora. Foi muito deſprezar a mãi, e a filha. He para deſejar que tal imprudencia nunca ſuccedeſſe; e que huma parteira em taes circunſtancias naõ tenha negocio de maior importancia.

As adherencias mencionadas naõ moſtravaõ bem; que houvera alguma inflammaçaõ nas partes attacadas? A ſangria ou com a lanceta, ou com as ſangueſugas, naõ ſeria util depois de hum frio taõ forte, principalmente havendo febre?

CAPITULO IV.

Qual ſeja o verdadeiro modo de lavar as crianças.

HE para laſtimar que até nas couſas, que á primeira viſta moſtraõ ſer palpaveis, Authores de reconhecido merecimento ſigaõ veredas taõ oppoſtas, que da ſua liçaõ mais ſe tire preplexidade, do que verdadeiro conhecimento do que devemos praticar. Iſto he o que ſuccede quando trataõ da lavagem das crianças: eſcolhamos porém de cada hum o que a razaõ apadrinha, naõ nos cegando com o eſpeſſo véo da authoridade.

As crianças quando ſahem do utero, naõ ſó trazem nos inteſtinos, na baxiga, e ainda no eſtomago excrementos, que devem ſer expellidos; mas vem mais, ou menos cubertas de huma pommada viſcoſa, ſedimento do liquido em que eſtiveraõ mergulhadas; e que ao naſcer lhes he utiliſſima, pois ſerve de ſabaõ para melhor eſcorregarem quando vem á luz. Eſta pommada porém depois de naſcidas em vez de util ſe torna prejudicial, eſtorvando a livre tranſpiraçaõ da pelle: he por tanto eſſencial o cuidado da ſua limpeza; porque em geral a baſe da ſaude he a regularidade com que ſe faz a tranſpiraçaõ inſenſivel.

Quaſi todos concordaõ em que a primeira lavagem deve ſer morna. A agua pura he o liquido proprio; e ſe for muito tenaz eſta pommada, poder-ſe-ha deſfazer na agua hum bocado de ſabaõ, que falicitará a limpeza. Deve-ſe regeitar o coſtume de ajuntar mantei-

teiga, ou quaesquer outras ſubſtancias oleoſas, com que alguns pertendem desfazer melhor eſte grude. Nem taõ pouco ſe uſe de liquidos eſpirituoſos. Os Francezes miſturaõ duas partes de agua a huma de vinho: ſó admitto eſta porçaõ de vinho no caſo de naſcer a criança muito debil, e deſanimada. Mr. Hamilton em geral condemna toda a ſuſtancia eſpirituoſa, ainda neſte caſo que juſtamente exceptuo: mas os motivos que dá ſaõ a favor da meſma excepçaõ; pois diz, que o vinho em lavagem entra pela pelle, e vai fazer o meſmo que ſe foſſe ao eſtomago; mas eſta he a meſma razaõ, por que o applico, aliàs era baldado o trabalho. Quando diz que ſe podem irritar os olhos com alguma porçaõ que nelles caia, que pezo nos póde fazer, ſe eſtá na maõ de quem lava o evitar eſte damno?

Deve-ſe continuar eſta lavagem com agua morna regularmente todos os dias, lavando a cabeça, e todo o corpo, e havendo ſempre cuidado de viſitar os ſovacos, e verilhas, por ſerem partes que com facilidade ſe ferem; e caſo que ou por menos cuidado, ou por ſe naõ poder evitar, ſe formem taes excoriações, naõ he preciſo mais que apolvilhallas com pós do cabello puros, e ſem miſtura de cal, que coſtumaõ fraudulentamente ajuntar no commercio.

Paſſado o primeiro mez, no qual ſe terá ſempre uſado de lavagem morna, pouco e pouco ſe deverá ir paſſando a lavallas com huma eſponja molhada em agua fria. Ainda que iſto a principio cauſe alguma leve eſtranheza, em pouco tempo naõ ſó ſupportaõ com indifferença a ſimples lavagem, mas até com a continuaçaõ chegaõ a goſtar dos meſmos banhos frios na força do Inverno.

A razaõ que me convence a aconſelhar o uſo da agua tepida no primeiro mez, e a ir depois paſſando devagar á lavagem a principio com a eſponja molhada he, I. o lembrar-me dos graviſſimos damnos, que

Mr.

Mr. Armſtrong obſervou ſobrevirem ás crianças, que por imprudencia eraõ expoſtas ao frio logo que naſciaõ: II. ſaber que ainda depois de limpa eſta ſubſtancia viſcoſa, de que vem cubertas, o tecido cellular fica embebido de ſuperabundancia de muco, o qual ſe conſervaria fixo, ſe nos primeiros dias ſe uſaſſe da agua fria, naõ podendo reſolver-ſe, nem diſſipar-ſe pela tranſpiraçaõ o que ſe conſegue com a tepida: III. a demaſiada ſenſibilidade com que naſcem naõ ſoffreria bem o rigor da agua fria, muito principalmente de Inverno; e naõ deixa de haver obſervações funeſtas de convulsões, cauſadas pelo anticipado, e indiſcreto uſo dos banhos frios.

CAPITULO V.

A utilidade dos banhos frios provada pela razaõ; pela prática dos Antigos, e pelo exemplo dos póvos do Norte.

BEm contempladas as propriedades da agua fria, e da quente, manifeſtamente ſe conhece que os effeitos daquella devem ſer oppoſtos aos deſta. A fria corrobora, e dá tom á fibra animal; a quente a relaxa, e enfraquece exceſſivamente. Naõ he pois indifferente o applicar os banhos de huma, ou outra, como por miſeria ainda hoje em dia alguem penſa. He neceſſario o exacto conhecimento do eſtado do corpo, a que ſe haõ de applicar. A fibra das crianças he molle, froxa, e quaſi ſem acçaõ; pelo que mal ſe póde accommodar com os continuados banhos da agua morna, que lhes augmenta a ſua natural languidez, e inercia. Saõ-lhes logo unicamente applicaveis os da agua fria, que ſeguramente emendaõ aquelles defeitos inſeparaveis da ſua primeira organizaçaõ. Iſto em quanto ao que ſimplesmente dicta a razaõ.

Si-

Sigamos exactamente este uso, se quizermos desde logo dar huma tempera rija ao corpo das crianças, e fazellas insensiveis á intemperie das estações. A seu tempo tambem os poderemos gradualmente ensinar a soffrer o ardor dos mais quentes dias do anno, para que em todas as circunstancias, em que pelo decurso da vida se acharem, supportem sem trabalho o excessivo rigor do frio, e o ardor do Sol.

Mas esta saudavel prática será sem dúvida embargada pela cega ternura das mãis, que resguardando seus filhos até do mesmo ar puro, os vaõ dispondo a serem mais melindrosos, que o vidro. Enganai-vos, mãis crueis, pois por mais que confieis na vossa riqueza, e estudado melindre, naõ os podereis libertar das leis da natureza. Ellas abrangem a todos; e se algum escapa, he só aquelle que naõ procura fugir-lhes. Procurais, he verdade, poupar-lhes o pequeno incommodo de hum banho de agua fria. Para que se naõ constipem, dizeis vós, tragamo-los sempre abafados: o calor he quem os cria. E com effeito conseguís trazellos pouco menos que em huma estufa; mas quanto o naõ sentiráõ, quando se virem froxos, languidos, sem aquelle vigor, e alegria, que só póde dar a saude? Ensinai por tanto a vossos filhos a supportarem com igualdade de animo aquillo, que depois naõ poderáõ evitar. Preparai-os anticipadamente a todos os accidentes, que pela mobilidade das cousas, ou pela encadeaçaõ dos successos, se levantaõ no meio das maiores felicidades. Este será o melhor patrimonio, que lhes podereis deixar.

Naõ he muito para admirar que depois de hum mez se vaõ insensivelmente costumando as crianças ao toque da agua fria, quando os antigos (*) Germanos, e os (**) Celtas hiaõ mergulhar seus filhos na corrente

(*) Galeno. (**) Aristoteles na sua Politica.

te de hum rio, logo que sahíaõ do utero, pertendendo assim conhecer a força do recemnascido, bem como aquelle que para dar tempera ao ferro, o mette em braza dentro da agua fria. Estes eraõ, diz Galeno, aquelles corpos, cuja estatura, e robustez faziaõ espanto aos Romanos. Mais do que isto fazem no Brasil alguns Gentios; pois consta que as mulheres immediatamente acabaõ de parir, vaõ com seus filhos recemnascidos metter-se na corrente dos rios. Estes saõ aquelles homens, cuja força, e vigor admiráraõ os Europeos, e ainda hoje em dia se admiraõ.

He porém grandissimo absurdo querer sem limitaçaõ imitar o exemplo destes póvos, tendo nós hum genero de vida taõ differente. Os nossos corpos taõ pouco capazes de soffrer a impressaõ de hum frio repentino; a nossa vida molle, e delicada; a nossa educaçaõ, que naõ he certamente para comparar com a das mulheres daquelle tempo, nos fazem perder todas as vantagens, que prudentemente se poderiaõ esperar destes primeiros banhos. Seria preciso ter a mesma robustez de fibra, que tinhaõ os filhos daquelles antigos Celtas, e Germanos, para tirarmos de tal prática o mesmo fructo que elles. Vivamos do mesmo modo, e nossos filhos supportaráõ o que supportavaõ os seus.

Naõ só temos nos Antigos que notar, a respeito dos banhos frios das crianças; mas tambem sabemos que ainda os adultos, e velhos naõ receavaõ tomallos como remedios efficazes. Seneca, este Filosofo, cujas sentenças tem servido de texto aos mais consummados dos modernos, diz, que elle, se bem que muito entrado em annos, se servia delles pelo Inverno. Dir-mehaõ que talvez Seneca o fizesse levado da austeridade dos principios da sua Filosofia: embora assim fosse; o que faz ao nosso caso he a certeza, que dá de lhe fazerem beneficio. E que se dirá de Horacio? Sabemos

que-

que nenhuma Seita o arraſtava, e que naõ pertendia affectar as auſteridades dos Eſtoicos. Todavia elle nos affirma, que na força do Inverno ſe banhava em agua frigidiſſima (*):

Gelidâ cum perluor undâ
Per medium frigus.

Quem ſabe qualquer couſa da Hiſtoria Romana; naõ ignora, que o Medico Muſa curou a Auguſto da Phthyſica por meio de banhos frios. Os Romanos, em huma palavra, eſtavaõ taõ coſtumados a elles, e a paſſar de huma eſtufa ao ar gelado, que nos naõ devemos maravilhar de terem ſido inalteraveis ao vento, e ás tempeſtades, ao nevado Inverno, ou ao Eſtio mais ardente. Nenhum ſoldado na campanha era ouſado a abrigar-ſe da chuva, e das injúrias do tempo, ſem ficar com a nota de fraco.

Paſſemos aos póvos exiſtentes; que o ſeu exemplo tem mais força de inteiramente nos convencer. Todos os Authores do Norte, que fallaõ a eſte reſpeito, por huma bocca aconſelhaõ, e recommendaõ os banhos frios ás crianças, havendo a prudencia aſſima expoſta. Os Francezes enſinaõ quaſi todos o meſmo. Dos eſcritos ſe vê, que os Sabios deſtas Nações educaõ ſeus filhos, como aconſelhaõ aos mais que o façaõ. Quanto ao povo diz Mr. Grivel neſtes termos (**): Se eſte uſo foſſe contrario á ſaude, naõ veriamos no Norte de Alemanha, na Polonia, e na Ruſſia tanta gente, e ſobre tudo os Judeos, metterem-ſe homens, mulheres, e meninos de toda a idade nos rios deſtas frias regiões ſem reparo, nem eſcolha de eſtações. Que motivo os attrahiria a eſte hábito, ſe do banho frio lhes reſultaſſe o menor prejuizo, e ſe ao contrario nelle naõ achaſſem

---

(*) Liv. I. Epiſtola 15. (**) *Theorie de l' Education.*

naõ ſó utilidade, mas prazer? Sabemos que os Irlandezes banhaõ ſeus filhos com agua fria em todos os tempos. Com tudo menos ſenſiveis do que nós, nem tem ſaude menos firme, nem vida mais curta. Os Eſcocezes, que lavaõ os ſeus no rigor do Inverno, achaõ que a agua miſturada de gêlo lhes he mais proveitoſa. Iſto meſmo confirma Locke (*).

Em Portugal, ainda que raras peſſoas com as crianças uſem da aguá fria, vemos que milhares de peſſoas adultas, por meio dos banhos do mar, e do rio, recuperaõ todos os dias huma ſaude vigoroſa de maneira, que os felizes ſucceſſos obſervados por todos, tem quaſi feito paſſar a abuſo eſte efficaciſſimo remedio em infinidade de moleſtias.

De tudo o referido legitimamente ſe conclue, que nada póde embaraçar o prudente uſo da agua fria para com as crianças. Eſta he ſem dúvida a voz da natureza; pois ſendo o parto huma obra natural, e ſendo preciſa a lávagem, ſegundo eſtá moſtrado, parece manifeſto que ſó devemos uſar da agua no ſeu eſtado natural, que he fria. A quente, a que podemos chamar naõ natural, ſó ſe deve applicar quando o corpo humano naõ eſtiver no ſeu eſtado natural. E por iſſo que contemplo entre nós as crianças recemnaſcidas fóra deſte eſtado, he que no primeiro mez aconſelho a agua morna, naõ ſeguindo neſte ponto a prática dos Celtas, e Germános; porque he preciſo attender com madureza, e circumſpecçaõ ao eſtado actual dos habitantes da Europa, para vermos ſe em tudo lhes he applicavel a prática dos Antigos. Acaſo terá degenerado neſta parte do mundo a eſpecie humana? Se degenerou, devemos fugir de algumas, e moderar muitas das criſes, que aos noſſos antepaſſados eraõ ſaudaveis. Iſto tem

(*) Tratado da Educaçaõ.

tem tanta influencia no preſente objecto, e em toda a economia animal, que me parece muito acertada a averiguaçaõ deſtes problemas.

CAPITULO VI.

A eſpecie humana tem degenerado, e ſenſivelmente degenera na Europa, e porque motivos.

A Conſtituiçaõ dos Alemães, a melhor talvez de todos os póvos da Europa, hoje em dia muito pouco correſponde á idéa terrivel, que nos dá Tacito daquelles vigoroſos Germanos, cuja principal educaçaõ ſó tendia á fortificar o corpo, para ſe fazerem mais valentes, e temidos de ſeus inimigos. Quanto naõ differem os Francezes de hoje dos ſeus primeiros pais, cujo retracto nos deixou hum digno Eſcritor na ſeguinte fórma (*): Os Gallos eraõ de figura agigantada; os ſeus tumulos, e os ſeus oſſos no-lo moſtraõ. Daqui ſe póde ver quanto a eſpecie tem degenerado, e que diminuiçaõ ſe tèm feito de dia em dia nas forças, e faculdades da noſſa naçaõ. „

Os noſſos Portuguezes, a fallarmos ſem paixaõ, já naõ ſaõ aquelles bravos, e intrepidos ſoldados, que ſó com o ſeu nome faziaõ eſpanto aos póvos mais teimoſos na guerra. Quaõ raros ſaõ hoje os ſoldados, que podem manejar os inſtrumentos bellicos daquelle feliz tempo.

Se em fim lançarmos os olhos para eſtas formoſas eſtatuas, que eſcapáraõ á voracidade do tempo deſde a mais remota antiguidade, acharemos que ſendo os olhos, bocca, e as de mais partes, que naõ podiaõ mudar, quaſi as meſmas que as de hoje, todas tem as eſpadoas mais largas, os braços mais groſſos, as pernas

(*) Mr. Laureau *Hiſtoire de France avant Clovis.*

nas mufculofas, em huma palavra, todas tem hum caracter de virilidade, que os mais habeis Statuarios do noffo tempo lhes naõ dariaõ, fem exceder a natureza. Ha por tanto toda a razaõ para affirmar, que a efpecie humana fenfivelmente degenera na Europa. E que motivos caufaráõ efta mudança? He provavel que fejaõ os feguintes.

A invençaõ da polvora, que reduzio toda a arte militar a principios, foi a epoca em que fe entrou a defprezar a Gymnaftica, fazendo-fe huma revoluçaõ confideravel na educaçaõ da mocidade, que fe naõ applicou como dantes a adeftrar-fe na carreira, e avigorar o corpo por meio dos muitos jogos, que os antigos confervavaõ.

A economia politica dos Eftados da Europa, talvez terá concorrido em grande parte para efta degeneraçaõ. Ha de prefente mais tranquilidade entre as nações vizinhas: ha homens pagos pelas Potencias, para defenderem feus Dominios, os quaes no tempo da guerra faõ vexados da miferia, e no da paz corrompidos, e arruinados pela libertinagem: á fombra deftes, livres do cuidado de vigiar fobre a fua fegurança, fe eftragaõ os outros em huma vida molle, effeminada, engolfados nos deleites, nos jogos, e em todo o genero de diffipaçaõ.

Huma coufa quanto a mim mais forte, que as precedentes, e que vem de huma moda abominavel, he o perniciofo coftume de naõ ferem as crianças criadas com o leite de fuas mãis; de ferem ligadas com faxas apenas nafcem, e pelo tempo adiante com efpartilhos, feguindo-fe daqui hum modo de educar abfolutamente oppofto ás viftas da natureza.

O coftume de algumas familias, que por fyftema naõ cafaõ fóra de hum pequeno circulo de peffoas, tem nellas feito notavel degeneraçaõ. A experiencia tem moftrado, que o meio de confervar naõ

fó

só a especie humana, mas tambem a dos outros animaes, he cruzando as raças; e quem for reflectindo verá, que aquellas pessoas que nascêrão de nacionaes com estrangeiros, ou de nacionaes de differentes Provincias, saõ mais bem figuradas, mais ageis, e de mais espirito. Os homens curiosos de cães, cavallos, &c. tem summo cuidado em cruzar as raças. E he crivel que nós cuidemos em melhorar a raça dos outros animaes, deixando quasi de proposito degenerar a propria especie? He o que naõ poderiamos crer, se o naõ vissemos com os proprios olhos.

A habitaçaõ pouco saudavel de muitas ruas, e bairros das grandes Cidades; o luxo de seus habitantes, que tem introduzido mil officios, e artes contrarios á saude já pela vida sedentaria, já pela má postura do corpo, devem entrar em conta. As longas navegações excitadas pela fome das riquezas, e pela ambiçaõ de imperio naõ tem concorrido em pequena parte.

As duas novas, e terribilissimas enfermidades desconhecidas dos antigos, e que servem de universal flagello no seculo presente, as Bexigas digo, e o mal venereo, que grandissima parte naõ tem nesta nossa degeneraçaõ?

As meretrizes taõ dissolutas, e contaminadas nas grandes povoações, saõ certamente os patibulos, aonde milhares de mancebos valentes, e robustos vaõ cegamente dar inevitavel garrote á sua saude. Se fosse possivel evitallas, lucrariaõ muito os Estados; senaõ, deverãõ vigiar sobre a saude destas funestas, e miseraveis mulheres.

Porque naõ seraõ tambem os charlatões, os mezinheiros, que em boa paz, e recebendo dinheiro, saõ verdadeiros assassinos do povo credulo? Porque naõ seraõ aquelles, que sabendo apenas abrir huma veia, se encarregaõ de curar as mais delicadas molestias? E fi-

finalmente, porque naõ ferá a mefma Medicina manejada por mãos temerarias, e vulgares o quotidiano agente defta manifefta degeneraçaõ? He evidente que o modo de a evitar, ou ao menos de a diminuir, he naõ pôr em prática nenhuma daquellas coufas que a produzem: mas quaõ difficil he defarraigar coftumes, que envelhecêraõ já com noffos pais!

CAPITULO VII.

Como fe devem veftir as crianças, e os abufos que ha a efte refpeito.

SÓ á força de nos obftinarmos em huma voluntaria cegueira, he que podemos deixar de conhecer a fumma debilidade, e delicadeza das crianças recemnafcidas. Baftaria reflectir hum inftante no modo, por que ellas fe confervaõ nove mezes no utero. Fomentadas pelo calor materno, e mettidas no meio de hum liquido temperado, e doce, requerem da parte dos pais, ou affiftentes exactas providencias na paffagem, que fazem daquella fituaçaõ para a noffa atmosfera. He pois impoffivel que naõ eftranhem muito efta repentina mudança: por iffo Mr. Armftrong tanto recommenda o cuidado de as livrar, quanto he poffivel, da impreffaõ do ar; o qual, ainda que feja quente, fempre o he menos que o liquido, em que até entaõ nadáraõ: e tudo era neceffario para fe naõ perturbar a economia animal de huma máquina taõ melindrofa.

Efta delicadeza naõ fó fe manifefta ao nafcer, mas dura muitos mezes. He porém de admirar, que conhecendo todos o eftado de melindre, em que nafce huma criança, a queiraõ apertar, e cingir com rôlos de faxas, ou volvedouros debaixo do vaõ pretexto de a fortificar. Ella quando nafce naõ he mais, por af-

aſſim me explicar, do que hum compoſto de vaſos ſobre maneira tenros, pelos quaes devem continuamente correr liquidos, que ſem perturbaçaõ ſe diſtribuaõ por todo o corpo. He por tanto bem facil de ver quanto ſerá nociva qualquer preſſaõ mais forte em huma máquina, que pouco antes eſtava cercada de hum fluido taõ apropriado.

Geralmente clamaõ todos, que a criança he fraca, e he preciſo fortificalla. Aſſim he; mas deſgraçadamente os meios que ſe tomaõ, ſaõ pelo commum contrarios ao fim pertendido. Se huma criança recem-naſcida he fraca, naõ eſtá por entaõ em noſſa maõ o vigoralla: a natureza com o andar do tempo he quem o ha de fazer. O mais que podemos conſeguir he naõ contrariarmos as ſuas tenções, mas ſim eſtudallas, para as ſeguirmos paſſo a paſſo.

A natureza no utero materno conſervou ſempre o feto em liberdade: e com iſto nos enſina que depois de naſcido lhe deixemos os membros livres, e o corpo deſapertado, para que ſe vá fortificando com ſeus pequenos movimentos. Eſta meſma liberdade ſe nos inculca pelo ſeu natural inſtincto; pois vemos que chorando muitas vezes huma criança em quanto eſtá veſtida, logo que a deſpem naõ ſó ſe cala, mas dá manifeſtos ſinaes de contentamento, e ſatisfaçaõ.

Seguindo pois os dictames da natureza, a regra que a eſte reſpeito ſe póde eſtabelecer he, que os veſtidos de nenhuma ſorte devem conſtranger as crianças, nem por apertados, nem tambem por demaziados. Cada naçaõ tem ſeu differente eſtilo de as veſtir. O que ſe pratíca em Portugal naõ he máo, reformados primeiro alguns abuſos.

Commummente ſe veſte huma camiſinha aberta por diante, a qual ſe volta para ſima por ſe naõ ſujar, e ſer mudada a miudo; põem-ſe depois huma fralda, que deve cubrir o oſſo ſacro, ou fundo do eſpinhaço,

ço, nadegas, até quaſi aos pés. Eſta fralda em humas terras he de panno de linho já uſado por ſe dar melhor com o corpo; e em outras de huma baetinha branca, e muito macia. Ajuntaõ hum cueiro de baeta quaſi do meſmo tamanho; e por ſima de hum maior tambem de baeta, que vem desde os ſovacos a cubrir muito os pés. Eſte cueiro, á differença do outro, ſobrepõe á roda da criança, e he depois contido por huma faxa, ou volvedouro, que dá algumas voltas ao redor do ventre, e peito. Nos braços mettem huns manguitos, que ſe prendem nas coſtas de hum a outro com fittas.

Eſte modo de enfaxar he commodo; porque facilmente ſe podem alimpar as crianças ſem o trabalho de as veſtir de cada vez que ſe ſujarem: mas he preciſo reformar alguns prejuizos introduzidos pela ignorancia; e ſaõ I. que de modo nenhum ſe devem ligar os braços debaixo do volvedouro, como vulgarmente coſtumaõ pelo eſpaço dos oito, ou quinze primeiros dias, a titulo de aſſim lhes darem força nos bracinhos: eſte coſtume, além de barbaro, he oppoſto ao fim pertendido; pois delle naõ ſó reſultaõ aleijões, que depois ſe imputaõ a outras cauſas; mas até verdadeiras paralyſias. O modo de os vigorar he deixallos em liberdade. II. o volvedouro naõ deve dar muitas voltas, as quaes naõ devem paſſar de duas até tres, ſegundo a ſua largura: e ſobre tudo deve haver a prudencia de o deixar largo, de maneira, que ſó ſirva de conter, e ſegurar os cueiros, e nunca de fazer o corpo delicado, como erradamente pertendem (logo direi os damnos que naſcem deſte aperto). III. tanto os cueiros, como o volvedouro, nem ſempre devem ſer de lã. Deve-ſe regular iſto pelas eſtações; mas he melhor que o volvedouro ſeja ſempre de fazenda ligeira.

Eſte modo de enfaxar, havendo as cautelas mencionadas, parece-me conforme ao que requer a natu-

re-

reza ; porque ſendo o volvedouro largo , anda a crian-
ça á vontade , e fica ſempre ſuſtentado o cueiro peque-
no , e a fralda , que devem ſer reformados , logo que
a criança preciſe , ſem o incommodo de a eſtar ſem-
pre deſpindo. O cueiro mais pequeno naõ he inutil ,
como talvez parecerá ; porque como eſte naõ paſſa do
oſſo ſacro , muito facilmente ſe mette , e tira , e em-
baraça além diſto que o maior ſe ſuje : por iſſo deve
ſer ſempre de baeta.

Além do que fica dito , a reſpeito de nunca ſe
ter a criança de modo nenhum conſtrangida , devemos
attender igualmente a duas couſas eſſenciaes á felicida-
de da ſua conſervaçaõ ; que ſaõ a muita limpeza , e
que todo o ſeu fato ſeja ſempre muito enxuto , aſſim
como tambem o enxergaõſinho do berço : para o que
haverá mais de hum , para melhor ſe revezarem ; e
deveráõ ter grandes aberturas para ſe enxugar bem a
palha , havendo cuidado de a renovar de tempos a tem-
pos. Crianças nunca devem dormir ſenaõ em palha. A
pouca attençaõ , que ſe dá ao que fica expoſto , faz que a
livre tranſpiraçaõ ſe perturbe ; que venhaõ defluxos ,
diarrheas , excoriações nas virilhas , e nadegas ; o que
tudo atormenta horrivelmente eſtas pequenas , e muito
ſenſiveis creaturas.

Algumas Commadres fazem huma cataplaſma , a
que chamaõ eſtopada , que he a miſtura de hum ovo
com vinho , na qual ſe enſopa huma eſtriga de linho ,
e com ella ſe cobre a cabeça da criança , atando-ſe
por ſima hum lencinho. A razaõ , que coſtumaõ dar
he , que iſto compõe , e fortifica a cabeça : razaõ fu-
til , e taõ pouco convincente , que eſte coſtume por ſi
meſmo eſtá quaſi eſquecido. Depois de lavada a cabe-
ça , naõ ſe lhe deve pôr nada , nem taõ pouco perten-
der endireitalla com as mãos , ſegundo o vaõ capri-
cho deſtas mulheres ignorantes do ſeu officio. O mais
que ſe lhe deve pôr , he hum barretinho , ou touca de

panno branco, que naõ aperte a cabeça, mas que a cubra. Tudo o que passar daqui he nocivo; porque, além de se pegar esta massa ao cabello, que depois se naõ tira sem custo, he hum capacete, que embaraça a transpiraçaõ, e póde causar damnos de maior cuidado.

Vem agora a proposito o fallar de hum prejuizo muitas vezes funesto; e he que dous, ou tres dias depois do nascimento algumas crianças tem os peitos inchados, duros, e doridos por effeito de hum humor semelhante a leite. Neste caso costumaõ as Commadres presumidas de mais espertas, espremer o dito humor, sem se condoerem dos finaes de dôr que mostraõ estes innocentes. Tem para si, que lhes fazem grande beneficio; mas infelizmente os effeitos saõ contrarios; porque, além dos tratos que lhes fazem, daqui se originaõ inflammações difficeis de emendar, e que ás vezes deixaõ defeitos para o futuro. Quantas mãis se queixaráõ de naõ poderem criar seus filhos por falta de leite, sem talvez advertirem que naõ foi da natureza que recebêraõ este mal, porém sim da cega ignorancia daquellas, que por caridade as maltratáraõ? He tambem para lembrar que nunca se devem pregar os vestidos com alfinetes; mas que só se usará de fittas. Os alfinetes saõ muitas vezes a causa dos seus gritos repentinos, de doenças, e até de mortes. Mr. Underwood refere, que huma criança depois de chorar desesperadamente, cahio em convulsões, cuja causa nunca se pôde descubrir, senaõ depois de morta; porque entaõ, tirando-se o barrete que se lhe deixou por causa da molestia, se vio que tinha hum alfinete cravado na molleira. Este unico exemplo he capaz de fazer abominar hum costume taõ perigoso.

Naõ bastará ter dito em geral, que as crianças nunca devem soffrer o menor aperto nos seus vestidos, por ser esta a voz da simples natureza, que desde o prin-

principio as confervou fempre livres no ventre materno: he precifo efmiuçar hum pouco mais os funeftos damnos, que provêm do aperto taõ geralmente feito a eftas máquinas taõ delicadas. Em objectos de tanta ponderaçaõ até a prolixidade he permittida, e principalmente para com o povo, que mais fe leva do temor dos males, do que da efperança dos bens.

Com o aperto duas coufas pertendem as peffoas, que cuidaõ deftas miferaveis innocentes, fazer-lhes o corpo bem feito, e dar-lhes força; mas fuccede tudo pelo contrario. Os póvos a quem vulgarmente chamamos felvagens, talvez fó por fe affaftarem menos da natureza, faõ pela relaçaõ de todos os viandantes os mais bem proporcionados, os mais bem feitos, e os mais robuftos, e valentes. Entre elles naõ fe vem nem aleijados, nem taõ pouco corcovados: todavia naõ criaõ feus filhos prezos, e conftrangidos com faxas: livres, e contentes naõ fupplicaõ com feus vagidos a liberdade de feus tenros membros. Efta he a prática dos Japonezes, dos Indios, e de outros póvos da America meridional. Na Virginia, no Oriente, e em efpecial na Turquia naõ fe faz outra coufa: e naõ nos faõ elles fuperiores na proporçaõ, e valentia? He facto conftante. Se foffe precifa a arte para haver hum corpo perfeito, he manifefto que naõ haveria hum fó animal, de qualquer efpecie que feja, bem conftituido, e bem formado; pois fabemos que todos faõ creados á vontade, e em plena liberdade. Só nós feremos exceptuados? Naõ duvido que haja quem o diga; porque tál haverá, que fe dê por muito injuriado unicamente pelo compararem com hum animal.

Com o aperto dos veftidos o fucco nutritivo, que devia circular uniformemente por todo o corpo, achando refiftencia em certas partes, acode em maior quantidade para aquellas aonde a naõ encontra: efta he a lei geral da circulaçaõ. Defta defordem da diftribuiçaõ

do nutrimento resulta, que humas partes haõ de crescer mais do que outras, perdendo-se deste modo o equilibrio da economia animal, e por consequencia a saude, e em alguns casos a propria vida. A cabeça, que está como separada do tronco, pela maior abundancia de succo nutritivo que recebe, se faz de huma grandeza monstruosa (*). Tem-se observado que as crianças, que foraõ creadas sem aperto, tem a cabeça mais pequena, do que as que o soffrêraõ. Quem quer pois conhece o perigo que corre huma máquina em tal desordem, quando da sua proporçaõ, e equilibrio depende a sua feliz conservaçaõ.

Achando tambem o sangue resistencia nas partes comprimidas, de necessidade ha de refluir para as internas. Diminue-se por consequencia a transpiraçaõ insensivel taõ necessaria á saude; e dahi vem o augmento de todas as outras secreções, e excreções: augmentaõ-se a ourina, a evacuaçaõ do ventre, o muco do nariz, e dos bronchios, &c. Isto he desordem; e della só devemos esperar molestias.

Para que venhaõ a ter figura delicada, e esbelta, no peito, e na cintura he aonde fazem maior aperto: e esta he justamente a parte, aonde o podiaõ fazer com maior damno, por conter entranhas essenciaes á vida. Apertado o peito, o bofe naõ se póde dilatar perfeitamente; por conseguinte nem se póde bem nutrir, nem crescer. Daqui provém necessariamente a debilidade desta preciosa entranha, que tanto influe na debilidade, e desordem do todo. Esta juntamente com as assembléas, aonde se respira hum ar abafado, e mefitico, e com o abuso das bebidas da moda, he a principal origem de tantas pessoas phthysicas, e doentes do peito, como taõ geralmente se vem hoje em dia em Lisboa.

O

(*) Vandermonde, tom. 2. pag. 17.

O eſtomago da ſua parte naõ padece pouco. A-perta-ſe a cintura, comprime-ſe o eſtomago, e ſuccede-lhe o meſmo que ao boſe: naõ ſe nutre perfeitamente, naõ creſce, como devêra, e vem daqui a ſua debilidade. Naõ ſerá eſta huma das principaes cauſas de tantas doenças de eſtomago, que hoje ſe obſervaõ em eſpecial no bello ſexo? E quem ignora que havendo hum máo boſe, e máo eſtomago naõ póde haver ſaude?

A' viſta de males taõ manifeſtos, taõ vulgares, e grandes, naõ ſeria temeridade eſperar inteira refórma ſobre eſte prejuizo cruel, ſe por outra parte naõ ſoubeſſe, que he mais facil conquiſtar hum Reino, do que deſarraigar abuſos, que tem por defenſores a moda, e o capricho. A eſtes males, cauſados pelas faxas, e que comprehendem ambos os ſexos, ſe ſeguem os que fazem os eſpartilhos, principalmente nas meninas; mas chega a tanto a indiſcriçaõ, e barbaridade de alguns pais, que até praticaõ o meſmo com os meninos, em quanto naõ chegaõ a certa idade. Quem o creria, ſe o naõ viſſe!

CAPITULO VIII.

Do quanto diz reſpeito ao modo de nutrir as crianças.

ARTIGO I.

Se deve mammar logo na mãi; e quando ha de ſer a primeira vez.

ALguns tempos antes do parto já ſe obſerva nos peitos hum liquido, que de dia em dia ſe vai fazendo amarellado; e he o que ſe tira, mugindo nos primeiros tres dias do parto. No quarto he que ordinariamente acode hum leite muito delgado, e a que bem podémos chamar ſôro; e eſta affluencia de leite vem pelo commum acompanhada de alguma febre, que muitas vezes dá que fazer pelos erros dieteticos commettidos nos primeiros quatro, ou ſinco dias; porque aſſentando-ſe geralmente que a parida preciſa de muita ſubſtancia pelas evacuações do coſtume, a enchem de caldos gelatinoſos, de fatias, vulgarmente chamadas, de parida, couſa indigeſtiſſima, e de quanto ſe crê póde dar força. Ao meſmo paſſo que neſtes primeiros dias ſe deveria fugir de carnes, deſſes caldos de ſuſtancia, &c. contentando-ſe com as hervas, e fructas da eſtaçaõ, e quando muito, por attender ao coſtume dos Portuguezes, com algum caldo de gallinha muito ligeiro. Se aſſim ſe fizeſſe, eſtou bem certo de que naõ haveria tantas deſgraças ſobre partos. Mas iſto pede hum diſcurſo particular, que bem merece a attençaõ dos Medicos.

Eſte liquido amarellado, que já na occaſiaõ do parto ſe obſerva nos peitos, e depois o leite ſoroſo, que

que acode ao terceiro, ou quarto dia, vem a ser o purgante com que a natureza quer que se purguem os recemnascidos; porque todos trazem mais, ou menos quantidade de certo humor (*) viscoso, que lhes forra o estomago, e os intestinos; o qual deve ser exactamente evacuado, porque da falta desta evacuaçaõ se originaõ enfermidades, que ás vezes saõ mortaes. Todos os outros animaes, governados taõ sómente pelo instincto, isto he, pela voz da natureza, mammaõ, assim que podem, o primeiro leite das mãis que os criaõ, o qual pouco a pouco lhes vai limpando as primeiras vias deste humor assima dito, que em quasi todos se observa, sem de tal receberem o menor damno; e como o poderiaõ receber da exacta observancia dos dictames da natureza! Por huma perfeitissima analogia dizemos, que o remedio destinado por esta sábia guia he o primeiro leite da mãi, o qual em tudo corresponde ás suas intenções.

Outro qualquer leite he improprio, e damnoso; naõ só por naõ ter a precisissima virtude de purgar, mas tambem por ser mais grosso, e nutritivo, e por isso superior ás forças de hum estomago ainda em extremo debil. Mas por desgraça persuadida muita gente, de que a natureza he em tudo comnosco diminuta, e até opposta, suppõem este primeiro leite venenoso: pelo que recommenda, que as mãis o lancem fóra; e, fiada nos seus expedientes, aconselha certas drogas, e remedios, de que faz depender a felicidade destas miseraveis creaturas, sacrificadas ao capricho, e á ignorancia até de huma parteira. Estes remedios variaõ segundo as Provincias; porque em humas he a gemma de ovo com assucar, em outras o xarope de xicorea composto, ou simples, e em outras mel com huma pin-

(*) Em termos facultativos Meconio, e vulgarmente Ferrado.

pinga de agua , &c. De tudo iſto o mais innocente he o mel : naõ ſerá porém muito melhor uſar daquillo que a natureza nos offerece ? Para que havemos de ſuppôr que todas as crianças naſcem logo ſujeitas ao imperio da Medicina curativa ? Sigamos os paſſos da natureza ; conformemo-nos com os outros animaes , e ſeremos taõ felizes , como elles. Iſto todavia naõ he dizer , que deixará de haver hum , ou outro caſo , em que ſeja logo preciſo uſar de alguns remedios ; mas iſto deve ſer por conſelho de Medico muito habil , e naõ por coſtume , ou arbitrio de huma parteira. Vamos ver quando deve mammar a primeira vez.

Na ſuppoſiçaõ de que o primeiro leite he ruim , quaſi geralmente ſe recuſa nos primeiros tres dias dar de mammar á criança , a pezar dos ſeus vagidos , e dos ſinaes com que o pede. Iſto he huma ſem razaõ , e ſem dúvida deshumanidade. A natureza ſepára o leite , a criança buſca-o ancioſamente ; mas a rebeldia , e dureza de quem a tem a ſeu cargo , lho nega. Os Adminiſtradores do Hoſpital das paridas em Londres foraõ os primeiros que em Inglaterra ordenáraõ , que as crianças houveſſem de mammar , logo que pareceſſem deſejar a mamma , que he ſempre dez , ou doze horas depois do parto ; e conheceo-ſe bem no Hoſpital o fructo deſta prática , até entaõ deſprezada. Todos os Authores , que tem em noſſos dias eſcrito de partos , o aconſelhaõ. Todos os animaes , com o ſeu exemplo , no-lo eſtaõ enſinando. Finalmente a razaõ o dicta , e devemos obedecer a ſeus mandos. Naõ podemos por tanto deixar de conſentir que as crianças mammem , logo que peguem no peito , ſem fazermos violencia á natureza , donde naſce naõ ſó o prejuizo da criança , mas tambem o da mãi , como logo ſe moſtrará.

ARTIGO II.

Todas as mãis saõ obrigadas a criar seus filhos.

TOda aquella mãi, que, sem causa mui justa, deixa de criar seus filhos, ultraja a natureza, que he nesta parte obedecida de todos os outros animaes, que constante, e carinhosamente criaõ os seus. Aquella que procede de outro modo, he verdadeiramente meia mãi; porque deixa a sua obra imperfeita, e ainda em menos de meio caminho. He verdade que o nutrio no seu ventre por nove mezes, mas entaõ naõ estava em sua maõ deixar de o fazer: depois que o vê, e que o ouve supplicar o alimento, que a natureza providamente lhe prepara, quasi sempre com pretextos frivolos se obstina, e ensurdece aos seus clamores.

Ninguem pense que he indifferente á criança o ser creada com o leite da mãi, ou com o de outra mulher estranha. Naõ he preciso reflectir muito para conhecer a importancia deste objecto. Depois de ter sido alimentada por espaço de tantos mezes pelo proprio sangue da mãi, he evidente que entre ambas ha huma perfeita analogia; e que o leite preparado pelos orgãos do mesmo corpo, de quem recebeo o primeiro alimento, lhe he o unico conveniente, dado pela natureza, e preferivel a outro qualquer. Esta semelhança, confessada por todos os Medicos, que escrevêraõ a este respeito, naõ he fructo de huma imaginaçaõ esquentada, pois tem todos os caracteres de verdade. Para prova do quanto influe basta ver, que se o feto de huma cabra (*) for nutrido com o leite de huma ovelha; e que se o desta for creado com o leite de huma cabra, a lã da ovelha será mais aspera, e o cabello

(*) Aulo Gellio: *Dissertatio Favorini Philosophi.*

lo da cabra mais macio , do que faõ ordinariamente. Ainda mais , lançando os olhos para o que fe paffa no reino vegetal , facilmente fe defcobre que a fortaleza das arvores , e que a excellencia dos fructos dependem fempre da qualidade das aguas , e da terra, que lhes miniftraõ a fua nutriçaõ de maneira, que huma planta fructifera , e excellente em hum terreno, ferá efteril , e fem preftimo transplantada para outro differente.

Pois fe ifto fuccede em toda a natureza , como fe julgará indifferente o mammar huma criança o leite de fua propria mãi , ou o de huma ama mercenaria , que, além de nunca lhe poder fer taõ proprio , he mil vezes contaminado de moleftias , que infallivelmente paffaõ ás pobres innocentes , as quaes muitas vezes fe occultaõ , para a feu tempo fe manifeftarem com mais violencia , e entaõ fe attribuem a caufas mui diverfas. Naõ fó arrifcaõ a faude de feus filhos aquellas mãis , que indifcretamente fe difpenfaõ da fagrada obrigaçaõ impofta pela natureza; mas tambem expõem a grandiffimo perigo as fuas qualidades moraes; pois talvez feja da razaõ , e da experiencia , que da qualidade do leite , que tomaõ os primeiros mezes depende muito o feu caracter futuro. Naõ nos admiremos pois , fe tantas mãis honeftas , e virtuofas tem o defcontentamento de fe verem reproduzidas em filhos pouco dignos dellas. Virgilio já conhecia ifto taõ claramente , que querendo pintar hum coraçaõ duro , e deshumano , diffe :

Hyrcanæque admorunt ubera tigres.

Hyrcanas tigres de mammar lhe deraõ.

Do expofto fe vê que as crianças lucrariaõ muito , fe foffem creadas pelas proprias mãis : agora vou moftrar , que he tambem muito do intereffe deftas o crea-

crearem ſeus filhos. Naõ trarei á lembrança aquella doce ſatisfaçaõ, que trasborda no animo de quem cumpre com as ſuas obrigações; nem a ternura filial taõ rara entre nós, e a que aliàs qualquer mãi tinha ſempre o direito de aſpirar, criando ſeus filhos; nem o deſgoſto de ver huma mãi, que ſeu filho foge, e com razaõ, para os braços de quem o cria, fazendo pouco caſo dos ſeus carinhos. Tudo iſto he ſummamente attendivel, e merece hum diſcurſo particular; mas como pertence mais ao Moral, do que ao Fyſico, preſcindo deſta parte, e paſſo a moſtrar o que aſſima me propuz.

A que perigos ſe naõ expõe huma mulher, que, tendo para ſi que lhe he indecoroſa a qualidade de ama de ſeu filho, he obrigada a ſeccar o leite? Eſte coſtume (*) he deſconhecido das mais barbaras nações, e nunca foi praticado pelas mais civiliſadas nos bellos dias de Roma, e da Grecia. O obſtaculo repentino oppoſto á grande ſecreçaõ de leite em hum tempo, em que a fraqueza da mãi a faz incapaz de ſupportar hum aballo taõ violento, lhe he muitas vezes da mais funeſta conſequencia. A vida da mãi, em quanto dura a febre do leite, eſtá em perigo imminente, além dos tumores, abſceſſos, e ſcirrhos, que ficaõ muitas e muitas vezes, e que ſem difficuldade paſſaõ depois a cancros. De 4400 mulheres (**), que paríraõ no Hoſpital dos Partos em Londres, e que desde o primeiro dia deraõ de mammar, ſó quatro foraõ incommodadas do leite, mas naõ chegáraõ a ter os peitos aggravados.

A abundancia (***) com que o leite acode aos peitos he ás vezes taõ grande, que cauſa dores agudiſſimas. Faz-ſe eſpeſſo, e vem a formar obſtrucções, ſcir-

(*) Gregory no ſeu Enſaio, pag. 51. (**) Idem, p. 51.
(***) Dez-Eſſartz, pag. 183.

ſcirrhos, e cancros, que a arte quaſi nunca remedêa. Naõ achando ſahida pelos peitos, reflue para o ſangüe, engroſſa-o, e produz huma plethora perigoſa, viſto o eſtado de debilidade da parida. Eſte (*) licor, naturalmente doce, eſcandecido pela ſua miſtura, e circulaçaõ com o ſangue, azeda-ſe, faz-ſe irritante, e accende o fogo de huma febre ſempre violenta, e muitas vezes mortal. Os olhos ſcintillantes, as dores vivas de cabeça, a frequencia, e força do pulſo, ſaõ ſinaes naõ equivocos da abundancia de ſangue, que accommette eſta parte, e que he logo ſeguida de delirio, e ás vezes até de huma apoplexia incuravel, &c.

Eis-aqui a linguagem deſtes, e de outros muitos reſpeitaveis Authores, que víraõ, e obſerváraõ todas eſtas funeſtas conſequencias. E qual ſerá o Medico, que naõ tenha viſto alguma couſa deſtas?

Deixo de parte o paradoxo de Vandermonde, que pertendia que todas as crianças ſe criaſſem com o leite de animaes: Ballexerd já o refutou, e agora naõ me canço em produzir razões contra eſte extravagante ſentimento; porque tenho para mim, como regra geral, que nunca nos affaſtamos dos caminhos, que evidentemente nos moſtra a natureza, ſem grande deterimento da noſſa parte.

Diraõ algumas mãis (figura-ſe-me eſtallas ouvindo): Aqui eſtou eu, que tenho parido tantas vezes, e nunca experimentei nada diſſo. Poſſo reſponder com as meſmas palavras de Mr. Des Eſſartz, pag. 187: Confeſſo que algumas ha eſpecialmente favorecidas da Providencia, mas eſte número he mui pequeno: e quantas ha, que ſe julgaõ perfeitamente livres de todo o perigo das moleſtias ſubſeguidas aos partos, e que ſaõ depois attacadas de doenças teimoſas, cuja verdadeira ori-

(*) Naõ eſtamos pela Pathologia do Author, mas eſtamos pelos effeitos; e he o que faz ao noſſo caſo.

origem ſe deve buſcar nas deſordens, que então ſoffreo a máquina na forçada repulſaõ, e extincçaõ do leite? Nunca ſe víraõ tantas enfermidades de languor, tantos hyſteriſmos, tantas Phthyſicas de todas as eſpecies, como desde o tempo, em que ſe introduzio o pernicioſo coſtume de ſe diſpenſarem as mãis do cuidado de crear ſeus filhos. E com que certeza diraõ eſtas ſenhoras, que nunca tiveraõ que ſoffrer, por háverem ſeccado o ſeu leite? Se cavarmos bem fundo acharemos, que, pelo commum, as moleſtias á primeira viſta novas, tem raízes muito antigas.

Naõ baſtaõ (continuaráõ a duvidar) as afflicções, os trabalhos, e as dôres, que ſupportamos no tempo da prenhez, e do parto? Que deſagradavel incommodo naõ he para huma mãi, o ter ſempre a ſeu lado huma criança, cujas neceſſidades a cada inſtante ſe renovaõ; e que lhe naõ deixa hum momento ſoccegado nem de dia, nem de noite? Reſponderei com o meſmo Author citado: Eſta frivola declamaçaõ contra huma obrigaçaõ taõ ſagrada, naõ tem ſem dúvida pór verdadeiro motivo, ſenaõ o receio dos embaraços, que traz comſigo a creaçaõ dos filhos. Naõ queira Deos que, ſeguindo os ſentimentos do Doutor Harris, digamos, que as mãis ſacrificaõ as ſuas obrigações unicamente ao prazer de poderem com liberdade receber, e fazer viſitas; de ſe darem ſem conſtrangimento a todas as fantaſias da moda, e do coſtume; de correrem aos bailes, aos eſpectaculos, e aos paſſeios; de paſſarem em fim no jogo a maior parte da noite. Seria ſuppollas deſpidas de todos os ſentimentos naõ ſó maternos, mas até de humanidade; ſeria pôllas abaixo dos brutos, cujo comportamento, a reſpeito de ſeus filhos, faria peijo ás ſenhoras de hoje, ſenaõ tiveſſem a deſculpa da preoccupaçaõ da moda, e do coſtume.

Se tomo a empreza de combater eſtes prejuizos, naõ he por me liſongear com a eſperança de fazer

mui-

muitas sectarias. Naõ ignoro que huma senhora que cria seu filho, he para o nosso seculo hum fenomeno, que se caracteriza loucura; e que o receio do ridiculo suffoca todos os dias a voz da natureza, e da probidade: mas graças ao poder da sã Filosofia! Sei de algumas senhoras de muita qualidade, as quaes movídas das persuasões de verdadeiros Medicos, já se abalançáraõ a dar de mammar a seus filhos os primeiros dous mezes; e por fim se deraõ os parabens de o haverem feito, vendo-se mais convalecidas, do que em outros partos, e a seus filhos vigorosos. Assim se principiará a desterrar hum dos maiores males, que inventou o capricho contra a especie humana. Mas quaõ distante vejo ainda esta feliz época. Possaõ em fim as reflexões, que vou fazer, dissipar o commum temor de naõ poderem com o pezo da criança, e fazellas tomar a generosa resoluçaõ de se portarem como verdadeiras mãis! A experiencia lhes fará ver claramente, que todos estes pertendidos estorvos, e que este constrangimento, naõ saõ mais que hum fantasma, que a ternura da mãi fará inteiramente desapparecer.

As mãis, que exhortamos a crear seus filhos, podem-se reduzir á duas classes: ou a fortuna lhes permitte terem ao pé de si huma ama secca, encarregada de toda a miudeza da creaçaõ; ou saõ obrigadas a cuidarem de tudo por si mesmas. Que fica para fazer ás primeiras? Nada mais do que appresentar os peitos nas horas destinadas para isso, e vigiar sobre a dita ama. Ainda que isto mesmo pareça oppressivo, e incommodo, as regras, que adiante se exporáõ, ácerca do tempo em que se deve dar de mammar, dispensaõ as mãis do jugo, de que vulgarmente, e sem necessidade se carregaõ. Seguindo estas regras teraõ todo o tempo de ver suas amigas, e de se divertirem. (*) As senhoras de Marselha, que naõ

(*) Des-Essartz.

naõ conhecem pretexto para deixarem de crear ſeus filhos, naõ ſe privaõ das ſuas viſitas, e dos ſeus divertimentos honeſtos, pedindo-o a occaſiaõ.

Eſtá bem (ainda replicaráõ), ſupponhamos que tudo ſe ordena deſſe modo; mas como poderá huma pobre mãi delicada perder noites com o choro da criança? De neceſſidade ha de adoecer, e o leite ſe tornará veneno. A difficuldade diſſolve-ſe ſem trabalho. Huma vez que haja eſſa ama ſecca, póde dormir com a criança em hum quarto affaſtado da mãi; e ſó a incommodará aquellas vezes, que for preciſo dar-lhe de mamar. Todo o trabalho por tanto de huma ſenhora rica, ſe reduz unicamente a dar os peitos ao ſeu filho de certas em certas horas: e a ſuavidade, e ſatisfaçaõ, que ſem dúvida ha de achar neſte emprego, lhe cauſará maior prazer, do que aquelle que experimentaõ as outras nos mais brilhantes divertimentos. A ſegunda claſſe daquellas, que naõ ſaõ taõ bafejadas da fortuna, tem na verdade maior trabalho; eſtas porém ſaõ as que menos neceſſitaõ de conſelhos, para ſeguirem os dictames da natureza, porque a neceſſidade as obriga a obſervallos: mas a falta de prudencia, e diſcriçaõ lhes augmenta o trabalho, por crearem ſeus filhos ſem methodo, nem ordem, que depois ſe exporá.

Muitas mulheres finalmente fogem de crear os filhos (e muitos maridos ratificaõ as ſuas idéas), com o receio de ſe fazerem mais cedo velhas; mas iſto he engano manifeſto, pois dahi reſulta a multiplicidade de prenhezes, que de ordinario ſe ſeguem, ſem mediar aquelle tempo deſtinado pela natureza para o ſeu reſtabelecimento. Huma mulher, que naõ cria tem naturalmente hum filho quaſi todos os nove mezes. Eſte exceſſo debilita as ſuas forças, e lhe traz antes de tempo as enfermidades da velhice (*), e ſendo eſta diſpenſa mais

(*) Gregory, pag. 54.

mais frequente entre as pessoas de qualidade, como estas saõ de si mais fracas em razaõ do seu genero de vida, menos podem supportar esta violencia feita á natureza.

ARTIGO III.

Quaes saõ as mãis que legitimamente estaõ dispensadas de crear seus filhos.

NAõ direi com hum célebre Author, que toda aquella mãi, que tem força para dar á luz hum filho, tambem a tem para o crear. A proposiçaõ seria verdadeira, a naõ ser taõ generica; porque ha circunstancias, que fazem ás vezes a lactaçaõ absolutamente impossivel; e que outras vezes a fazem nociva ou á mãi, ou ao filho, ou a ambos, como vou mostrar.

De todas as modas, e costumes absurdos, que tem abortado o vaõ capricho humano, nenhum ha taõ prejudicial, nem taõ desarrazoado, como a commum introducçaõ das amas, alugadas para crearem filhos alheios; e tem-se feito taõ geral este pessimo contagio, que até tem lavrado entre as pessoas da mais baixa esfera. Mas a moda he de sua natureza taõ pouco apadrinhada pela razaõ, que sempre a procuraõ cobrir com algum especioso véo de honestidade; pois quasi todas recorrem á debilidade de constituiçaõ, e á insufficiencia de forças para tamanho pezo. Para com algumas naõ duvido, que seja verdadeira esta escusa; mas a verdade he, que quasi sempre vem a ser pretexto; e que a verdadeira causa he o naõ quererem confundir-se com a infima plebe, e naõ parecer menos que as outras de maneira, que por moda as senhoras hoje em dia só conversaõ nas suas indisposições de saude: a tanto póde chegar o desvario da cabeça humana.

He

He ſem duvida que as mulheres da Cidades ſaõ de preſente delicadas, e debeis; iſto porém naõ naſce ſó da primeira educaçaõ; vem em grande parte do actual modo de vida froxo, e indolente. Se eſtiveſſem por tanto bem perſuadidas de que pelas leis ſagradas da razaõ, e da natureza ſaõ obrigadas a crear ſeus filhos, e que eſta deve ſer a ſua principal gloria, eſtou bem certo de que mudariaõ de vida, e de regimen, e de que entaõ ſe poriaõ em eſtado de cumprir com os ſeus deveres.

He taõ frivola eſta razaõ geral de debilidade, quando naõ ha maior fundamento, que para certas moleſtias he a lactaçaõ o mais efficaz remedio. Ella fortifica muitas vezes compleições aſsàs delicadas: e baſta para prova obſervar (*), que huma mãi que cria tem huma ſaude mais robuſta, huma alegria mais igual, hum appetite mais conſtante, e a diſpoſiçaõ geral mais forte, e mais completa. Outra couſa bem digna de ſer notada, he o morrerem menos mulheres, em quanto criaõ, do que em outro qualquer tempo da ſua vida, á excepçaõ do da prenhez, no qual naõ he ordinario morrer huma mulher de doença, a naõ ſer occaſionada por violento damno externo. Deve-ſe pois examinar ſem paixaõ, ſe eſta debilidade, e delicadeza he, ou naõ hum juſto motivo para tal diſpenſa; e deveria eſperar-ſe a deciſaõ da bocca de hum Profeſſor habil, e nada contemporiſador, naõ ficando já mais a parida arbitra de tal negocio.

A lactaçaõ he abſolutamente impoſſivel; I. quando faltaõ os bicos dos peitos: II. quando ſaõ taõ molles, que esfregando-ſe naõ enrigecem: III. quando ſaõ taõ delicados, que o meſmo chupar da criança lhes faça inflammações, e excoriações fortes: IV. quando ha inflammaçaõ, chagas, ſcirrhos, cancros nos peitos:

 V.

(*) Gregory, pag. 52.

V. quando saõ ou muito cheios de gordura, ou muito molles, e magros; porque tudo isto ou de todo estorva a secreçaõ do leite, ou deixa separar muito pouco.

He nociva á mãi, I. quando tem molestia de peito; porque entaõ facilmente entraõ a ter tosse, deitaõ sangue pela bocca, e cahem em Phthysica; e se já houver alguma destas cousas, sóbe para logo de ponto: II. quando pela difficuldade do parto, ou por molestia actual, ou precedente estaõ exhauridas as forças: III. quando o systema nervoso he demasiadamente irritavel, demasiadamente digo, porque, segundo a observaçaõ de muitos Praticos, alguns temperamentos irritaveis, e hystericos com a lactaçaõ se corroboraõ: IV. quando da mesma lactaçaõ se origina huma grave molestia; pois quando esta he superior ás forças da lactante, vem a produzir (*) a febre hectica, hysterismo, suores, e grandissimas debilidades.

He nociva ao filho quando as mãis padecem molestias hereditarias, e contagiosas, como a gotta, alporcas, lepra, e quasi todas as doenças de pelle, epilepsia, &c. Naõ devem em tal caso crear as proprias mãis, para que se naõ confirme nos filhos alguma destas molestias. Exceptue-se porém o gallico; porque deste se cura o filho, curando-se methodicamente a mesma mãi.

He finalmente nociva a ambos quando as mãis ficaõ pejadas: á mãi, porque facilmente vem a abortar; ao filho, porque o leite depois da prenhez se diminue, e altera.

A R-

(*) Gaubio, *Instituições Pathologicas.*

ARTIGO IV.

Quaes saõ os meios de supprir esta impossibilidade das mãis, e que condições deve ter a ama.

TEndo a mãi algum dos embaraços assima referidos, he evidente que se deve excogitar outro meio de alimentar a criança. Huns se lembraõ da papa feita de miollo de paõ, e leite, ajuntando huma gema de ovo: outros querem que seja preferivel a isto o caldo feito da flor de farinha de trigo, ou centeio, bem secca ao calor do lume com o mesmo leite: outros em fim querem o simples leite de animaes; mas naõ concordaõ em qual delles deva ser.

Qualquer dos dous primeiros methodos he insufficientissimo, e só capaz de conservar as miseraveis crianças em tal estado, que depois ou morrem, ou vem a ser sempre doentes. Hum alimento superior ás forças daquelles taõ delicados estomagos, necessariamente ha de ir fazendo continuadas indigestões: augmenta-se a debilidade natural, segue-se má nutriçaõ, vem depois obstrucções do baixo ventre, magreza summa, e por fim diarrheas copiosas, que remataõ a scena tragicamente.

Eis-aqui as precisas consequencias de hum methodo taõ affastado das primeiras disposições da natureza. O caldo feito com a farinha, e leite he muito mais damnoso, que a papa de miollo de paõ; porque vem a ser hum grude, que forra o estomago, e intestinos, e tapa os vasos lacteos. Estou em dizer que ainda para huma pessoa forte he comida pouco digesta: que estragos naõ fará em huma criança taõ tenra, e delicada? He hum meio lento, mas seguro de a matar.

O methodo de crear com o leite de animaes, por is-

iſſo que ſe chega mais á natureza, he o que tem menos inconvenientes, os quaes a qualquer ſaõ manifeſtos, depois do que aſſima ſe expoz. Falta aquella devida proporçaõ do leite com o eſtomago da criança; falta a analogia; falta em fim ſer o leite chupado com a ſaliva naquelle gráo de calor natural, e ſem perda das partes, que ſe volatiliſaõ, quando ſe expõem ao ar. Vem a ſer por tanto o unico meio ſufficiente de ſupprir a falta da mãi huma ama com as condições, que ſe vaõ expôr.

A mulher, que ſe eleger para ama, deve ſer a mais ſemelhante, que for poſſivel, á propria mãi, naõ digo ſó no genio, e temperamento, mas tambem no genero de vida. Vulgarmente ſe aſſenta, que huma mulher do campo, robuſtiſſima, e creada com trabalhos pezados, he a melhor ama, ſem ſe attender á criança que tem de crear. Para conhecer que iſto naõ he verdadeiro em toda a ſua extenſaõ, baſta ver que o filho de huma tal mulher em nada ſe parece com o de huma creada nas grandes Cidades, e muito menos com o de huma ſenhora de qualidade. O da primeira tem todos os ſeus orgãos fortes, firmes, e elaſticos; o da ſegunda tem tudo pelo contrario. Naõ póde por tanto eſte delicado, e tenro dar-ſe bem com o leite que preciſa, para haver de ſe tornar util, de entranhas vigoroſas. O filho de huma camponeza perigaria muito, ſe foſſe alimentado com o leite de huma ſenhora delicada, ainda que foſſe ſádia: reciprocamente digo, que o filho deſta ſe dará muito mal, ſe for creado com o leite daquella. Tanto padeceria hum cortezaõ, que, paſſando ao campo, em tudo quizeſſe ſuſtentar-ſe á maneira dos camponezes; como aquelle, que, ſendo creado ruſtica, e groſſeiramente, vieſſe ás Cidades, e ahi inteiramente ſe alimentaſſe, como os que vivem regaladamente.

Naõ deve eſquecer aqui outro muito conſideravel in-

inconveniente, que ha em escolher ás cegas estas amas robustas, e muito exercitadas; qual he a repentina mudança que fazem vindo para as Cidades, naõ só na comida, mas tambem na falta do activo exercicio que faziaõ; mudança que de necessidade altera a sua saude, o seu leite, e por conseguinte a criança que houver de crear. Será por tanto a primeira condiçaõ na eleiçaõ de huma ama, que ella se chegue, quanto couber no possivel, ao temperamento, e ao modo de viver da mãi.

O requisito, que Ballexerd pertende na ama, de ter o leite quatro, ou sinco mezes, he opposto ao que a razaõ dicta, e ao que ensinaõ outros de naõ menos authoridade. O leite deve ser proporcionado ás forças do estomago da criança; e isto he o que faz a natureza, dando ás mãis nos primeiros mezes hum leite delgado, e pouco nutritivo, que depois vai de dia em dia engrossando: pelo que o leite de sinco mezes naõ convem a huma criança de poucos dias, ou semanas. Logo a regra verdadeira, e geral he, que o leite da ama diffira o menos possivel do da mãi.

O quererem algumas pessoas que a ama tenha já parido duas vezes, he preocupaçaõ sem fundamento algum. He o mesmo ser a primeira, ou a terceira vez, com tanto que os outros requisitos se verifiquem nella. Prescindindo pois de outros prejuizos semelhantes, deve-se notar, que hum grande abonador, que póde dar a ama ácerca da sua boa disposiçaõ, he a criança que até entaõ tiver creado, a qual vista, se passará ao exame seguinte.

A idade deve ser de vinte até trinta e sinco annos, por ser este o intervallo, em que o corpo permanece no seu estado de perfeiçaõ sem declinar.

O genio deve ser alegre, e vivo, e ao mesmo tempo docil, e pachorrento, para que se naõ inquiete facilmente. He muito preciso examinar se he aceada;

da ; o que ſe póde conhecer naõ ſó dos ſeus veſtidos; mas tambem vendo-ſe a criança que até entaõ criava, e ainda, podendo ſer, o interior da caſa. Obſervar-ſe-ha ſe o ſeu halito he agradavel ; ſe tem as gengives vermelhas, e a bocca guarnecida de bons dentes, porque iſto ſignifica, que tem humores de boa qualidade.

He melhor que tenha os cabellos pretos, e a côr morena, porque as louras, e brancas, ſaõ de ordinario mais debeis. Devem-ſe excluir (*) as que tem o cabello ruivo, ou avermelhado, e a cara chêa de ſardas ; porque a ſua tranſpiraçaõ, e o ſeu halito cheiraõ a azedo, e o leite tem o meſmo cheiro, e corrompe-ſe com muita facilidade. Os peitos devem ſer de mediana grandeza, nem molles em exceſſo, nem taõ pouco duros ; chêos de leite, e naõ de gordura. Os bicos devem ſer proporcionados, nem muito pequenos, nem muito grandes, e nem groſſos de maneira, que prohibaõ a acçaõ de mammar commodamente : devem lançar o leite com facilidade, e esfregando-ſe haõ de ficar inchados, e rijos. O leite deve ſer branco, de ſabôr adoçado, e ſem cheiro. A conſiſtencia ſegundo os tempos ; porque o novo he mais chêo de ſoro ; e á medida que vai tendo mais mezes, vai inſenſivelmente engroſſando. Eſta meſma variedade ſe obſerva na côr, a qual gradualmente ſe faz mais e mais branca. A conſiſtencia media, e que deve ter depois dos quatro mezes, ſe conhece deitando huma pinga na unha horiſontalmente poſta : ſe o leite corre immediatamente, he ſinal de ſer muito aguado ; e ſe voltando-ſe a unha naõ corre, he ſobre maneira groſſo. O meio pois he, que eſtando a unha direita ſe conſerve, e que inclinada corra logo.

Eſtes ſaõ os caracteres externos, que conſtituem hu-

(*) Ballexerd, pag. 45. Ambroſio Pareo, pag. 503. Dez-Eſſartz, pag. 209.

huma ama boa ; mas como nem ſempre baſtaõ , a ternura dos pais deve levar mais longe a ſua eſcrupuloſa indagaçaõ , informando-ſe particularmente ſe ha alguma noticia de haver na ſua familia doenças hereditarias ; e que moleſtias terá tido na ſua vida , a fim de ſe determinar o gráo da ſua ſaude , e a qualidade dos ſeus humores. Finalmente deve haver huma exacta inquiriçaõ dos ſeus coſtumes , os quaes , como já fica dito , paſſaõ com o leite a eſtas innocentes victimas.

Todo o mundo deveria ter grandiſſimo cuidado em reſpirar ſempre hum ar puro , porque ſem elle naõ ſe póde lograr ſaude ; mas com ninguem deve haver mais cuidado , do que com as crianças , que , tenras , e melindroſas , menos podem reſiſtir á infecçaõ do ar. Pelo que , ſuppondo que aquellas peſſoas , que podem ter ama em caſa , moraõ em bom ſitio , ainda a eſtas ſe deve advertir , que o quarto da ama ſeja bom , eſpaçoſo , bem arejado , e com Sol de Inverno : mas o coſtume he o contrario diſto ; pois de ordinario a ama com a criança dorme no quarto das criadas , que he o peor da caſa. Aquellas peſſoas porém , que , por menos teres , ſaõ obrigadas a deſterrar de ſeus olhos ſeus caros filhos , devem preferir huma ama do campo á da Cidade , unicamente pela melhoria do ar campeſtre. A habitaçaõ no campo , diz Ballexerd , he ſómente o que póde compenſar em parte os damnos que vem ás crianças , por naõ ſerem criadas pelas proprias mãis.

Authores ha , que inteiramente prohibem a quem cria , o uſo dos prazeres conjugaes ; e outros que o facilitaõ reputando o contrario , preocupaçaõ popular. Pertender com aquelles total continencia de dous conſortes , que vivem juntamente , he querer quaſi hum impoſſivel ; aſſim como he oppoſto á razaõ o facilitarem eſtes hum livre uſo do matrimonio. No meio de pareceres taõ oppoſtos direi , que aquellas amas , que vivem com ſeus maridos , deveráõ uſar do privilegio con-

conjugal com prudente moderaçaõ; querendo antes que huma mulher se exponha ao risco de ficar pejada, do que haja de fazer violencias continuadas aos estimulos da carne. Aquellas porém que criaõ filhos alheos longe de seus maridos, será melhor que fujaõ sempre de taes occasiões. Os pais lucraõ muito nisto, porque se naõ expõem á desgraça de mudarem de ama huma, e outra vez por effeito das prenhezes, que facilmente podem vir; se em tal caso houver tanta fortuna, que ellas confessem que estaõ occupadas; pois de ordinario, para naõ deixarem o interesse da criaçaõ, o encobrem, em quanto podem, vindo-se a conhecer talvez a tempo, em que a criança já recebeo os damnos de hum leite degenerado.

Assim como as amas naõ devem fazer exercicios violentos, assim a vida molle, e inerte lhes he muito nociva. Deve-se nada menos ter muita vigilancia nos alimentos de que haõ de usar, os quaes deveráõ ser simplices, e ordinarios: mas pelo commum se naõ attende a esta escolha. O que se pertende he a abundancia de leite, e naõ se adverte que experiencias, e observações constantes tem mostrado, que da qualidade dos alimentos depende a do leite, e que delle inteiramente provém o crescimento, a saude, e avida das crianças.

Ellas, diz Boerhaave, pagaõ sempre as faltas, que as amas commettem no regimen dietico. O remedio purgativo que ellas tomaõ, obra nas crianças; e os licôres espirituosos que bebem, fazem nas suas crias doenças perigosas.

Eu vi, diz o mesmo illustre Hypocrates do nosso seculo, hum menino de qualidade attacado de convulsões horriveis. A ama estava muito sã, e no corpo delicado deste menino nada achei, que fosse causa de taõ cruel attaque. Notei sómente, que a ama estava muito alegre, e como toldada de vinho. Perguntei-lhe, se o ti-

tinha bebido : respondeo-me, que sim. Perguntei-lhe mais, a que horas tinha dado de mammar : disse-me, que logo depois de jantar. Certificado aliàs pelas suas respostas, que o menino passára até alli sem molestia; e combinando os arrôtos, e convulsões com a confissaõ da ama, vim no conhecimento de que o menino estava embriegado, doença quasi sempre mortal em idade taõ tenra; e na verdade tive muito trabalho em o curar (*). Logo mais abaixo refere tambem o exemplo de outro menino, que morreo de huma superpurgaçaõ occasionada por hum purgante, que sua ama tomára.

As mulheres pois que criaõ devem comer carnes frescas (menos a de porco, principalmente ensaccada, ou defumada), hervas, e fructas da estaçaõ bem sasonadas; peixe fresco, e de escama, legumes, se forem de estomago forte, e costumadas a elles. Finalmente devem fugir de tudo o que for salgado, estimulante, e espirituoso.

Estou bem persuadido, diz Boerhaave no mesmo lugar citado, que as bebidas espirituosas (neste número devem comprehender-se o vinho, os licôres, o café, o chá, e tambem os molhos de especiarias) saõ huma causa frequente das doenças, que mataõ desde o berço tantas crianças de qualidade; e huma causa ainda mais frequente da fraqueza, e languidez destas mesmas crianças.

He difficil, reconheço por experiencia propria, encontrar huma ama com todas as condições mencionadas; mas quem deixou de achar embaraços quasi invenciveis, logo que se aparta da ordem natural? O mais feliz, e prudente he o que diminue a somma dos males. Por tanto sou obrigado a fazer, ácerca do presente Artigo, esta ultima advertencia: que senaõ for

 pos-

(*) *Prælectiones Academicæ*, Tom. V. part. 2. pag. 449.

possivel achar-se ama com os requisitos propostos, ou aó menos com os mais essenciaes, será melhor dar á criança bom leite de animaes, do que máo leite de mulher; porque he melhor arriscar, do que perder de certo: e he mais facil ter bom leite de animaes. Vejamos porém qual delles deve ter a preferencia.

Os leites mais usados naõ só em Portugal, mas até nas outras Potencias, saõ de cabra, vacca, burra, e ovelha. A analyse quimica, e a quotidiana experiencia tem mostrado que elles tem entre si alguma differença nos principios constitutivos, abundando o de burra mais de sôro, do que dos outros principios; o de ovelha de mais manteiga; o de vacca de mais queijo, e o de cabra he o que tem os principios mais proporcionados. Havendo pois esta differença nos leites, e havendo-a tambem na constituiçaõ, e organisaçaõ das crianças, he evidente que se naõ deve applicar indifferentemente qualquer delles.

Os filhos de pais ricos (*), pela maior parte, tem temperamento melancolico: elles saõ pelo commum pouco activos, algum tanto pezados, e sombrios, &c. Se estas pessoas quizessem criar seus filhos á maõ, fariaõ bem em preferir o leite de cabras. Este animal, vivendo só de plantas tenras, e aromaticas, em lugares elevados, e em ar puro, ha de communicar o seu espirito, balsamo, e doçura ao leite, e aos que usarem delle. A experiencia nos ensina que este leite, além da qualidade nutritiva, he tambem refrigerante, e brandamente purgativo, e depois do de mulher he o mais doce, e diluente para o corpo humano. He pois com este leite que deveriaõ ser creados os filhos da gente rica, quando naõ pudèr a mãi. Deste modo se attenuariaõ os seus humores viscosos, e se animaria a circulaçaõ muito lenta. O corpo se faria mais robusto, e a

(*) Baldini, *Modo de crear as crianças á maõ*, pag. 77.

e a alma em orgãos mais activos teria mais elevaçaõ, o espirito mais vivacidade, e o genio mais penetraçaõ, &c.

O leite de vacca convirá mais aos filhos de pais vivos, fortes, e que tem vida activa. Por este meio se moderará o curso rapido dos seus humores, que se faraõ menos subtis. Este leite tem abundancia dos principios que formaõ o queijo, e a manteiga, e por isso he mais espesso. Pelo que pertence ao leite de burra, como he refrigerante, e que tem certos principios balsamicos, e depurativos convirá ás crianças que nascerem de pais biliosos, ou que tenhaõ algum vicio scorbutico. A ovelha dá leite excellente para as crianças que saõ excessivamente delicadas, e apoucadas. Nada ha na natureza mais capaz, do que este leite, de fazer cobrar promptamente carnes, e de as vigorar, usando-se delle por algum tempo. Nestas mesmas idéas está Ballexerd, quando falla do nutrimento, e outros Authores da melhor reputaçaõ: e eu naõ deixo de concordar com elles no todo. Mas qual deve ser o modo de dar este leite.

Smith nas suas *Cartas sobre o modo de crear as crianças*, e Baldini na obra ha pouco citada, descrevem hum instrumento, ou vaso, por meio do qual commodamente se póde dar leite ás crianças. O instrumento, cuja idéa dá Smith, he semelhante a hum bule com bico comprido, o qual tem na extremidade muitos buraquinhos: esta se cobre com hum pergaminho do mesmo modo furado, e que naõ fique justo. Desta sorte a criança acha a extremidade do bico macia, e agradavel; e lhe péga quasi taõ voluntariamente, como se fora o mesmo peito da mãi, segundo attesta o seu Author, Underwood, e outros, que muitas vezes o viraõ.

O instrumento, que imaginou Baldini, he mais aperfeiçoado: he hum vaso de vidro, á maneira de

huma bexiga com ſeu bojo, que vai eſtreitando até acabar em huma eſpecie de gargalo, em cuja extremidade ſe encaixa hum globulo de metal dourado para ſe naõ attacar de zinabre, ou ferrugem. Eſte globulo he feito de duas ametades oucas, que ſe atarrachaõ por huma roſca: huma dellas eſtá firme no gargalo, e a outra he que ſe deſatarracha. Enche-ſe a capacidade deſte globulo de huma eſponja muito fina, e limpa, que deve ſahir fóra por hum buraco feito na ametade movel. O boccado de eſponja que ſahe he que faz as vezes do bico do peito. Conſulte-ſe a eſtampa, que vem na obra do Author, ou em Italiano, ou na Traducçaõ Franceza.

Os pobres, aconſelha o meſmo Baldini, em vez deſte inſtrumento poderáõ ſervir-ſe de huma pequena garrafa, que leve quaſi hum quartilho. Cubrir-ſe-ha a bocca da garrafa com huma pelle de camurça, ou de qualquer outra, de maneira, que accommode huma eſponja, que ha de entrar pelo gargalo abaixo: a pelle deve ter hum buraco, por onde ſaia hum boccado da eſponja; o qual ſerve de bico de peito. He bom fazer-lhe com huma agulha, ou alfinete grande alguns pequenos buracos, para que o leite poſſa ſahir mais facilmente.

Quando ſe quizer dar de mammar, deve-ſe amornar levemente o leite, mettendo o vaſo dentro da agua, que lhe dê o gráo de calor, que ſe pareça com o natural. Deve haver muito cuidado em ſe lavar com agua quente tanto a eſponja, como o vaſo, para que naõ fique algum fermento azedo. He melhor mugir o leite duas, ou mais vezes nas vinte e quatro horas, para que naõ haja nelle alteraçaõ, principalmente ſendo o tempo quente.

Se deſde o principio ſe quizer crear á maõ huma criança, naõ ſe lhe deve dar logo aquelle leite, que ſe eleger, que em regra geral he o de cabra; mas pri-

primeiro se lhe deve dar a chupar huma boneca de panno macio molhada em agua adoçada com mel, a qual fará sahir o ferrado, e as de mais impurezas, de que vem chêas as suas primeiras vias. Nas primeiras vinte e quatro horas naõ se lhe dará outra cousa; mas depois se lhe irá dando pelo modo exposto o leite diluido com huma parte de agua, e duas de leite; e se for de vacca, ainda se deitará mais agua. Esta porçaõ de agua se irá pouco e pouco diminuindo até aos dous mezes, e entaõ se dará puro.

No primeiro mez basta dar leite ás crianças de duas em duas horas, naõ sendo já mais preciso acordallas para isso. Huma onça, ou pouco mais de leite he bastante para cada vez, no decurso do primeiro mez; no segundo se dará onça e meia; no terceiro duas; de maneira, que pouco e pouco se deve augmentar a quantidade do leite, e alongar os espaços do tempo. He porém de advertir que a fortaleza, e estomago da criança he quem ha de principalmente determinar a porçaõ do leite; pois he claro que se naõ póde dar huma regra geral ácerca da quantidade da comida para todas as pessoas.

Assim como propuz tantas cautelas a respeito da escolha das amas, e sendo neste caso o animal, que se eleger, huma especie de ama, tambem devemos attender a algumas das suas qualidades, que se reduzem a bem poucas: I. que o animal naõ seja de muita idade; II. que esteja em boa nutriçaõ; III. que seja bem alimentado; e nisto he que deve consistir todo o cuidado.

Segundo a relaçaõ de Authores veridicos ha póvos, que usaõ muito deste methodo de crear os filhos na falta das mãis; e com tudo saõ fortes, sadios, e chegaõ a huma longa velhice. Naõ seria melhor que os Portuguezes o abraçassem antes, do que entregassem seus filhos nas maõs de huma mulher, as mais das

vezes, defconhecida, fem affecto, fem limpeza, fem alinho, fem fombra de probidade, fem a precifa regularidade de vida, e talvez chêa de moleftias occultas, mas nem por iffo menos deftruidoras? Para cafa de huma mulher deftas he que quafi fempre fe defterra hum filho, que vai fer fegura victima de defordens fem conto. Se os menos teres faõ a caufa difto, naõ he mais commodo que a mãi, já que lhe naõ póde dar leite dos feus peitos, o crie pela fua maõ com aquella ternura, e difvello maternal, que difficilimamente fe achará em outrem? Quanto naõ lucraria o Eftado naõ fó no augmento da povoaçaõ, mas na faude, e robuftez de feus vaffallos! Naõ he efte o unico methodo praticavel na Cafa dos Expoftos? Creio que fó affim, evitando-fe muita defpeza, fe evitaria tanta mortandade, e ao mefmo tempo fe extinguiria o trafego infame, que com a vida deftes innocentes faz muita gente defalmada.

ARTIGO V.

Que regularidade deve haver em dar de mammar ás crianças; e os abufos que vulgarmente reinaõ a effe refpeito.

QUem come mais do que podem as fuas forças, trabalha por eftar doente. Efte Aforifmo (*) do Pai da Medicina, dictado pela razaõ, e confirmado pela experiencia de tantos feculos, he huma condemnaçaõ formal do máo habito, em que eftaõ as amas de darem de mammar quafi todas as horas, e em grande quantidade, imaginando que o chôro das crianças he fempre final certo, de que tem neceffidade de alimento;

(*) Aphor. 17. Secc. 2.

to; e este prejuizo he o motivo do seu zelo indiscreto, que me cumpre destruir.

Sómente a dôr he capaz de fazer chorar huma criança; mas as amas estaõ taõ preoccupadas, que quasi geralmente attribuem á sensaçaõ da fome qualquer demonstraçaõ desagradavel, que as crianças annunciem com o chôro. Mas a verdade he, que quasi sempre a causa de suas lagrimas, e vagidos he o incommodo, que lhe causa ou o aperto dos vestidos, ou alguma dobra que moleste, ou algum alfinete que pique, ou a acrimonia dos vestidos, ou o muito frio, ou calor, ou finalmente o estomago muito carregado. Se as amas cuidassem de examinar se he alguma destas causas, ou quaesquer outras, quem motiva o chôro, facilmente conheceriaõ que naõ he a pertendida sensaçaõ da fome, a que sempre recorrem.

Embora digaõ que as crianças se calaõ com a mamma, e que por isso he preciso dar-lha quando choraõ. Esta he a ordinaria resposta que costumaõ dar, e que mil vezes tenho ouvido, se pertendo ir contra hum tal abuso. Mas o certo he, que nem sempre se calaõ com a mamma; e quando se calaõ he por hum pouco, em quanto, violentadas pelas amas, saõ obrigadas a distrahir o seu verdadeiro incommodo com o attractivo do leite. Se a causa, por exemplo, he huma indigestaõ, mal se póde remediar o chôro, aggravando com mais alimento o primeiro motivo delle. Creio que ainda ninguem se lembrou de curar huma indigestaõ comendo cada vez mais: isto porém he o que estamos vendo praticar todos os dias com as miseraveis crianças.

He impossivel determinar com exactidaõ, quantas vezes em vinte e quatro horas deve mammar huma criança; porque humas tem mais necessidade, do que outras de mais, ou menos alimento. A sua saude, a sua força, e o seu appetite unicamente podem guiar nes-

neste ponto huma ama cuidadosa, e racionavel. Quando a criança passa bem, fallo genericamente, póde mammar nos primeiros dous mezes oito vezes entre dia, e noite com prudente moderaçaõ. Sendo o costume no nosso paiz comer quatro vezes no dia, poderá a ama dar de mammar antes de almoçar, fazendo-o ás oito horas; duas horas depois do almoço; e pouco antes do jantar; quatro para sinco horas depois do jantar; e antes de ceia, suppondo-a das oito para as nove horas; e pela noite adiante as ultimas tres vezes, segundo a criança acordar, passando sempre tres horas depois da cêa, que será muito menos pezada que o jantar.

He preciso porém advertir, que nunca se deve acordar a criança para mammar, como algumas amas imprudentemente o fazem; antes devem esperar que esteja bem acordada, porque sendo despertada, fica em sobresalto, mamma com repugnancia, e facilmente torna a adormecer com o peito na bocca: o que lhe póde ser muito damnoso, por lhe ficar provavelmente algum leite por engulir, o qual depois póde entrar para a trachea (*), e fazer-lhe huma tosse taõ violenta, que a suffoque. Nem tal será preciso; porque he de facto, que costumada huma criança a mammar a horas reguladas, pouco mais, ou menos, acorda a ellas, sendo seu despertador o estimulo que sente o estomago: outro tanto vemos succeder aos adultos, se saõ regulares nas suas comidas. Passado o segundo mez, deve-se ir diminuindo o número das vezes, e augmentando a quantidade do leite, por assim o pedir o insensivelmente adquirido vigor do seu estomago.

Disse que se devia dar de mammar certas horas depois das differentes comidas; porque sendo o leite quasi o mesmo chylo extrahido dos alimentos, conserva

(*) Vulgarmente gôto.

va por tempo o ſeu caracter : o que he facil de ver, examinando o leite de huma mulher, depois de ter comido rabaons, alhos, &c., o qual duas, ou tres horas depois conſerva o cheiro, e acrimonia da dita comida : e ſó vem a ter a qualidade de agradavel ao paladar, e de naõ ter cheiro, depois de quatro para cinco horas, conforme a quantidade do alimento, e naõ menos a ſua qualidade.

Eſta regra ſó entende com as crianças em ſaude; porque quando doentes, o melhor meio de as curar, he dando os remedios ás amas, e fazendo-as mammar algum tempo depois, o qual deve ſer regulado por peſſoa intelligente da natureza dos taes remedios. Deſta ſorte fica o leite medicamentoſo, e com muita facilidade ſe curaõ as crianças. Aſſim como para ſe aperfeiçoar o leite he preciſo que ſe paſſem certas horas; aſſim tambem cumpre que naõ eſteja muito tempo depois ſem dar de mammar; porque logo que o leite fica trabalhado, e aperfeiçoado pelas forças da natureza, entra a fazer-ſe ſoroſo, amarelado, e em vez de doce, acre; e neſte eſtado ſó póde fazer mal. As amas naõ devem eſtar muitas horas ſem comer, principalmente fazendo exercicio; porque he preciſo que haja novo chylo, que vá miniſtrando leite freſco, e ſaudavel.

Nem devem dar de mammar quando ſe ſentirem doentes a ponto de terem febre; nem depois de ſe terem perturbado com alguma paixaõ violenta. Tem-ſe viſto crianças attacadas de epilepſia, por terem mammado, quando as amas acabavaõ de huma grande colera : outras ſerem victimas de febres, porque as amas tinhaõ. Quando em fim, por lhes ſer muito preciſo, as amas tomaõ hum remedio alterante, huma purga, por exemplo, devem naõ dar de mammar, em quanto durar a acçaõ do remedio. Se a doença for comprida, e a criança naõ eſtiver em termos de ſer

desmammada, o remedio será buscar outra ama: se porém prometter pouca duraçaõ, poder-se-ha entretanto supprir com leite de cabra, ou de burra. O mudar de ama he sempre cousa temivel.

Devo notar, ainda que pareça de pouca importancia, que quando as amas derem de mammar, fujaõ de quartos muito abaffados, aonde naõ circule ar livre; porque aqui sendo o ar muito refeito, as crianças trabalharáõ muito para tirarem pouco leite. Quem sabe alguma cousa de Fysica, conhece que para se facilitar a acçaõ de mammar, he preciso concurso de ar livre, e elastico. Devo tambem advertir, que quando a criança péga no peito com ancia, e soffreguidaõ, deve a ama demorar a sahida do leite, sustendo o bico do peito entre dous dedos, e, se for preciso, retirando-o de quando em quando: aliàs naõ podendo engulir todo o leite que corre, póde na acçaõ de respirar cahir-lhe para a tracheia, e exercitar-lhe tosse violenta, como muitas vezes succede. Por esta occasiaõ devo lembrar, e o mesmo tempo condemnar o máo costume, que vulgarmente ha de batter nas costas, quando acontece hum caso destes, pertendendo, ao que dizem, fazer sahir deste modo o que causa a tosse.

He desgraça que para cumprirem taõ boa tençaõ, inventassem meio taõ perigoso. Estas pancadas podem, interrompendo a respiraçaõ, suffocar as tristes crianças. Os estremecimentos que lhes daõ, suspendem os esforços saudaveis, que faz a natureza, para lançar fóra o que a incommoda. O leite entra mais para baixo (para os bronquios), irrita cada vez mais, e causa ás vezes convulsões, que ameaçaõ a morte. E se em lugar disto se inclinasse hum pouco a cabeça da criança, e a deixassem tossir, muito mais facilmente ficaria livre.

Outro prejuizo naõ menos vulgar he o julgar-se, que

que he ſinal de ſaude o reporem facilmente o leite logo depois que mammaõ. O vomito nunca foi ſinal de ſaude, antes o he de moleſtia: o que ſe deve dizer he, que sería peor, ſenaõ vomitaſſem o exceſſo do que tem mammado, porque ſe ſeguiriaõ indigeſtões funeſtas. Iſto por tanto longe de ſer hum bem, he deſordem que ſe deve emendar: e o modo eſtá em regular, e moderar o leite que ſe lhes dá, para que o eſtomago ſe naõ carregue com demazia, e damno. A cauſa mais ordinaria dos incommodos das crianças (naõ canſarei de o repetir), he a deſordem, e exceſſo do alimento: por iſſo todas as vezes que huma criança tiver mammado ſufficientemente, naõ ſe lhe deve dar de mammar, ſem que o eſtomago tenha digerigo o primeiro leite; e ainda que chore, deve-ſe aſſentar, que naõ he por fome; e examine-ſe qual he a cauſa do ſeu chôro: mas quaõ difficil he corrigir abuſos, que nos vem com o leite!

ARTIGO VI.

Quando devem principiar a comer, e qual ſerá a comida propria.

VUlgarmente penſaõ que as crianças ſaõ humas máquinas ſummamente debeis, e delicadas; e na verdade aſſim he; mas devemos notar que eſta debilidade, ſendo-lhes natural, naõ he doença, e por conſeguinte naõ admitte remedios, nem deve dar cuidado. Deſgraçadamente porém pertendem algumas peſſoas menos prudentes emendar eſta debilidade, dando-lhes muito de comer, e abafando-as muito; de maneira, que, pelo commum, as ſuas doenças naſcem do demaziado comer, do demaziado abafo, e pouco exercicio. E por quanto eſſas peſſoas julgaõ, que o leite dá pouca ſuſtancia, procuraõ remediar eſte defeito, principiando

desde logo a dar-lhes de comer. Este he hum dos erros mais manifestos, e prejudiciaes; pois como naõ bastará ás crianças o leite, se temos observações de pessoas adultas, que delle unicamente viverão largo tempo? Boerhaave, e seu illustre Commentador, referem factos desta natureza. Donde claramente se colhe por temor de naõ bastar o leite da mãi para a devida nutriçaõ da criança, nunca se deve recorrer a outra especie de alimento. Quem observa o que se passa com os outros animaes, conhece a verdade desta proposiçaõ; pois todos naquelle tempo prescrito pela natureza só se alimentaõ do leite das mãis, ao mesmo tempo que melhor do que nós poderiaõ transgredir esta lei por nascerem já com dentes. Esta he tanto a voz da natureza, que ella de dia em dia vai proporcionando a força do leite a necessidade das crianças.

Digo por tanto, que as crianças naõ devem entrar a tomar outro alimento fóra do leite, antes de terem os dentes incisores (*), o que quasi nunca succede antes dos oito mezes. Esta he a regra mais geral, que a este respeito se póde estabelecer; porque de ordinario os dentes ou se demoraõ, ou se anticipaõ, segundo as forças das crianças: e assim fica bem applicavel esta regra, que acompanha sempre a sua maior, ou menor debilidade. Seguindo-se isto, seguem-se os dictames da mesma natureza; pois ella como que nos guia a lhes ministrarmos alguma comida mais sólida pelos dentes que faz apparecer. Antes deste tempo he nocivo todo outro alimento, que naõ for o leite de quem as cria; porque além das molestias causadas pelas frequentes indigestões, he da observaçaõ de todos, que as lombrigas perseguem cruelmente as crianças, que comem muito cedo, ao mesmo passo
que

(*) Saõ os oito dentes de diante, que ficaõ entre as chamadas prezas.

que em quanto ſó mammaõ nunca dellas ſe vem atormentadas.

Authores ha taõ apertados ſobre eſte ponto, que abſolutamente prohibem toda, e qualquer comida antes do tempo de as deſmammar: eu porém notando com outros, que a repentina paſſagem do ſimples leite da ama para comidas mais ſolidas póde ſer nociva, ſigo antes, que he melhor ir pouco a pouco coſtumando de longe aquelles debeis eſtomagos a eſta mudança, para ſe naõ fazer ſenſivel. Toda a difficuldade porém eſtá em eſcolher hum tal alimento, que naõ ſeja ſuperior ás forças do ſeu eſtomago. Já fallei contra a papa feita de farinha, de que em algumas partes ſe uſa. Eſta eſpecie de cola mais capaz, ſegundo a expreſſaõ de Ethmulero, de grudar duas folhas de papel, do que de ſervir de alimento, em caſo nenhum ſe deve dar.

Igualmente ſe fugirá de ſopas feitas de caldo de carnes, do ſeu arroz, e em geral de toda a comida animal; porque ſobre o miniſtrarem humores tendentes ou á inflammaçaõ, ou á podridaõ, ſaõ demaziadamente nutrientes. O que acho mais proporcionado para eſte principio he a papa de miollo de bom paõ, feita em agua, por ſer eſta o melhor diſſolvente da ſubſtancia nutritiva do paõ; e depois de feita ajuntar-lhe leite mugido de freſco de maneira, que fique eſta papa muito desfeita, e liquida. Prefiro eſte methodo, porque além do leite naõ ſer taõ bom diſſolvenre, como a agua fervendo, quando vai ao lume perde grande parte das ſuas particulas volateis, e vem a ſer menos digerivel: e fazendo-ſe do modo que inculco, fica o leite no ſeu eſtado natural, e toma o gráo de calor preciſo daquelle, que traz a papa ao tirar do lume. O melhor leite, e o mais facil de conſeguir bom no noſſo paiz, he o de cabras: mas de paſſagem notarei, que ſempre ſe deve preferir o da-

quellas que vaõ paſtar aos campos, ao das que ou ſe alimentaõ em caſa, ou naõ ſahem das grandes povoações; pois, além de naõ ſe exercitarem, reſpiraõ hum ar pouco puro, e ſe alimentaõ de couſas menos ſaudaveis, e ás vezes nocivas.

Aſſima diſſe, que antes dos ſete mezes ſe naõ devia paſſar a eſta mudança, em caſo de eſtar a criança de ſaude: agora digo, que ſe naõ deve dar mais de huma vez no dia de manhã com huma pequena colhér bem limpa, e de prata, ſendo poſſivel, e a melhor occaſiaõ he depois de ſe ter penſado. A porçaõ he indeterminavel por depender do appetite, e das forças da crianças.

Vendo-ſe pois que deſte uſo ſe naõ ſegue mal, poder-ſe-ha paſſar a duas vezes, huma de manhã, outra de tarde; e daqui ſe naõ deverá paſſar até ao tempo de deſmammar.

ARTIGO VII.

Quando ſe devem deſmammar as crianças: como ſe deve entaõ proceder: que alimentos ſe devem dar dahi por diante até aos quatro annos?

ESTES tres pontos naõ ſaõ certamente menos importantes do que as queſtões, que até agora me tem occupado: por cujo motivo igualmente me esforçarei em apurar a verdade em cada hum delles, ſem embargo dos differentes pareceres dos Authores, que acerca de tal materia trabalháraõ.

Diſcrepaõ muito os coſtumes dos diverſos póvos do noſſo globo no modo, e tempo de deſmamar os filhos. Na Coſta de Africa as mãis daõ de mammar quatro annos ſucceſſivos (*); e em outros paizes dous an-

(*) Des-Eſſartz, pag. 278.

annos. Alguns ſelvagens ha que limitaõ iſto a ſeis mezes. Os póvos de Canadá, e a maior parte dos póvos civiliſados, cujos coſtumes nos ſaõ conhecidos, ſó deſafazem os filhos do leite da mãi na idade de hum anno. Entre nós cada familia ſegue ſeu differente ſyſtema, decidindo-ſe cada huma pelas inſpirações do ſeu capricho, e maior, ou menor diſvelo. De coſtumes taõ deſvairados nada ſe póde tirar, que nos conduza a huma regra fixa, e racionavel; nem ſobre eſte ponto ſe póde eſtabelecer regra geral, ainda para aquellas peſſoas, que vivem ſemelhantemente: neſte deſcuido tem cahido todos os que quizeraõ preſcrevella.

Sabem todos a differença que ha entre o filho de huma camponeza, e o de huma ſenhora delicada: o daquella, participando da robuſta conſtituiçaõ da mãi, já naſce forte; e ſendo depois criado ſem melindre, e entregue nas mãos da ſimples natureza ganha mais cedo aquelle vigor taõ preciſo, para ſem damno paſſar ao uſo de alimentos mais fortes: o deſta porém formado em entranhas debeis; nutrido de humores mal trabalhados, e talvez viciados; ſujeito a todos os deſvarios de hum capricho cego, fomentado pela ignorancia das parteiras, muito de vagar chega a termos de digerir outra couſa, que naõ ſeja o leite de quem o cria.

Deſta differença pois concluo, que o filho da camponeza, quero dizer, de huma mulher robuſta, deve mais cedo deixar o leite, do que o da ſenhora corteză; iſto he, de huma mulher debil, e mal conſtituida. Logo a regra geral, que a eſte reſpeito ſe póde eſtabelecer he, que nunca ſe deve deſmammar huma criança, ſem que ella tenha os dentes preciſos para maſtigar comeres mais ſolidos. E como quer que as crianças vigoroſas ſó os tenhaõ do anno por diante (convem a ſaber ao menos doze) digo, que naõ devem ſer deſmammadas antes daquelle tempo: as crian-

ças

ças porém debeis só chegaõ a ter estes do anno, e meio por diante; e por isso se naõ devem desmammar antes desta idade.

Ultimamente he necessario advertir, que assim como naõ convem desmammar huma criança antes de tempo, assim tambem he prejudicial, e pouco conforme ás direcções da natureza, que aquella que tem chegado a este ponto de força competente, naõ passe a alimentar-se de comidas mais solidas. Para ser máo, basta ser contra a voz da natureza; pois ella, dando os dentes, nos dicta a necessidade de usar delles. Além disto he visivel, que sendo os ossos das crianças no seu principio gelatinosos, e que, adquirindo pouco e pouco maior firmeza, até chegarem á devida dureza, haõ mister alimentos mais solidos, para delles se extrahir melhor a substancia precisa para a sua completa formaçaõ; os quaes dentes do simples leite naõ tiraõ quanto lhes falece; de cuja falta podem resultar molestias de todo o cuidado.

Quando se tomar a deliberaçaõ de desmammar huma criança, como ella tantos mezes se alimentou de leite, deve elle ser nos primeiros tempos a sua principal comida. Continuar-se-ha por tanto a dar-lhe de manhã a sua mesma papa de que usava, como fica dito no Artigo precedente. Ao jantar ou sopa de leite simples, ou feita em caldo de vacca, ou gallinha, tirada a gordura; e outras vezes, por variar, arroz bem cozido no dito caldo temperado simplesmente. De tarde póde-se-lhe dar ou a mesma papa, ou tambem o leite puro, e naõ fervido, para nelle ir molhando o paõ, e comendo; e isto he preferivel nesta occasiaõ á mesma papa; porque assim se vem obrigadas a mastigar o paõ ensopado em leite: e quem quer sabe o quanto influe na boa digestaõ a mistura da saliva, que na mastigaçaõ dos alimentos se separa em maior quantidade. A' noite póde-se repetir qualquer das cousas

re-

referidas. E se entre estas comidas regulares tiver fome, como he de crer succeda, naõ se lhe deve dar mais do que hum bocado de paõ bem feito, bem cozido, e naõ do mesmo dia: este conselho he de Loke, que usa do seguinte dilemma: Ou a criança tem fome, ou naõ a tem; se a tem, o paõ lhe será o melhor acepipe, e o mais innocente; se a naõ tem, escusa comer.

Naõ serei taõ escasso em permittir nesta idade as fructas bem sazonadas, como alguns Medicos, ainda de grande reputaçaõ popular. A hum destes ouvi huma vez, que dar fructas a crianças era dar-lhes veneno; e que quantos bocados comiaõ, tantos eraõ os ninhos de lombrigas, que mettiaõ na barriga. A' tal proposiçaõ nada respondi, porque nada faria em contradizello: mas o que entaõ calei, devo agora escrever. As fructas da estaçaõ bem sazonadas, e perfeitas, saõ hum saudavel alimento para as crianças, assim como para todos: e tal virtude de crear lombrigas naõ he facil demonstrar. A natureza as inculca, pois naõ se achará huma criança, que naõ tenha paixaõ por ellas. O que se deve recommendar he a moderaçaõ; porque o excesso naõ deixará de enfraquecer o estomago já de si debil, e dispollo a mil incommodos, entre os quaes entraõ as lombrigas. Os adultos sendo tambem demasiados em as comer, sentiráõ os mesmos damnos: mas em geral as crianças, tendo relativamente mais liquidos, do que os adultos, supportaõ menos todas as comidas aquosas, sendo-lhes mais proprios os comeres mais seccos. Estes inconvenientes porém, provindos de indiscriçaõ, naõ tiraõ que o uso moderado seja naõ só util, mas preciso.

Deve-se fugir com todo o cuidado de fructas verdes; porque poucas cousas ha, que lhes façaõ tanto mal. Azedaõ os succos digestivos, fazem cruezas no estomago; e se saõ muito acidas, coagulaõ a linfa,

geraõ obſtrucções meſentericas, e outras enfermidades que deſtas ſe derivaõ. No campo he aonde ſobre iſto mais erros ſe commettem. Os Parochos, e as peſſoas mais illuminadas, deveriaõ por humanidade fazer ver a eſta pobre gente, quaõ funeſto he a ſeus filhos o uſo de fructas verdes.

O coſtume quaſi ordinario de adoçar com aſſucar quanto comem as crianças, he dos mais prejudiciaes; porque o comer aſſim naõ ſó fica menos digerivel, mas, engodadas ellas pelo attractivo do doce, comem muito mais, do que a natureza pede, e lhes he preciſo: o que daqui ſe ſegue ſaõ indigeſtões, e todos os males que dellas ſe originaõ, cujo número he immenſo. Se os ſeus comeres foſſem ſimplices, nada diſto ſuccederia; porque, ſendo a vontade o ſeu aſſucar, naõ paſſariaõ os limittes della. Eſte erro naõ he tanto do campo, como das Cidades; e ſe alli ha damnos de fructas verdes, aqui os ha igualmente deſte peſſimo coſtume: e naõ me mettendo agora a dicidir qual delles he maior, ſó digo, que os filhos do campo podem melhor reſiſtir aos males, que provém dos erros da dieta.

Condemnando eſte máo coſtume de adoçar quanto comem as crianças, com mais razaõ devo reprovar tudo o que ſaõ maſſas, por exemplo, paſteis, empadas, &c. alimento o mais cruel para eſtas idades: e neſte meſmo caſo eſtaõ as amendoas cubertas, confeitos, bolinhos, &c. Eſtes porém ſaõ os mimos, com que muita gente indiſcreta brinda as crianças, que, levadas do appetite, comem com iſto o fermento de muitas enfermidades.

Com as crianças he mais preciſo attender á qualidade, do que á quantidade dos alimentos; pois ſendo eſtes, como devem ſer, ſimplices, rariſſimas vezes poderáõ prejudicar por exceſſo. Infelizmente porém he ao que menos ſe attende; pois communmente ſe julga,

ga, que aquelles alimentos do nosso gosto naõ podem desagradar ás crianças. Este modo de pensar he absurdo, por que he fóra de dúvida, que no decurso da idade vimos a gostar de comidas, que na infancia naõ podiamos supportar.

Cada hum, lançando os olhos para a sua vida passada, em si achará exemplos disto. De mais ha comeres, que convem ao nosso estomago, ou ao menos lhe naõ saõ nocivos, os quaes de nenhuma sorte supportaria o das crianças; taes saõ os alimentos salgados, adubados, seccos ao fumo, &c. Tambem lhe saõ nocivos comeres gordos, oleosos, caldos fortes, sopas de substancia, &c.

A manteiga, que taõ geralmente se lhes dá, principalmente em Lisboa, donde sem hyperbole se póde dizer, que vivem de paõ, e manteiga, devêra ser ou nunca permittida, ou ao menos com muita reserva, e prudencia.

As raizes, que contém hum summo crú, e viscoso, rarissimas vezes se lhes devem dar. Ellas fazem, segundo observaõ os Praticos, os humores grossos, e espessos, e dispõem o corpo a molestias eruptivas, ou da pelle.

Esta advertencia diz mais respeito ás pessoas pobres, que, procurando satisfazer com pouco gasto o appetite dos filhos, os enchem duas, ou tres vezes no dia de batatas, castanhas, e outras substancias de natureza crúa, e viscosa.

Em lugar destes comeres indigestos, e nocivos, o mel, que abunda tanto nas Provincias, sería para as crianças hum excellente almoço, e merenda. Hoje em dia, que já para os Medicos mais illuminados se apagou o fogo vulgarmente imputado a esta maravilhosa substancia entre vegetal, e animal, geralmente nos aproveitamos della como remedio, e como alimento, naõ fazendo nisto mais, que seguir as pizadas do ve-

nerando Pai da Medicina. O mel, diz hum célebre Author Inglez, he ſaudavel, refreſca, purifica, e adoça os humores. As crianças que comem mel raras vezes ſaõ perſeguidas de lombrigas, e ſaõ igualmente pouco ſujeitas a doenças cutaneas, taes a ſarna, tinha, &c. Em abono do que diz eſte Author, poſſo atteſtar com a minha experiencia, pois tendo-o applicado a meus filhos, e a outras crianças, vi ſempre do ſeu uſo muito bons effeitos.

Até aos quatro annos pouca, ou nenhuma carne ſe lhes deve dar; e eſſa pouca deve ſer cozida, ſendo baſtante que uſem da ſopa, e do arroz, feito tudo como aſſima fica dito. A carne eſquenta o ſangue, diz o meſmo Author, e diſpõem as crianças para as febres, e doenças inflammatorias. As bexigas, ſarampos, ſcarlatinas, &c, havendo eſta diſpoſiçaõ cauſada pelo uſo das carnes, de ordinario ſaõ nellas de maior perigo.

A ſua bebida naõ deve paſſar de agua, leite, e ſôro do meſmo. O vinho, chá, café, chocolate, lhes ſaõ muito nocivos. Mas quaõ difficil ſerá conſeguir, principalmente na Côrte, a proſcripçaõ do contínuo uſo deſtas bebidas da moda! Se nas Provincias ſe naõ pécca tanto com ellas, ha outro erro pouco menos prejudicial, que he o darem quaſi do berço vinho ás crianças. He para lamentar, que por força hajamos de fazer goſtar a noſſos filhos daquillo, por que á força de coſtume temos ganhado paixaõ. Eſta idade tenra, e por iſſo ſenſivel em demazia, de nenhum modo póde ſem damno ſupportar bebidas eſtimulantes, ou ſejaõ, ou naõ fermentadas; porque as conſequencias de tal educaçaõ ſaõ a debilidade, as convulsões, a diſpoſiçaõ a febres, principalmente inflammatorias, e mil outras doenças, cuja raiz, ſe cavarmos fundo, ſe achará pegada a primeira idade, ſem embargo de ſe manifeſtarem pelo decurſo da vida.

De-

Devo ultimamente notar, que querendo os pais em virtude do muito que recommendo, e recommendaõ todos, feguir a prudencia, e moderaçaõ em naõ carregar o eftomago das crianças de demaziado comer, naõ caiaõ no exceffo oppofto de lhes dar menos do neceffario.

Taõ perto andaõ os vicios das virtudes! A fahir dos limites da razaõ, feja antes para mais, do que para menos; porque a natureza póde por mil meios defembaraçar-fe do fuperfluo, mas nunca poderá fupprir a falta do devido alimento. Algumas mãis menos difcretas martyrizaõ as innocentes filhas á fome, para que venhaõ a fer delicadas, e esbeltas. Que tyranna barbaridade! Supponhamos gratuitamente, que havia que ganhar em fer o corpo delicado, e formado fegundo o vaõ capricho de certas cabeças: naõ feria falta de fizo querello confeguir á cufta da faude? Mas naõ fupponhamos o que naõ exifte. O que fe ganha faõ moleftias, aleijões, e disformidades enormes.

Só me refta dizer nefte Artigo, que naõ he minha tençaõ ligar as crianças a huma dieta taõ apertada, que naõ hajaõ de fahir de huma efpecie de alimentos. Elles podem, e devem fer variados muitas vezes, com tanto que tudo feja fimples. Huma criança (diz Mr. Lorry) coftumada a huma dieta uniforme por faudavel que feja, fica com o eftomago coftumado a ella. Os orgãos faõ entaõ perguiçofos em digerir, por naõ ferem eftimulados de huma fenfaçaõ viva, e defufada: a bilis ha de feparar-fe em menos quantidade: tudo afroxa, e todos os males da inacçaõ podem apenas fer corrigidos pelo exercicio. Demais efte genero de vida impraticavel a naõ fer nos primeiros annos, debilita o tom das fibras do eftomago, e o faz incapaz da menor mudança. Pelo contrario a variedade das coufas fimplices, e faudaveis o anima á digeftaõ: faz-lhe huma agradavel titillaçaõ,

çaõ pela novidade do toque, e excita o appetite (*).

Hum cuidado tambem eſſencial ao bom regimen das crianças, he prohibirem os pais, que os domeſticos lhes naõ dem couſa nenhuma de comer, ſenaõ ou na ſua preſença, ou por ſua ordem; porque a maior parte deſta gente he taõ limitada, que ordinariamente faz mal, cuidando fazer bem; e ás vezes he ſó por ganharem a affeiçaõ das meſmas crianças.

CAPITULO IX.

Do ſomno, e do berço.

A Vida de huma criança recemnaſcida conſiſte em dormir, de maneira, que ſó acorda inſtigada de alguma neceſſidade, a qual ſatisfeita fica logo no meſmo eſtado, a naõ haver alguma couſa, que a incommode; e quanto mais moça, mais propenſa he ao ſomno. Eſta propenſaõ he na razaõ directa do ſeu creſcimento, de maneira, que aſſim como creſcem menos á medida, que a idade ſe adianta, aſſim tambem vaõ de dia em dia dormindo menos. Huma criança de quatro, ou ſinco annos dorme menos, do que huma de mamma; huma de nove, menos do que a de ſinco; e aſſim até á idade de perfeito creſcimento; e gradualmente o ſeu creſcimento vai ſendo menos rapido. Donde ſe póde muito bem deduzir, que no tempo do ſomno he que a máquina trabalha mais livre, e com mais proveito, vindo elle a ſer o maior reſtaurante das noſſas forças. He pois preciſo que nunca ſe privem as crianças do ſomno, taõ neceſſario á ſua debil conſtituiçaõ.

O

(*) *Eſſai ſur l' uſage des aliments.*

O tempo que a natureza nos determina para o repouſo he evidentemente a noite. O ſocego que entaõ ſe obſerva, a eſcuridade da noite, o freſco da atmoſféra, tudo, em huma palavra, nos convida ao deſcanço, ficando o dia reſervado para o trabalho. Segundo eſta ſucceſſiva cadêa he neceſſario que logo de manhã deixemos o eſtado do repouſo, e paſſemos ao da vigilia, e da lida. Ha em tudo o que naõ depende ſó de nós tal ordem, e harmonia, que ſem ſeguirmos os dictames da natureza naõ podemos ſer felices. O contrario porém he o que vemos geralmente praticado; porque nas grandes povoações as noites ſe trocaõ pelos dias, e os dias pelas noites, paſſando-ſe de ordinario o melhor tempo do dia, que he a manhã, no ar impuro, e na mollêza da cama: mas naõ gaſtemos tempo com o que naõ tem emenda.

Se as crianças de mamma naõ dormirem de noite, he preciſo que de dia ſe lhes evite, quanto puder ſer, o ſomno, dando-ſe-lhes todo o exercicio poſſivel, e conveniente, para que fatigadas durmaõ de noite, e deixem dormir de quem dellas cuida. Depois de deſmammadas, conſtantemente as acordaráõ de manhã, no caſo que por ſi o naõ façaõ; mas com tal modo, e ſuavidade, que ſe naõ aſſuſtem, nem fiquem eſpavoridas.

He difficilimo, por naõ dizer impoſſivel, determinar as horas que huma criança depois de deſmammada deve dormir; porque iſto he relativo á ſua conſtituiçaõ mais, ou menos viva. O que em geral ſe póde dizer he, que até aos quatro annos nenhuma deve dormir mais de doze horas, e até aos ſete mais de dez, e dahi por diante pouco a pouco ſe deve diminuir de ſorte, que ninguem, depois de chegar ao ſeu verdadeiro eſtado de creſcimento, deve dormir mais de oito horas entre dia, e noite. Se aſſima diſſe, que o ſomno era o maior reſtaurante das noſſas forças,

tam-

tambem digo, que levado a exceſſo he o maior debilitante: em todas as couſas ha, ou deve haver ſeu modo.

Todos os animaes, ſem nos exceptuarmos, quando ſe deitaõ encolhem algum tanto os membros, donde ſe deve colligir, que eſta he a poſiçaõ que a natureza dicta. Nella porém, como naõ podemos eſtar de coſtas, tambem deduzo, que o modo de eſtar natural he de ilharga já de huma, já de outra parte. Iſto, que ſe conhece ſó pela ſimples inſpecçaõ da natureza, he confirmado pelos conhecimentos que hoje temos da Anatomia. Lembro-me de ler em Sabatier, que poucas peſſoas, ou nenhumas appareceriaõ mortas nas ſuas camas, ſenaõ houveſſe o peſſimo coſtume de dormir muita gente de coſtas. Diſto pois tiramos, que deve haver muito cuidado em naõ ter as crianças ſenaõ de ilharga, havendo a prudencia de as deitar já de huma, já de outra parte, para ſe naõ moleſtarem, e ferirem, como ſuccede aos enfermos, que ſó podem eſtar de hum lado.

As crianças naõ devem dormir com peſſoas de idade adiantada; porque eſtas, cuja pelle he rija, e por iſſo a tranſpiraçaõ muito pouca relativamente ás peſſoas moças, ſaõ como eſponjas, que continuadamente abſorbem, e attrahem a grande tranſpiraçaõ das crianças. He verdade que aſſim ſe humedece a ſua pelle, e vem a nutrir-ſe, mas tudo em prejuizo de quem lhes miniſtra eſte orvalho ſalutifero. Além da razaõ moſtrar o que affirmo, he huma verdade comprovada com factos já particulares, já referidos na Hiſtoria Sacra, e profana. Logo, para ſe evitarem eſtes males, como ſe deveráõ deitar as crianças?

Todo o mundo ſabe o que he berço, por iſſo me naõ demoro em o deſcrever. Se bem os haja de differentes feitios, o fim he o meſmo, aſſim como as ſuas utilidades. Naõ ſe podia inventar couſa mais util, e

mais

mais commoda ás crianças. A ſua utilidade ſe manifeſta por dous lados: primeiro, porque devem eſtar deitadas ſós; ſegundo, porque deſte modo ſe lhes póde dar certo movimento, que, ſendo-lhes ſummamente proveitoſo, as conſola, e diverte pelos ſinaes de prazer que nos moſtraõ, quando ſaõ prudentemente emballadas: vou deſenvolver a primeira parte.

Pouco aſſima notei, que as crianças naõ deviaõ dormir com peſſoas entradas em annos. De mais diſto, achando as amas que ellas naõ tem calor, e que eſte lhe quem as cria (expreſſaõ muito ordinaria), as ſepultaõ comſigo na cama, ſem advertirem em que o motivo he falſo, e as conſequencias funeſtas. Na infancia, diz Gregory, ſaõ preciſos menos veſtidos, do que na idade adulta, por haver naquelle tempo mais calor natural, ou ao menos mais uniforme. Ha hum grande número de crianças expoſtas, que vivêraõ dias por hum tempo taõ rigoroſo, que teria morto a maior parte dos adultos.

As crianças correm muito riſco em dormirem deitadas com as amas; porque facilmente podem ſer por ellas eſmagadas na acçaõ do ſomno: e quantos deſtes caſos ſe naõ tem viſto, ou occultado? Tambem as podem ſuffocar pelo coſtume de lhes darem de mammar meſmo deitadas, e aſſim adormecem a ama, e a criança com o peito na bocca: e quem deixará de ver a facilidade com que ella póde ſer ſuffocada, tapando-ſe com o peito inteiramente a reſpiraçaõ? Ainda ha outro inconveniente naõ de menor pezo. Deitadas as crianças com as amas ficaõ de todo cubertas, e reſpirando hum ar impuriſſimo, alterado pela tranſpiraçaõ de ambas, e pela reſpiraçaõ daquellas; e todo o mundo conhece os perigos que corre huma criança em reſpirar hum ar impuro. Além diſto, aqui tem ellas ainda maior trabalho em mammar, do que em huma camara abafada, como atrás notei; pois he manifeſto,

que debaixo da roupa da cama o ar eſtá naõ ſó rarefeito, e por iſſo incapaz de ajudar a acçaõ de mammar, mas tambem mefitico, e inſſiciente para a reſpiraçaõ. Paſſo agora a moſtrar a ſegunda parte, que he à utilidade do berço, pelo que diz reſpeito ao ſaudavel movimento, que nelle ſe lhes póde dar.

Authores (*) de toda a reputaçaõ tem abſolutamente condemnado o emballar as crianças, como couſa ſobre maneira prejudicial: outros (**) porém de igual merecimento, e credito o tem nas ſuas obras aconſelhado, como couſa ſummamente util. Quem poderá diſſolver eſta queſtaõ, que a diviſaõ dos Authores tem feito intricada? Deve ſómente ſer a razaõ deſpreoccupada.

O motivo, que obriga aos que ſeguem a parte negativa à inteiramente condemnarem o emballar, he a concuſſaõ, que dahi póde provir ao cerebro tenro, e delicado das crianças; a deſordem das digeſtões; e em fim a perturbaçaõ do contínuo, e regular gyro dos humores. Mas a tudo iſto ſe póde reſponder com as proprias palavras de Tiſſot, fallando a eſte reſpeito na ſua *Gymnaſtica*, pag. 98: *Mais il faut ſonger que tout n' eſt bon, & mauvais que relativement*: As couſas ſó ſaõ boas, ou más, conſideradas relativamente.

Qual he a couſa, por melhor que ſe imagine, a qual pelo ſeu abuſo ſe naõ torne má, e damnoſa? O indiſcreto uſo pois do que quer que fôr, deve provar ſómente, que o contrario póde ſer conveniente, e louvavel.

He verdade que a imprudencia no emballar, como ordinariamenre ſe vê, póde cauſar, e mil vezes te-

(*) Hamilton, Armſtrong, Roſſeen, Rouſſeau.
(**) Tiſſot, Ballexerd, Underwood, Vandermonde, Brouzet, &c.

terá causado naõ menos do que a morte : mas he porque desattentadamente principiaõ a fazello ; e á proporçaõ que a criança chora , emballaõ com mais e mais força , até que ella , cançada de chorar , e tonta daquelle movimento apressado , e irregular , chega a calar-se ; mas he para depois chorar mais. Por tanto , todos estes inconvenientes apontados pelos que seguem a parte negativa , sendo taõ faceis de remediar , naõ devem estorvar as utilidades reaes , que do prudente , e regular uso effectivamente se tiraõ.

Dizem os adversarios para prova das suas objecções , que ás crianças no berço succede o mesmo que costuma succeder aos que embarcaõ em hum navio , de cujo movimento se origina a perturbaçaõ de cabeça , enjoamento , e por fim os vomitos. A analogia porém naõ he muita ; pois no berço ha unicamente hum movimento de oscillaçaõ , que se póde á vontade regular ; e no mar ha outro irregular , e feito á discriçaõ das ondas. Donde se conclue , que esta objecçaõ naõ tem toda a força que lhe querem dar. Rarissima será aquella pessoa , que sinta o menor aballo navegando a favor da corrente de hum rio : porque naõ faremos pois que o movimento do berço seja ainda mais suave ? Está na nossa maõ.

De mais , ainda quem embarca no mar largo , só experimenta esta estranheza nos primeiros dias , os quaes passados vive-se taõ bem , como em terra , ou , para fallar mais exacto , melhor. E se fosse possivel principiar qualquer navegaçaõ por hum rio , e depois de vagar , e gradualmente ir passando ao mar largo , estou bem persuadido , de que nada se estranharia ; porque o costume nos faz natural ainda aquillo mesmo , que nos era contrario.

Se alguem me replicar , que , sendo o movimento taõ brando , como pertendo , nada póde fazer de bem , nem de mal , como já huma vez , discorrendo

ſobre tal aſſumpto, me diſſeraõ; reſpondo, que iſto he ver os objectos ſó por fóra, e muito de corrida. Coſtumaõ hoje os melhores Medicos da Europa ordenar ás peſſoas debeis em certas moleſtias, e circunſtancias a navegaçaõ por hum rio, ou andar em cadeirinha; e ultimamente aconſelhaõ em Inglaterra aos phthyſicos o balanço de huma rede, como fazem no Braſil, aonde quaſi geralmente o berço das crianças he a rede, e com mais ventagem.

Vanſwieten explica-ſe da maneira ſeguinte: A's peſſoas que eſtaõ em debilidade importa muito andarem embarcadas: ſe a embarcaçaõ for levada com hum movimento ſocegado, coſtuma excitar alegria, augmentando a tranſpiraçaõ; promover a fome, e facilitar a digeſtaõ dos ingeſtos (*).

Sanctorio finalmente, por naõ enfaſtiar com authoridades, diz, que o movimento do batel, e da cadeirinha, ſendo continuado, vem a ſer ſobre maneira ſaudavel: entaõ ſómente he que com admiraçaõ diſpõem para huma devida preſpiraçaõ (**).

Pois ſe eſte brandiſſimo movimento aproveita tanto em huma peſſoa creſcida, como ſerá indifferente ás crianças aquelle que ſe der por meio do berço?

A natureza, desde o principio da deſenvoluçaõ do feto no utero, parece já dizer-nos de longe, que depois de tirado daquelle carcere deve continuar a ter hum movimento competente. Solto, a ſuſpenſo no meio de hum liquido proprio, eſtá continuamente em huma ſua-

---

(*) *Navi autem vehi conducit debilibus: ſi placido navis feratur motu, miram alacritatem, perſpiratione aucta, ſolet excitare, famem augere, ingeſtorum digeſtionem promovere.* Vol. I. pag. 34.

(**) *Cymbæ, & lecticæ motus, ſi diu duret, ſaluberrimus, tunc ſolum ad debitam perſpirationem mirifice diſponit.* Aphor. 29.

ſuave oſcillaçaõ, cauſada naõ ſó pelos movimentos da mãi, mas até pelo jogo da ſua reſpiraçaõ. Logo o emballar huma criança naõ he contra a voz da natereza; mais depreſſa o ſerá deixalla em huma perpétua quietaçaõ, até que por ſi poſſa mover-ſe. Os póvos, ainda os mais barbaros, ſegundo dizem os Hiſtoriadores, ſempre daõ aos filhos certo genero de movimento, cada hum conforme os ſeus differentes modos de os crear. E que couſa mais natural, e mais feita ſem reflexaõ, do que o emballar nos braços huma criança, quando ſe péga nella? Quem naõ ſabe, diz Tiſſot, que nada acalenta tanto as crianças rabugentas como o brando movimento? Naõ ha circunſtancias em que o emballar lenta, e regularmente poderia alliviar ſeus males, diſtrahindo-as hum pouco do ſeu padecer, e convidando-as ao ſomno?

Averiguado pois que he conforme á natureza o brando movimento que ſe deve dar ás crianças, e que todos os damnos ſó reſultaõ da indiſcriçaõ, e abuſo; paſſo a inculcar o procedimento, que no emballar ſe deve ter, para ſe conſeguirem as utilidades, que por fim apontarei.

Naſcida a criança, e poſta no ſeu berço, como ſe tem dito, deve-ſe no primeiro mez emballalla com muita brandura, e compaſſo; e pouco a pouco depois ir augmentando o movimento, ſem já mais chegar a exceſſo.

Logo que a criança chora, ſe deve primeiro examinar ſe he por falta de alimento, ou por eſtar ſuja, ou em fim por couſa que a incommode; porque querella acalentar ſem antes a livrarem do incommodo, he fazer-lhe hum verdadeiro mal: e querer acompanhar a força do chôro com a violencia do emballar, he mil vezes peor; porque deſta imprudencia, que tantas vezes tenho viſto praticar, nada menos póde reſultar, do que huma concuſſaõ de cerebro, que ou prom-

promptamente cauſe a morte , ou , quando menos , deſordene as potencias intellectuaes para ſempre.

As verdadeiras utilidades, que do emballar ſe conſeguem , merecem toda a noſſa attençaõ. Quem quer conhece a ſumma debilidade com que naſce huma criança , cujos oſſos , ainda incompletamente formados , e cujos muſculos, quaſi ſem acçaõ , requerem algum meio de ſe irem naõ ſó pouco a pouco fortificando , mas tambem de ſe livrarem da ſuperabundancia de humores , de que ſe achaõ embebidos. Ora todos conhecem que nada he taõ capaz de conſeguir iſto , como o devido exercicio.

Todos os animaes logo que naſcem principiaõ a mover-ſe , ſó á eſpecie humana taõ tarde o entra por ſi meſma a fazer : nós porém em vez de ſupprirmos com a razaõ eſta falta (ſe he que podemos taxar a natureza de falta) , ligamos , prendemos , e damos tratos ás innocentes crianças.

A frequente renovaçaõ do ar , que occaſionaõ os ballanços regulares , e moderados ſobre todas as partes do corpo das crianças ; e a acçaõ das entranhas humas ſobre outras fazem impreſsões tanto uteis , como agradaveis. O ar , que reſiſte mais , ou menos , quando o corpo com o berço ſe move de huma para outra parte , obra comprimindo todas as ſuas partes , como outras tantas fricções ſuaves, que neceſſariamente haõ de dar força aos vaſos , eſpalhados por toda a pelle , promovendo aſſim a tranſpiraçaõ inſenſivel , que he , direi aſſim , a baſe da ſaude das crianças. Por eſte modo pois ſe fortifica a ſua debil conſtituiçaõ , e mil vezes ſe alcança naõ pequeno allivio nos ſeus ſoffrimentos.

Como felizmente eſta occupaçaõ he ſó da incumbencia das mulheres , naõ he inutil acompanhar com cantigas proprias o ballanço do berço. Faz iſto nas crianças o meſmo effeito , que nos adultos o murmuri-

rinho das fontes, ou o suſſurro dos brandos zefyros. Embora digaõ por objecçaõ, que as crianças aſſim creadas ſervem de hum pezo enorme; porque até de noite querem que as emballem, e lhes cantem. As mulheres naſcêraõ para iſto, e tem paciencia para mais, ſendo principalmente as proprias mãis.

CAPITULO IV.

Do exercicio naõ ſó no que diz reſpeito ás crianças, mas ainda geralmente conſiderado.

ESte Capitulo, pela íntima ligaçaõ que tem com o precedente, neceſſariamente ſe lhe devia ſeguir. Alli pertendi moſtrar a utilidade, que ſe podia tirar do prudente modo de emballar; agora porém moſtrarei que ſempre ſe deve continuar o ſaudavel exercicio das crianças, ponderando juntamente o modo juſto de proceder, e os graviſſimos inconvenientes, que de tal falta ſe ſeguem.

Poucas crianças ha entre nós que andem aos nove mezes; o mais commum he do anno por diante. Iſto depende em primeiro lugar da conſtituiçaõ mais, ou menos forte com que naſcêraõ; e em ſegundo lugar do modo, por que houverem ſido creadas, atrevendo-me a affirmar, que aquellas com quem puzerem em prática os dictames, que neſte Tratado inculco, andaráõ com muita mais facilidade.

Saõ mais que ſuperfluos, ſaõ damnoſos todos os expedientes, que ſe tem excogitado para fazer andar as crianças antes do devido tempo. A natureza he ſó quem o póde moſtrar; e manifeſtamente o faz, deixando apparecer nos tenros membros o vigor preciſo para os primeiros paſſos vacillantes: e como ella em tudo gradualmente procede, naõ principia por aqui, mas anticipadamente as põem em eſtado de ſe poderem aſ-

aſſentar, e de irem depois pouco a pouco engatinhando, até chegarem a ſuſtentar-ſe em pé. Por tanto fazem mal aquellas peſſoas, que, atropellando a natureza, pertendem que ellas andem antes do tempo conveniente, obrigando-as a eſtarem ſobre os pés, e a darem paſſos forçados: donde ſe ſeguem tortuoſidades de pernas, e má conformaçaõ das ultimas vertebras do eſpinhaço, e dos oſſos inominados, o que depois nas mulheres he de ſumma conſequencia pela difficuldade que vem a ter nos partos; e a tudo iſto dá occaſiaõ a falta de conſiſtencia nos oſſos, como he facil de perceber.

Deixemos pois obrar a providente natureza; naõ empeçamos os ſeus paſſos, que a criança pouco a pouco por ſi ſe aſſentará, engatinhará, e arrimando-ſe ao que achar, ſe porá em pé, e ha de dar ſeus paſſos encoſtada, e por fim correntemente.

Algumas peſſoas, a titulo de ſegurança, e promptidaõ no andar, prendem nas coſtas dos veſtidos duas fittas, a que chamaõ andadores; e pegando nelles ſuſtentaõ as crianças, para facilmente andarem ſem o riſco de cahir. Seria bom, que tal coſtume ſe aboliſſe, pois delle ſe originaõ damnos inconſideraveis, taes os ſeguintes. He verdade que as crianças deſte modo daraõ paſſos mais promptamente, mas he á cuſta da ſua boa conſtituiçaõ; porque, ſendo entaõ muito medroſas, e naõ tendo vigor para tanto, encoſtaõ-ſe todas ſobre os taes andadores prezos, como diſſe, ao veſtido. Deſte modo como o peito, e coſtellas ficaõ comprimidos, porque ſervem de ponto de apôio á força de quem péga nos andadores, principiaõ pela ſua molleza a achatar-ſe, e a perder a ſua natural configuraçaõ em prejuizo graviſſimo das delicadas entranhas contidas neſta cavidade. Coſtumadas aſſim, tarde ſe reſolvem a andar ſem aquelle ſuſtentaculo, e por conſeguinte mais tempo ha para ſe confirmarem todos eſtes males.

Don-

Donde manifeſtamente ſe vê, que naõ deve ſer eſte o modo de enſinar a andar, ou, fallando com mais exactidaõ, de ajudar a andar; pois ſó a natureza deve ſer niſto noſſa meſtra, aſſim como o he de todos os outros animaes. O mais que podemos fazer, he ſegurallas humas vezes pelas maõs, e outras moſtrando-lhes diſtante alguma couſa, que lhes excite a curioſidade, obrigallas aſſim a dar aquellas poucas paſſadas; com o que facilmente perderáõ o medo, e ſe deſembaraçaráõ a fazello ſós.

Dir-me-haõ a iſto, que muitas, ſendo aſſim creadas, naõ tiráraõ prejuizo nenhum. Naõ tiráraõ, digo eu, apparentemente. As conſequencias, aſſim deſte, como de outros erros, ſendo a principio pouco notaveis, chegaõ a manifeſtar-ſe quando, pela diſtancia do tempo ficaõ eſquecidas as verdadeiras cauſas. Donde vem principalmente nas grandes povoações tantas moleſtias de debilidade em particular de eſtomago, e de peito? Dos erros commettidos na primeira educaçaõ: entre os quaes eſte, de que trato, he muito attendivel, aſſim como todos aquelles que entendem com o bofe. E quem ignorará a influencia deſta entranha vital em toda a noſſa economia.

Naõ he menos prejudicial o uſo de todas as ſortes de carrinhos, com que tenho viſto fazer andar as crianças; as quaes, prezas alli por baixo dos braços, deſcançaõ neſta parte todo o pezo do corpo: e deſta ſorte ſe fórmaõ defeitos nas eſpadoas, que ſe elevaõ muito, eſtreitando-ſe, e desfigurando-ſe a cavidade do peito.

Todos eſtes meios, que ſe tem excogitado, ſó tem por ſi o livrallas de muitas quédas: iſto porém, comparado com os damnos já mencionados, naõ tem proporçaõ nenhuma. Huma caſa grande pouco, ou nada guarnecida de traſtes he o melhor lugar para as deſembaraçar a andar, e naõ haja receio de alguma pe-

 que-

quena quéda. He preciſo nunca as confiar a outras crianças mais velhas, porque eſtas as podem conduzir a maiores precipicios; e tambem deſviar-lhes da viſta, e muito mais das maõs, qualquer inſtrumento, que as poſſa cortar, ou offender. Havendo eſtas cautellas naõ ha preciſaõ de andadores, e de tantas variedades de carrinhos, que a eſpecioſa prudencia dos pais põem em prática. De paſſagem advertirei, que as peſſoas que ſe acharem preſentes, naõ moſtrem inquietaçaõ quando, por caſualidade cahirem; porque, naõ fazendo caſo, ellas immediatamente ſe calaõ, ou naõ chegaõ a chorar; e obrando de outra ſorte, fazem-ſe tímidas, e momentas.

Faz muito mal ás crianças o demaziado melindre, aſſim como lhes he nocivo tratallas com aſpereza, mas por eſte lado pécca-ſe muito menos; porque o commum he ter toda a condeſcendencia com as ſuas fantaſias. Parece-me que os pais, ou educadores, deveriaõ fazer hum ſyſtema inalteravel primeiramente de as acoſtumar a ſe fazerem ſervir pouco naquillo; que por ſi poderem fazer; em ſegundo lugar, de nunca lhes negar nada ſem juſto motivo, mas huma vez que ſe lhes negue qualquer couſa, nunca lha conceder, por mais que inſtem; porque ſe por froxidaõ ſe deixarem vencer das ſuas importunações, quereráõ conſeguir tudo á força de pranto, de teimas, e de máo humor: e tudo iſto, além do muito que influe no caracter moral, lhes faz grande mal á ſaude, tirando-lhes a alegria, que devem ter para ſe conſervarem em bom eſtado.

Naõ he menos pernicioſo o exceſſivo cuidado da ſua conſervaçaõ. Iſto he o que de ordinario ſe vê nas caſas dos ricos, e grandes. O' medo de que qualquer couſa as moleſte, as põem ſempre em ſobreſalto, de maneira, que naõ conſentem ás crianças o livre, e conveniente exercicio; e receiaõ tanto que o frio, e o ar

ar lhes façaõ damno, que as encerraõ em casas envidraçadas, sempre vestidas ao Inverno: naõ advertem porém, que este he o melhor modo de fazer seus filhos valetudinarios, e miseraveis.

Logo que as crianças chegarem a estado de andar desembaraçadamente, se lhes deve dar toda a liberdade para se exercitarem, seguindo nisto a voz da natureza, que as convida a hum movimento continuado. Nunca se devem obrigar a estar quietas, e muito menos assentadas. Deixem-nas brincar em casas grandes, e retiradas, e, se for possivel, em ar aberto, e puro, queria dizer, no campo. E se alguma vez for preciso accommodallas, seja com boas palavras, e bom modo; porque he huma sem razaõ castigallas por aquillo de que principalmente depende a sua saude, e boa constituiçaõ.

Se houver huma criança taõ molle, que antes goste de estar quieta, o que raras vezes se encontra, será preciso solicitalla a brincar, já ajuntando-a com outras alegres, e buliçosas, já promettendo-lhe varias cousas, com que mais se obrigue a sahir da sua inercia. He summamente conveniente levallas a passear ao campo, e aonde haja ar puro quer seja na estaçaõ fria, quer na quente; e os vestidos pouco devem differir de Veraõ, e de Inverno.

Tenho visto alguns pais taõ desarrazoados, que quasi obrigaõ os filhos a dormir a sesta; e a razaõ he porque elles tambem dormem. Huma criança só deve dormir de noite, e entaõ naõ he preciso obrigalla; porque, cançada da lida de todo o dia, voluntariamente procura o somno. Assim, pais, e mãis, deixai correr, e saltar vossos filhos á vontade. Naõ os obrigueis de modo nenhum á quietaçaõ: quando estiverem quietos, sabei, que estaõ doentes. No exercicio consiste a sua saude. Naõ lhes deixeis embora huma grande herança; sem isso se vive contente; mas naõ os façais

com a vossa imprudencia fracos, doentes, e miseraveis por toda a vida.

Muitos pais, cansados de aturar os filhos em casa, ainda, fallando imperfeitissimamente, os mandaõ ou para a escola, ou para a mestra. Aqui, entregues nas maõs de hum homem muitas vezes de genio forte, pregados sobre hum banco, passaõ a maior parte do dia papagueando o A B C, naõ podendo levantar os olhos. A mestra porém menos dura obriga as pobres meninas a estarem quasi todo o dia assentadas com a agulha na maõ, ou com a carta. Tal he a primeira educaçaõ que se dá em muitas Terras. E que prejuizos, assim moraes, como fysicos, se naõ seguem de taõ imprudente costume tanto aos particulares, como ao Estado!

Naõ se deve ensinar huma criança a ler antes de sinco annos: nesta idade aproveitaõ mais em hum mez, do que de tres, ou quatro em seis. Este ensino porém deve ser sem violencia, nem constrangimento. Por divertimento, e brincadeira se lhes póde ensinar a ler, e escrever, sem as enfastiar daquella occupaçaõ, que nunca deve passar de huma hora até hora e meia de manhã, e de tarde.

Se pois naõ conseguir dos pais emenda em prenderem seus filhos nas escolas, ao menos pedirei aos mestres, e mestras, que fazem exactamente officio de carcereiros, queiraõ ser mais arrazoados, e benignos, fazendo esta prizaõ menos pezada; cujo allívio consiste em naõ terem estes miseraveis tanto tempo constrangidos, e aperreados. Mas como os quereráõ aturar os mestres mercenarios, se os mesmos pais se enfastiaõ a ponto de os degradar da propria casa!

Nas aldêas, aonde ha falta de mestres, e donde a bulha das crianças incommoda pouco pela liberdade de que gozaõ, naõ deixa de haver outro igual inconveniente, qual he o de as occupar logo em trabalhos

su-

ſuperiores ás ſuas forças : donde ſe ſegue, que nunca chegaõ a ter o devido creſcimento, e a ganhar as forças que teriaõ, ſe desde o principio menos trabalhadas foſſem. A cada paſſo ſe encontraõ exemplos deſtes; e he para admirar, que o meſmo lavrador que mette a enchada na maõ de hum filho de dez, ou doze annos, naõ põe a albarda no ſeu jumento antes de tres annos.

O que ſuccede com o corpo, quando he antes de tempo trabalhado, igualmente ſe verifica com o eſpirito, quando querem fazer de crianças homens doutos. Moſtra porém a quotidiana experiencia, que parecendo a principio, que ha de vir a ſer couſa grande aquella criança, que aos oito annos já traduz ſeu pouco de Latim, e Francez, e que aos doze já vai á Rhetorica, quando chega á idade da razaõ, he hum homem muito ordinario no mundo litterario, ſem engenho, ſem preſpicacia, e ſem a energia das almas grandes. Naõ ſe devem pois acanhar os talentos de huma criança, cuja razaõ principia apenas a deſenvolver-ſe. Deixemo-la amadurecer primeiro, e entaõ, com a ſaude do corpo, teremos a fortaleza do eſpirito.

Naõ ſe póde porém ao juſto aſſignar o tempo em que ſe deve começar a educaçaõ litteraria, porque a razaõ em huns apparece mais cedo, do que em outros; cuja determinaçaõ deve ficar á deſcriçaõ de habeis educadores, coſtumados a eſpreitar a gradual deſenvoluçaõ dos talentos das crianças.

Depois de paſſada a primeira idade, e entrando já a puberdade, he preciſo que creſça o exercicio. Entaõ ſe deve aprender a nadar nos rios, ou no mar. Ninguem ignora quanta gente eſcapa por eſte meio das mãos da morte; e bem poucos ſaõ os que no decurſo da vida ſe naõ arrependem huma vez de o naõ ſaber. Entre os Romanos, e ainda entre os Gregos, o ſaber nadar entrava como couſa eſſencial na boa educaçaõ, e qua-

quaſi em parallelo com as bellas letras, de maneira, que quando ſe queria dizer, que tal peſſoa naõ tivera educaçaõ, e que para nada preſtava, ſe expreſſavaõ com eſte proverbio:

Nec litteras didicit, nec natare:

Naõ ſabe ler, nem nadar.

Iſto he pelo que pertence ás ventagens, que, pelos ſucceſſos da inſtabilidade da vida humana, podem provir a qualquer; mas ainda conſiderado pelo que diz reſpeito á ſaude, quem poderá duvidar do quanto nella influe o movimento, que ſe dá na acçaõ de nadar a todo o corpo mergulhado em agua fria? Neſte ſó acto ſe tiraõ todas as utilidades do exercicio, e dos banhos frios, dous meios efficaciſſimos de fazer das mais fracas conſtituições homens de ferro, capazes de ſupportar a intemperie das eſtações, ſem a menor alteraçaõ na ſaude.

O eſgrimir as armas tambem devia entrar no plano da boa educaçaõ fyſica. Com eſte exercicio os membros ſe vigoraõ, e ganhaõ força incrivel nos muſculos dos braços, e pernas. E quantas vezes nos naõ arrependemos deſta ignorancia? As nações mais polidas da Europa fazem aprender a ſeus filhos o jogo das armas: em Portugal ainda com mais razaõ ſe devêra praticar iſto; pois aqui muito mais, do que entre ellas, ſe uſa de eſpada.

De igual importancia he o ſaber andar a cavallo. He o exercicio mais util, que os homens deſcubríraõ, e que tem lugar em todas as idades. Por tanto os pais fariaõ muito bem a ſeus filhos, ſe os fizeſſem tomar algumas lições de picaria, e que continuaſſem, podendo ſer, neſte exercicio. Todo o mundo tem neceſſidade de ſaber, pelo menos, andar hum pou-

co a cavallo, ainda prefcindindo do motivo da faude.

Todos os jogos, em que fe agita o corpo, deviaõ fer nefta idade de frequente ufo, taes faõ a bola, laranjinha, bilhar, atirar com fundas a alvo certo, a luta, carreira, &c.

O exercicio he taõ neceffario para a faude, geralmente fallando, como he precifo o comer para fe conservar a vida. Efta verdade demonftrada pela razaõ, e comprovada pela experiencia, devêra andar fempre diante dos olhos de todo o mundo. Com as crianças póde muito a fua natural inclinaçaõ ao movimento, ainda mefmo quando alguns pais imprudentes lho querem eftorvar: com os adultos porém deveria valer a razaõ, que os perfuade ao exercicio: mas quaõ pouco vale ella para com muita gente! Sem ir bufcar o exemplo dos dous mais famofos póvos da antiguidade, Romanos, e Gregos, que tanto fe exercitavaõ naõ fó para conservarem a faude, como para fe fazerem infenfiveis ás fadigas da guerra; que differença fe naõ encontra entre huma criança do campo, e da Cidade, aquella correndo defembaraçadamente ao anno, ou quando muito ao anno e meio, e efta podendo dar apenas os primeiros paffos aos dous? Que differença entre huma donzella do campo, e a das grandes povoações na vivacidade do rofto, na viveza das côres, e em fim na robuftez de todo o corpo? Que differença, em huma palavra, entre os mefmos homens? E qual ferá a caufa de tanta difparidade? He principalmente a falta de liberdade na infancia para feguirem a voz da natureza, e depois de chegar á idade viril, a indolencia, e ociofidade, em que pelo commum fe vive nas grandes Cidades.

Os antigos conhecêraõ tanto a utilidade, que fe tira dos exercicios naõ fómente na infancia, mas ainda nas idades feguintes, que fobre ifto haviaõ leis ex-

pref-

preſſas. Aſſignalavaõ em todas as Cidades lugares para eſte fim deputados, nos quaes toda a mocidade ſe ajuntava. Preſidiaõ os Anciaõs, e premiavaõ aos que mais ſe diſtinguiaõ. O vencedor era honrado, e viſto com reſpeito naõ ſó na propria patria, mas até nas Cidadas vizinhas. (*).

Por meio deſta nobre emulaçaõ, ſempre util á patria, eſtes mancebos forticavaõ ſeus membros, e chegavaõ áquelle eſtado de inſenſibilidade, e valor infatigavel, que fez a naçaõ Grega o terror dos Reis da Perſia, e a Romana conquiſtadora de toda a terra entaõ conhecida. Hoje em dia porém naõ ſó eſtá eſquecida eſta intereſſante parte da educaçaõ da mocidade, em eſpecial da que ſe deſtina para a milicia; mas converteo-ſe em melindres, ocioſidade, e inteira effeminaçaõ. Ha quem ponha eſpartilhos nos meninos. Que mais ſe póde dizer, ou eſperar? Mas ſó ao Eſtado pertence a revoluçaõ deſtas damnoſas preoccupaçóes, eſtabelecendo á imitaçaõ dos Antigos em todos os Collegios, e tambem fóra, todas as eſpecies de jogos, com que a mocidade ſe divertiſſe, e chegaſſe a adquirir tal vigor de corpo, e eſpirito, que a fizeſſe util a ſi, e á patria.

Eſte contagio, que tanto tem lavrado no ſexo maſculino, já naõ póde ir mais longe entre o bello ſexo. Huma ſenhora, que naõ he delicada, melindroſa, e momenta, naõ merece tal nome. O tropel de moleſtias, principalmente nervoſas, que taõ familiares lhe ſaõ, reſultará acaſo da ſua natural conſtituiçaõ? Naõ certamente. Verdade he que as mulheres ſaõ mais fracas do que os homens; iſto porém he o que ſe obſerva nas fêmeas de todos os animaes. Mas ſe as conſiderarmos em

(*) Vejaõ-ſe as honras, que as Cidades da Grecia deraõ a Alcibiades por ter alcançado tres premios nos jogos Olympicos. *Vida de Alcibiades*, por Plutarco.

tem si, tem toda a fortaleza que requerem as funcções, para que as destinou a natureza.

Ha dous mil annos que as mulheres Gregas, Scythas, e Germanas eraõ feitas do mesmo modo que as de hoje. Creadas porém segundo a natureza, nutridas com alimentos bons, e simplices, e vivendo sobre tudo em continuado exercicio, disputavaõ aos mesmos homens o animo, e grandeza da alma. Naõ se cásavaõ senaõ depois de terem ganhado pelo exercicio huma saude firme, e capaz de supportar os trabalhos da prenhez, do parto, e da creaçaõ de seus filhos (*). As mulheres da antiga Scythia até carregavaõ com o pezo das armas, e soffriaõ as fadigas da guerra; e em quanto naõ davaõ nos combates provas do seu valor, naõ se casavaõ.

Mas, sem partirmos de taõ longe, as mulheres do campo quaõ differentes naõ saõ das senhoras das Cidades? E donde provém esta differença, senaõ principalmente do aturado exercicio que fazem? Por meio delle chegaõ a conseguir hum temperamento taõ forte, que as faz mil e mil vezes mais felizes na sua mediocridade, e pobreza, do que saõ aquellas no meio das suas pompas, e riquezas. Com isto naõ pertendo que todas troquem as Cidades pelo campo, para aqui haverem de fazer o que as mulheres rusticas fazem; porque seria querer hum absurdo: e nem as senhoras das Cidades poderiaõ supportar tal modo de viver, e de exercicio, que deve ser proporcionado á primeira educaçaõ.

Do que fica exposto, unicamente se deduz em breve, que se as senhoras de hojè saõ debeis, frôxas, e quasi vidrentas; se padecem tantos hysterismos, e tantas

(*) Licurgo, sabio Reformador de Lacedemonia, tinha estabelecido jogos, e exercicios para as mulheres. *Vida de Licurgo*, por Plutarco.

tas moleſtias convulſivas, nada diſto he devido á geral conſtituiçaõ do bello ſexo; mas que tudo tem principalmente por cauſa a extraordinaria ocioſidade em que vivem, ſem darem hum ſó paſſo dias e dias. As que ſaõ menos favorecidas da fortuna, bem podem, lidando nas proprias caſas, fazer baſtante exercicio, ſem perderem todas as occaſiões em que tiverem commodidade de ſahir ao campo, ou ao menos para fóra do coraçaõ da Cidade, aonde o ar he ſempre menos puro: e as que vivem na abundancia, e na grandeza, devem variar os ſeus paſſêos, fazendo-os humas vezes a pé, outras em ſege, e outras em fim a cavallo. Podem ir commodamente paſſar parte do Veraõ no campo, e gozar nelle de toda a ſua liberdade. Com eſte ſó remedio, o exercicio, eſtou perſuadido, que ſe curaria a maior parte das enfermidades, que tanto reinaõ entre as ſenhoras: mas quaõ difficil naõ he perſuadir o trabalho a quem vive na indolencia, e inacçaõ ainda com o poderoſo motivo da ſaude!

Entre todos os erros commettidos no ſomno, no comer, &c., o maior he a total falta de exercicio. Com eſte poderiaõ remediar-ſe alguns defeitos da primeira educaçaõ; mas a molleza chega a deſtruir naõ ſó a boa conſtituiçaõ, com que tivemos a fortuna de naſcer, porém tudo o que fizemos de bom na primeira idade (*).

Poucas peſſoas ha, que no decurſo de toda a ſua vida naõ tenhaõ feito mais exercicio em hum tempo, do que em outro. Recordem-ſe pois, e acharáõ, que paſſáraõ melhor quando mais ſe agitavaõ. E he taõ ordinario ſerem as peſſoas que vivem na indolencia frôxas, e valetudinarias, quanto he raro ſerem acha-

ca-

(*) Julio Ceſar, ſegundo Plutarco, era de huma compleiçaõ muito delicada, a qual fortificou com exercicio, e no meio das fadigas da guerra.

cadas as que saõ costumadas ao trabalho, e exercicio, naõ havendo nisto excesso, que em tudo he reprehensivel.

De manhã ao sahir do Sol he o tempo mais proprio do passeo, principalmente no campo. O ar entaõ, embalsamado dos perfumes de immensos vegetaes, dá a quem o respira huma tal força, e espirito, que dura todo o dia. Depois do somno da noite, vazio o estomago, e estando como supitas todas as funcções animaes, e naturaes, a circulaçaõ se faz com liberdade, nutre-se o corpo todo, augmentaõ-se as secreções, e a alma vê tranquilla os objectos que a cercaõ.

Quando porém o estomago está cheio, o corpo naturalmente recusa o trabalho, porque está entaõ mais pezado, e menos agil; e se forceja, perturba-se a digestaõ, desordenaõ-se as secreções, e excreções, e os humores precisos para a boa nutriçaõ ficaõ mal trabalhados. Deve-se por tanto esperar ao menos duas para tres horas depois de jantar, antes de se principiar com o trabalho quer do corpo, quer do espirito, havendo sempre attençaõ á força do estomago; porque huns em quatro horas teraõ feito a digestaõ, e outros sem em seis. O que he absolutamente necessario he, que a primeira digestaõ esteja feita; isto he, que o alimento esteja reduzido a chylo: o que cada hum, sem difficuldade, conhecerá pela agilidade do corpo, e desembaraço da cabeça.

CAPITULO XI.

Do modo de aperfeiçoar os ſentidos das crianças.

NInguem reflectindo deixará de conhecer o quanto importa á perfeiçaõ dos homens a perfeiçaõ dos ſentidos : pois eſtando hoje em dia aſſentado entre os Filoſofos, que a primeira, e unica fonte dos noſſos conhecimentos ſaõ os ſentidos, he manifeſto, que quanto mais aperfeiçoados forem, menos erroneas ſeraõ noſſas idéas. Vem por tanto a ſer hum dos pontos mais eſſenciaes na educaçaõ fyſica a diligencia eſmerada, naõ ſó em evitar quanto os póde alterar, mas tambem em lhes dar a perfeiçaõ que couber em noſſas forças.

O primeiro ſentido, de que huma criança recemnaſcida principia a uſar, he o paladar. Os outros mais devagar, e gradualmente ſe vaõ deſenvolvendo. Poucas horas depois de naſcida buſca o peito, e logo que lhe péga ſabe chupar o leite por meio de hum movimento taõ complicado, que muitas peſſoas adultas o naõ ſabem fazer. O alimento, que a natureza lhe offerece, he o leite materno : e que outro lhe podia dar mais ſimples de quantos conhecemos?

He taõ ſenſivel eſte orgaõ nas crianças recemnaſcidas, que, por effeito de ſimples inſtincto, naõ ſupporta no leite qualquer alteraçaõ ou acre, ou acida. Algumas ha que em tal caſo até chegaõ a recuſar o peito, fugindo de quem lho offerece. Daqui ſe infere, que o unico alimento proprio he o leite bom, naõ ſó pelo que diz reſpeito á ſaude, mas ainda ao melhoramento do paladar. Os primeiros annos da ſua vida devem ſer paſſados em ſimplicidade de alimentos; porque entretanto he que ſe vai pouco a pouco aperfeiçoando eſte orgaõ intereſſantiſſimo, pois quaſi lhe pode-

demos chamar a fonte da vida; pois por sua intervençaõ he que os outros se aperfeiçoaõ, e conservaõ. Hum tal alimento taõ simples, quanto suave he sómente o que póde, naõ offendendo as papillas nervosas do paladar, conservar a delicadeza deste orgaõ, até que chegue o tempo de inteiramente aperfeiçoar-se. Donde se vê tambem quaõ damnoso he querer crear crianças com papa, assorda de alhos, &c. Esta comida, além dos males que causa ao estomago, como em outro lugar mostrámos, altera summamente a contextura destes nervos taõ sensiveis.

Principalmente prejudica a este orgaõ o uso do vinho, bebidas espirituosas, café, chá, &c. De qualquer destes modos he evidente, que os nervos se contrahem, alteraõ, e ficaõ quasi callejados, perdendo assim toda a sua delicadeza. Estaõ no mesmo caso os comeres carregados de especierias, e de natureza picantes, carnes salgadas, defumadas; e o comer, ou bebidas tomadas muito quentes.

A experiencia comprova o que fica exposto; pois he de facto, que as crianças, que de pequenas bebêraõ vinho, e licôres desta natureza, como tambem as que usáraõ de semelhantes comeres, tem o paladar naõ só pouco sensivel, mas estragado; e que as que foraõ creadas de outra sorte, conservaõ a delicadeza que lhes he natural.

Esta escrupulosa attençaõ de naõ dar cousa que irrite, e altere os nervos do paladar, deve durar até aos quatro annos. Dahi por diante, havendo nelles mais firmeza, poder-se-ha, sem fugir da simplicidade, variar mais a comida. He preciso que pouco a pouco provem de tudo, naõ só para que de tudo tenhaõ idéa, mas porque virá occasiaõ em que naõ haja por onde escolher, e será bom que o estomago nada estranhe.

Este sentido naõ nos foi dado só como estímulo, que

que nos obrigasse a comer. O seu principal fim he ; o de nos advertir da qualidade daquillo que comemos. Se bem observarmos o que entre os outros animaes se passa veremos, que elles nunca comem cousa que lhes faça mal ; mas quem os guarda he a delicadeza do seu paladar, nunca estragado com os comeres, e bebidas, que a arte tem inventado. He pois regra geral, naõ havendo depravaçaõ neste sentido, que aquillo que nos sabe bem, nos aproveita, e reciprocamente fallando. Donde se vê quaõ interessante he a natural conservaçaõ do nosso paladar.

A natureza poz o orgaõ do olfacto em huma das partes da cabeça a mais conveniente, para com facilidade perceber o prejuizo, que nos podem causar certas particulas volateis ; assim como para gozarmos das que nos saõ saudaveis. Póde-se com verdade dizer, que este sentido he auxiliar do paladar ; porque tudo o que nos sabe bem, e nos he proveitoso, he sempre agradavel ao olfacto ; e este he o primeiro juiz do que comemos. Sendo porém este sentido hum supplemento do paladar, tem todavia seus prazeres separados, em que o outro naõ tem a menor parte.

As crianças quando nascem naõ saõ sensiveis ao bom, nem máo cheiro ; naõ porque os seus nervos sejaõ entaõ nesta parte insensiveis (*), mas porque ainda naõ tem a disposiçaõ precisa para representarem ao sensorio commum as differenças dos cheiros. Devagar pois se vai desenvolvendo ; e com razaõ, porque como todos os animaes se alimentaõ só de leite, naõ haõ mister da exquisita sensibilidade do olfacto.

As crianças, que nascem na grandeza, e opulencia, cujo berço, e camara estaõ sempre exhalando o cheiro de fragrantes perfumes, vem a perder a sensibi-

(*) Logo que nascem sentem tanto a estranheza do ar, que promptamente espirraõ.

bilidade deste sentido, ficando depois insensiveis a todos os cheiros menos activos. A razaõ he bem clara; pois estando aquelles nervos costumados a sensações fortes, naõ sentem o estímulo das mais fracas. He por tanto pessimo costume o perfumar naõ digo só a roupa, e vestidos das crianças, mas tambem o quarto da sua maior habitaçaõ. Sejaõ os seus perfumes o ar puro, e corrente, e todo o seu enxoval bem lavado, e bem enxuto. Assim daremos tempo a que se desenvolva, e aperfeiçoe este interessante sentido, que julga tanto do que comemos, e bebemos, como do ar que continuamente respiramos.

Naõ se deve taõ pouco consentir que as crianças andem de contínuo com os dedos no nariz esgravatando as ventas; porque este costume faz pelo menos os nervos pouco sensiveis. De manhã deve haver cuidado em lhes lavar aquelle muco espesso, que pela noite fica pegado, e secco; porque assim conservaõ os nervos a humidade precisa para a sua sensibilidade, ainda sem me lembrar do aceio, que em tudo he recommendavel.

Sem o sentido de ouvir seriamos sem dúvida desgraçados; porque nem saberiamos explicar nossas idéas, nem ouvir as dos outros. E quem póde duvidar da semsaboria de semelhante existencia? Mas para complemento da nossa felicidade naõ basta que ouçamos simples, e grosseiramente o que sôa; he preciso termos certa delicadeza neste sentido. Sem esta nos será indifferente o suave gorgeio dos passarinhos, o doce murmurio das fontes, e a encantadora musica assim instrumental, como de vozes. Para a conseguirmos pois convem, que junto ás crianças se naõ faça estrondo, e que a sua habitaçaõ naõ seja ao pé de ferreiros, carpinteiros, e outros officiaes, que aturadamente fazem bulha, e que por isso tem sempre o ouvir pouco agudo. Deve-se tambem fugir da vizinhança de sinos, de

ou-

ouvir tiros de perto, e em geral de toda a eſpecie de eſtrondo. Quantos caſos ſe naõ contaõ de peſſoas, que enſurdecêraõ por algum grande eſtrondo feito ao ouvido? E ſe tanto ſuccede a hum adulto, que ſe deve eſperar de huma criança?

He coſtume geralmente recebido em Portugal cantar ás crianças quando as querem acalentar, ou adormentar: iſto naõ he máo; mas he de advertir, que deve ſer em voz moderada, e naõ gritando, como de ordinario ſe vê. Mas ſería melhor naõ lhes cantar, do que fazello naõ tendo voz harmonioſa; porque bom he que o ouvido ſe coſtume deſde logo a ouvir vozes ſonoras. Sabemos por experiencia que habitos mudaõ naturezas: e quem ſabe ſe muita gente conſerva ſempre máo ouvido, porque logo da infancia lho pervertêraõ?

He conveniente lavar de vez em quando os ouvidos das crianças com agua morna, para melhor ſe tirar a cêra que nelles ſe fórma; e ſendo preciſo, tirar-lha com algum inſtrumento ſem ponta, ou ſeja de páo, ou de outra qualquer couſa. Eſta cêra demorada póde fazer ſurdez.

Devo por fim recommendar, que todos os pais, podendo, nunca deixem de mandar enſinar a ſeus filhos muſica, e a tocar algum inſtrumento; porque, além de outras muitas utilidades, naõ ha couſa, que mais aperfeiçoe eſte ſentido.

A viſta he o mais lindo, e o mais agradavel de todos noſſos ſentidos. Sem ella quaſi todas as maravilhas do Univerſo nos ſeriaõ deſconhecidas, e o mundo hum perfeito cáhos. Por meio della he que principalmente ſe augmenta o número de noſſas idéas. Os olhos nos daõ a conhecer os objectos; o tacto os examina; e a razaõ os julga. A viſta, ſem ſer dirigida pelo tacto, unicamente nos miniſtraria idéas falſas; e em vez de nos guiar, nos conduziria a precipicios certos

tos. (*) Pelo que he muito neceſſario, que deixemos ſempre as crianças pegar nos objectos que vem, e niſto ſatisfazemos a ſua natural inclinaçaõ, pois todas ellas quando vem qualquer couſa que lhes dá nos olhos, naõ ficaõ ſatisfeitas ſem pegar, e a ſeu modo examinalla. Iſto ſuccede ainda depois de principiarem a andar; e entaõ meſmo convem, que, quando puxaõ para chegarem a hum objecto, ſe lhes faça a vontade. Eſte he o modo de ſe irem coſtumando a julgar da diſtancia, da fórma, e do ſeu tamanho.

Como os objectos ſe pintaõ nos noſſos olhos ás aveſſas, e ſegundo a maior, ou menor intenſidade de luz, e ſegundo tambem as differentes diſtancias, acontece repreſentarem-ſe alguns de noite com apparencia medonha; para o que concorrem em grande parte os contos frivolos, com que muita gente coſtuma acalentar crianças; em grande parte digo, porque em noites eſcuras tenho viſto, que alguns animaes ſe aſſuſtaõ com couſas, de que de dia naõ fazem caſo. Por tanto he preciſo coſtumar as crianças a ver os objectos de noite, até levando-as a caſas eſcuras: e caſo naturalmente ſe intimidem, convem deſenganallas do ſeu medo, fazendo-as examinar aquelle objecto que lho cauſava. Só deſte modo he que podem vir a ter verdadeiras idéas das couſas, familiariſando-ſe a vêllas em todas as circunſtancias.

He preciſo conſervar ſempre as crianças no berço, de maneira, que a luz lhes naõ fique de ilharga; porque

O

(*) Veja-ſe o que diz Mr. de Buffon referindo as obſervações do Cirurgiaõ inglez Cheſelden; o qual pela operaçaõ da catarata deo viſta a hum cego de naſcimento, de idade de treze annos. Eſte nos primeiros tempos naõ pôde julgar nem da diſtancia, nem da fórma, e nem do tamanho dos corpos. Guiava-ſe melhor cego, do que entaõ com viſta.

que assim facilmente ficaõ vesgas pela força desigual, que entaõ fazem os musculos dos olhos. Se porém succeder, que ou por descuido, ou por natureza tenhaõ este defeito, naõ sendo muito grande, porque entaõ he irremediavel, deve-se cubrir o olho saõ com hum pouco de tafetá preto, e deixar o defeituoso descuberto; pois deste modo póde ganhar a força que lhe falta, e chegar a equilibrar-se com o outro. O exercicio, e a mudança de direcçaõ poderáõ conseguir este beneficio, estando o saõ em descanço. Mr. de Buffon mostrou com repetidas experiencias, que o defeito provinha da desigualdade de força nos musculos dos olhos: a razaõ as apadrinha; e o unico meio de as remediar he o que fica exposto.

Naõ se deve consentir, que as crianças fitem os olhos em objectos luminosos, por exemplo, em huma parede caiada, ou em hum espelho aonde dê o Sol. Com o mesmo cuidado se deve fugir, de que huma criança pequenina se entretenha muito tempo a olhar para a luz de candieiro, véla, &c. como tenho muitas vezes visto fazer. Tudo isto lhes debilita consideravelmente a vista: e he isto de tanta importancia, que se tem visto pessoas cegas já depois de adultas, por haverem fitado os olhos em objectos muito luminosos.

Quando principiarem a ler, devem-se-lhes dar cartas, e livros de boa letra, e bom tamanho. O ler com pouca luz, ou tambem demaziada, enfraquece a vista, e faz *myopes*. O mesmo succede quando se usa muito de oculos de ver ao longe, de microscopios, &c.

O tacto he hum sentido universal, mas reside particularmente nas maõs, e ainda aqui principalmente nas cabeças dos dedos. Todos os outros sentidos saõ differentes modificações deste; e por sua intervençaõ he que grandemente se aperfeiçoaõ. A natureza sábiamente o poz como de sentinella a todas as partes do corpo

po animal; porque ſem elle, a ſua exiſtencia andaria em continuado perigo. Que ſeria de hum animal ſem tacto algum?

A figura das maõs compoſtas de taõ pequenos oſſos; a dos dedos igualmente feitos com tantas juntas; a diſpoſiçaõ dos nervos já nas palmas das maõs, já nos apices dos dedos, tudo eſtá moſtrando a ſuperioridade que temos neſte ſentido a todos os outros animaes. Sem eſta conſtrucçaõ naõ podiamos julgar nem da ſuperficie, nem da figura dos corpos. Era preciſo para eſte fim, que a maõ podeſſe abranger, e accommodar-ſe toda á ſuperficie que quer examinar. Logo tudo o que diminuir a flexibilidade dos dedos; tudo o que fizer menos delicada a pelle das maõs, ha de por força prejudicar a delicadeza do tacto. Naõ ſe deve pois conſentir que as crianças cheguem as maõs ao lume, e menos que peguem em brazas; que naõ deitem nas maõs aguas eſpirituoſas, nem acidos fortes, &c. O tocar cravo, flauta, ou outros inſtrumentos, em que todos os dedos trabalhem, concorre muito para a perfeiçaõ deſte ſentido.

He prejuizo, ſem fundamento algum na razaõ, o coſtumar as crianças a unicamente ſe ſervirem da maõ direita. Que privilegio terá eſta ſobre a eſquerda? A natureza naõ lho dá certamente. O bem que diſto ſe tira, he termos depois o uſo de huma unica maõ. Eduquem-ſe pois as crianças ſem preferencia de maõ. Sirvaõ-ſe tanto de huma, como de outra. No decurſo da idade he que ſe vem a conhecer a utilidade diſto, ſendo em muitas occupações eſſencial a ambidexterida-de, e em todas ſempre vantajoſa.

CAPITULO IX.

Da grandiſſima utilidade, que reſultaria ao Eſtado, e a cada hum dos particulares a geral introducçaõ da inoculaçaõ das Bexigas.

ESte Capitulo a meu ver he excellente remate dos antecedentes; pois naõ menos que aquelles ſe encaminha a conſervar a ſaude, e a vida da eſpecie humana. O deſaſtradiſſimo ſucceſſo das bexigas do noſſo amabiliſſimo Principe do Braſil o Senhor D. Joſé, ha taõ pouco tempo viſto, foi o que principalmente me ſuſcitou a idéa de rematar eſta pequena obra com alguns reparos ſobre a utilidade da inoculaçaõ. Se aquelle eſtimadiſſimo Principe ſe houveſſe ſujeitado a eſta innocente, e facilima operaçaõ, certamente animaria ainda hoje as noſſas bem fundadas eſperanças; e teria poupado a ſeus fideliſſimos vaſſallos a incrivel mágoa, que lhes cauſou a ſua taõ chorada, como impreviſta morte. Depois de taõ deſaſtrado acontecimento ſuccedeo a morte da noſſa Infanta em Caſtella, a de ſeu marido, e filho. Em Napoles ha poucos dias morreo o Infante: e em Lisboa a morte de alguns Grandes, e de immenſas peſſoas das Claſſes inferiores tem com razaõ feito hum grandiſſimo terror a toda a gente, que á força de exemplos taõ funeſtos ſe vai inclinando a eſta ſaudavel operaçaõ.

Naõ ſabemos, e nada importaria ſabello, qual foi a origem da inoculaçaõ, ou enxertia das bexigas: ſabemos taõ ſómente, que ella he antiquiſſima, e que de tempo immemorial ſe pratíca na Georgia, na Circacia, em Bengala, na China, e na Turquia. A primeira vez porém que na Europa ſe inoculou foi no anno de 1721 (*). Hu-

(*) Hum Medico chamado Timon de Conſtantinopla, e

Huma ſenhora Ingleza, que havia ſido Embaixatriz em Conſtantinopola, á força de ver os feliciſſimos ſucceſſos da inoculaçaõ neſta Capital, ſe reſolveo a fazer inocular hum filho que alli paríra. De volta para Inglaterra publicou em Londres o que víra, e o que fizera; e as ſuas perſuasões authorizadas pela novidade intereſſáraõ tanto a Princeza de Galles, que mandou inocular quatro homens, e huma mulher, condemnados á morte. Foraõ as bexigas taõ felices, que na Primavera do anno ſeguinte 1722 fez inocular duas filhas ſuas ſegundas, e o ſucceſſo foi o meſmo. He facil de conjecturar quaõ rapida ſería em Londres, e em toda a Inglaterra a propagaçaõ da inoculaçaõ depois de huma tal prova na Familia Real.

Os Francezes, que anciosamente a teriaõ abraçado, ſe lhes vieſſe em direitura da China, ou do Japaõ, deſdenháraõ della unicamente por ſe ter naturalizado em Londres. Depois de mil contradicções ſó verdadeiramente ſe introduzio neſte Reino, depois que Luiz XVI., que actualmente reina, ſe fez inocular. Na Alemanha, na Italia, e em todo o Norte de dia em dia ſe vai propagando a inoculaçaõ. Em Portugal naõ he nova; mas he de admirar, que naõ ſe inoculando quaſi ninguem em Lisboa, ſe inocule muita gente em algumas das ſuas Provincias. Os Inglezes a leváraõ a America; e era juſto que, tendo-lhe levado o mal, lhe levaſſem o remedio. Mr. de la Condamine vio no Pará introduzida a inoculaçaõ por hum Miſſionario do Carmo, que a praticára, a fim de atalhar os damnos de huma cruel epidemia; e com effeito aſſim lhe ſuccedeo.

Se a inoculaçaõ ſe introduziſſe ſem antagoniſmo, nem por iſſo ficaria mais acreditada. Qual he a couſa, por

---

que fez os eſtudos em Inglaterra, a communicou em 1713 a Mr. Woodward; mas nunca ſe procedeo á operaçaõ.

por melhor que ſeja, que naõ padeça a principio mil contradicções? Quanto ſe naõ diſſe contra a quina, remedio hoje em dia tido por divino, e ſem o qual ſe naõ devia deſejar ſer Medico? Todos aquelles porém que attacáraõ a inoculaçaõ, mal o podiaõ fazer com fundamento, porque della naõ tinhaõ prática nenhuma; e ſó os factos a podiaõ acreditar, ou deſacreditar: pelo que ſó com argumentos ſofiſticos lhe pudéraõ fazer guerra. Mas a experiencia, que unicamente podia decidir a queſtaõ, bem depreſſa atou as maõs aos adverſarios de taõ util invento.

Os engenhos todavia relevantes, os homens abalizados do noſſo ſeculo, naõ deixáraõ de ver desde logo a ſua grandiſſima utilidade. Haller, eſte homem o maior talvez de quantos Medicos ſaõ admirados nos Faſtos Medicos; nenhum taõ obſervador, nenhum taõ inventor, nenhum em fim que ſoubeſſe mais arrancar das maõs da natureza os ſeus ſegredos, e que com mais delicadeza os analyſaſſe; eſte homem pois, eſcrevendo a Tiſſot, aſſim diz da inoculaçaõ: Operaçaõ taõ innocente, taõ facil, e taõ ſem razaõ deſdenhada dos Francezes, e Suiſſos; os quaes deixaõ morrer tanta gente de huma doença ſempre perigoſa depois de certa idade.

Antes delle Boerhaave, e Hoffman ſe tinhaõ declarado em ſeu favor: todos ſabem o reſpeito, que ainda hoje ſe tributa a eſtes dous famoſos homens. Mead, que ganhou em Inglaterra a reputaçaõ de Galeno do ſeu paiz, lhe faz os maiores elogios, e a recommenda, como couſa enviada por graça eſpecial do Ceo. Werlhof, Medico d'ElRei de Inglaterra, que ſe coſtuma citar, quando ſe quer nomear hum grande Prático, dá ſete razões deciſivas para a conſervar. Depois deſtes ninguem mais ſe deve apontar; e ſe quizeſſemos, ſería hum nunca acabar: nomearei com tudo o famoſo d'Alembert, que em ſeu abono eſcre-

veo

veo naõ como Medico, mas como Filosofo, e hum tal Filosofo.

Passado mais de meio seculo de experiencia a inoculaçaõ devêra estar extincta na Europa, se os factos lhe fossem contrarios; mas naõ succede assim: ainda todos os dias se lem escritos em seu decisivo abono, naõ fundados em discursos sofisticos, como os dos seus adversarios, porém sim em infinidade de observações, que incontestavelmente provaõ a innocencia, e facilidade desta operaçaõ.

Se a simples authoridade bastasse para inteiramente convencer os meus nacionaes da quasi necessidade de abraçar esta taõ saudavel prática, certamente os tinha já convencido. Mas como ninguem neste presente seculo gosta de se levar a olhos fechados da pura authoridade, profigo em argumentar com a razaõ, e com a experiencia.

Primeiro, que tudo he preciso assentar em dous principios, sem a segurança dos quaes a inoculaçaõ deveria ser desterrada. I. Que ninguem morre de bexigas inoculadas, a serem tratadas por maõ prudente, habil, e em circunstancias convenientes. II. Que as bexigas de inoculaçaõ evitaõ as naturaes.

As provas do primeiro requisito devem mais ser tiradas da experiencia, do que da razaõ: e quem póde testemunhar isto, senaõ aquelles Medicos, que, cheios de probidade, e saber confessaõ a innocencia desta operaçaõ, estribados na experiencia de longos annos.

Mr. d'Alembert refere no seu discurso sobre a inoculaçaõ ter ouvido a Mr. Tronchin, hum dos mais acreditados Inoculadores da Europa, que elle naõ tornaria a inocular na sua vida, se hum só inoculado lhe morresse nas maõs. Outro Inoculador, depois de huma grande prática em París, escreve, que se de mil morresse hum inoculado, seria isto para quem se inoculasse

se

se hum risco temivel, e para a inoculaçaõ grandissimo deslustre (*).

Examinados bem, diz o mesmo Filosofo, os factos, incontestavelmente confessados por huma, e outra parte, Inoculadores, e antiinoculadores, parece naõ ter haver havido victima bem caracterizada da inoculaçaõ ao menos em París, senaõ huma rapariga em 1755 fóra dos termos, e quando a inoculaçaõ começava a ser apenas conhecida em França. Escrevem de Berlin, que Mr. Wieffler, Medico em Magdebourg inocula ha mais de dez annos em todo este Ducado com felicissimo successo: ainda lhe naõ morreo huma só criança, e até os mesmos rusticos lhe trazem os seus filhos. Mr. Tudesq, depois de trinta annos de prática, diz deste modo na sua obra impressa em 1787, que, se reflectirmos sem prevençaõ no processo das bexigas artificiaes, seremos obrigados a reconhecer nellas hum caracter benigno, que lhe he natural. Conduzido, diz em outro lugar, por experiencias multiplicadas, naõ cansarei de repetir, que com o soccorro da simplicidade da minha prática, nunca tratei de bexigas artificiaes, que me puzessem em risco a vida dos inoculados.

O primeiro reparo, diz o célebre Tissot, que ha para fazer a respeito da inoculaçaõ he, que ella se pratíca, e se tem perpetuado na China, donde a policia he taõ regular, exacta, e maravilhosa, no Japaõ, na Circassia, na Georgia, e na Turquia; e que cada dia se espalha pelas Provincias vizinhas. Em 1724, dous annos depois da inoculaçaõ em Inglaterra, quando os inoculados se contavaõ já a milhares, os seus adversarios só tinhaõ que allegar tres mortos; e julgado o caso por juizes imparciaes, tudo fôra effeito de im-

(*) *Reflexões sobre os prejuizos, que se oppõem aos progressos da inoculaçaõ*, por Mr. Gatti, pag. 98., 99.

imprudencia, como do moço Sunderland, que, contra o parecer dos Medicos, ſe quiz inocular eſtando phthyſico confirmado. Alguns annos depois, fazendo as bexigas grandiſſimos eſtragos em hum bairro de Londres, ſe inoculárão quatrocentas peſſoas, que ſe achárão huma maravilha. Em outra occaſião o Doutor Nedleton tratou elle ſó de ſetenta inoculados, ſem que nenhum tiveſſe o menor perigo. De duas mil peſſoas, que ſe inoculárão em 1749, e 1750, ſó morrêrão duas mulheres pejadas, que, por enthuſiaſmo, e contra o parecer dos Profeſſores, ſe ſujeitárão á operação.

Eſtes factos ſão os mais concludentes em abono deſta prática; porque ſe ella não foſſe tão innocente, como ſou obrigado a crer, he manifeſto, que no ſeu principio, quando não havia ainda todo o conhecimento das mais prudentes, e acertadas circunſtancias para bem ſe proceder neſta operação, haveria entre milhares de inoculados muitos mortos. E ſe então os não houve, hoje menos ſe deve recear, viſto o muito que ſe tem obſervado, e eſcrito a eſte reſpeito.

Mr. Tudeſq ultimamente fez deſapparecer com as ſuas experiencias huma das grandes objecções, com que os antiinoculadores procuravão deſterrar a inoculação, he que muitas vezes a materia, com que ſe fazia eſta operação, ao meſmo paſſo que enxertaſſe as bexigas enxertaria tambem outros venenos exiſtentes no corpo de quem ſe tirava a dita materia. ,, Segundo o que ſe tem paſſado (diz eſte Obſervador) até hoje nos meus enſaios ſobre a inoculação, creio poder affirmar, que ſe por huma parte o veneno das bexigas recebido pelo ar, me parece geralas tanto mais crueis, quanto elle he mais carregado de outros miaſmas eſtranhos; por outra conſtantemente vi, que o fermento que produz as bexigas artificiaes, de nenhum modo participa de outro qualquer veneno eſtranho, que ſe poſſa encontrar no corpo da peſſoa, de quem ſe tirou a materia para a inocula-

çaõ. Quanto a mim posso affirmar, que o tempo, e a occasiaõ assim mo tem mostrado. A observaçaõ seguinte fará ver o quanto estou capacitado por muitas experiencias antecedentes da idiosyncrásia, e homogeneidade da materia tirada das pustulas propriamente das bexigas. Inoculei a vinte e quatro de Outubro de 1778 tres dos meus filhos; a saber, duas meninas, e hum menino; a mais velha de quinze annos, a segunda de tres e meio, e o menino de vinte e dous mezes. Tomei de proposito a materia para a inoculaçaõ de hum menino, que tinha inoculado havia doze dias, o qual, além de tumores de alporcas, estava com a cabeça cuberta de tinha. Meus filhos tiveraõ bexigas excellentes, e naõ ficáraõ menos saõs, e vigorosos. „

„ Cito estes exemplos (continúa o Author) menos para se seguirem, do que para mostrar, ainda o repetirei, que a materia das bexigas tirada de huma pustula qualquer que for, parece ser dotada de huma natureza particular, que a exclue de todo outro veneno. He preciso porém haver cuidado em que a pustula, donde se tirar a materia para a inoculaçaõ, esteja livre pela proximidade de infecçaõ de outro veneno da pelle, por exemplo, sarna, &c.; porque entaõ se inoculaõ juntamente as outras enfermidades. „

Sendo isto assim, segundo as experiencias deste illuminado Observador, e até porque a razaõ o abona; pois sendo aquella suppuraçaõ motivada pelo veneno das bexigas, que he hum veneno particular, he de crer, que a materia resultante seja tambem de huma natureza propria, sem mistura de outro algum veneno: tres razões fortissimas concorrem para absolutamente se abraçar a inoculaçaõ, e para se temerem as bexigas naturaes, como duvidosas, e cheias de immenso perigo; e saõ as seguintes. Com verdade se póde dizer, que todas as bexigas saõ causadas pela inoculaçaõ; porque esta naõ he mais, que o veneno introduzido no

corpo, seja qualquer o modo. O mais ordinario he recebendo o veneno, que anda espalhado na atmosfera (*). Este veneno porém, depois da sua demora no ar, ou se combina com infinidade de outros que nelle andaõ, ou se altera, segundo as differentes constituições delles. Logo quando o veneno das bexigas vem transmittido pelo ar, sempre he suspeito, e mil vezes cheio de summo perigo pela incerteza da sua qualidade; ao contrario, que pela inoculaçaõ o temos sempre puro, e singelo, como fica mostrado. Esta a primeira razaõ, que deve fazer preferivel a inoculaçaõ; porque por meio della temos certeza da benignidade das bexigas; e esperando-as naturaes, o mais certo he he tellas malignas, principalmente depois de certa idade.

Sabem todos que no lugar, em que se faz a operaçaõ, he que se fórma o fóco das bexigas; porque ha inflammaçaõ, e ás vezes erysipelas, número grande de pustulas, e muita quantidade de materia. Ora quando se recebe o veneno por meio do ar, he ordinariamente pela respiraçaõ; e entaõ se vai fazer a inoculaçaõ, ou o fóco das bexigas na cavidade do peito: e vem a succeder aqui pelo menos outro tanto, quanto succede externamente; e naõ sendo aqui cousa de cuidado, vem alli a ser mortal pela importancia, e melindre das entranhas contidas. He por tanto da maior consequencia o podermos fazer o fóco das bexigas á nossa escolha em parte aonde nada se arrisque: e esta he a segunda razaõ importantissima para nos determinarmos a esta operaçaõ.

P ii He

(*) Quatro saõ os meios, porque se tem bexigas: I. pelo veneno que faz a sua essencia, e que está disperso pela atmosfera; II. pelos miasmas que emanaõ do corpo que as tem; III. pelo contacto immediato; IV. pela inoculaçaõ propriaemnte chamada.

He conftante a todos os que tem inoculado, que huma minima porçaõ de veneno das bexigas, introduzido no corpo por meio da lanceta, ou outro qualquer inftrumento, produz todos os fymptomas defta enfermidade: fe pois efta minima porçaõ de veneno he capaz de taes effeitos, fegue-fe que todo o veneno, que no corpo fe introduzir além daquelle, fó fervirá de fazer a enfermidade mais aggravante, e perigofa. Ora, quando efperamos as bexigas naturaes, expomo-nos a receber do ar huma tal porçaõ de veneno, que sería fufficiente a caufallas em hum cento de peffoas, fe proporcionalmente fe dividiffe. Logo pela inoculaçaõ confeguimos tres grandiffimas vantagens, e vem a fer, a qualidade do veneno, a efcolha do lugar, por onde a inoculaçaõ deve fazer-fe, e ahi formar o feu fóco, e a quantidade defte mefmo veneno; vantagens fingulares, e que fó por forte fe devem efperar, fe por vá timidez nos expuzermos a ter naturalmente efta terrivel enfermidade. Até agora ainda ninguem olhou para a inoculaçaõ debaixo deftes tres pontos de vifta; e quer-me parecer, que elles demonftraõ com a evidencia que cabe na fciencia Medica a fuperioridade das bexigas artificiaes, ás que natural, ou cafualmente accommettem.

Além deftas ainda ha outras muitas razões, que abonaõ a utilidade da inoculaçaõ. Quem efpera pelas bexigas naturaes, expõem-fe a tellas em huma epidemia, como a que houve em 1746 em Montpelier, da qual em tres mezes morrêraõ mais de duas mil peffoas, fem embargo de todas as diligencias: expõem-fe a tellas em paizes, aonde efta moleftia he de ordinario funefta; indo de jornada; em terra de nenhum foccorro; a tempo de eftar embaraçado com taes negocios, que lhe naõ deixem quietaçaõ de efpirito; em tempo em fim, em que póde eftar attacado de outra enfermidade. Se he mulher, de mais difto, aven-

tu-

tura-ſe a tellas quando pejada, quando parida, ou quando cria.

Por pouco que ſe reflita ſobre iſto; e por pouco que ſe uſe do bom ſenſo commum, facilmente ſe concluirá, que a inoculaçaõ naõ ſó he util, mas neceſſaria para bem das familias particulares, e muito mais da grande familia que fórma a Sociedade. Se os pais cuidaſſem em que ſeus filhos tiveſſem eſta enfermidade na idade feliz, em que as circunſtancias as aſſeguraõ benignas, os livrariaõ de ſer victimas alguns annos depois, quando a morte he muito mais ſenſivel, porque a ſua vida ſe tem feito mais neceſſaria.

Todas as objecções que ſe coſtumaõ pôr contra eſta prática, as quaes todas apontou, e aſsàs refutou Tiſſot, ſaõ fundadas em que a inoculaçaõ he duvidoſa, e capaz de matar. Negado porém eſte fundamento (pois atrás fica prova de que, ſendo feita nos termos devidos, he ſempre innocente), ficaõ todas deſtruidas por ſe eſtribarem em hum principio falſo.

Reſta agora moſtrar, que as bexigas de inoculaçaõ evitaõ as naturaes. Só a experiencia, e obſervaçaõ podem dicidir a queſtaõ. Alguns Inoculadores, diz Mr. Tudeſq filho, nada omittíraõ para ſe deſenganarem da repetiçaõ das bexigas inoculadas. As ſuas experiencias ſaõ conhecidas, e provaõ, que naõ ha repetiçaõ: e eu meſmo, depois de fazer as meſmas tentativas, vim a perſuadir-me com elles, de que os inoculados naõ tem bexigas ſegunda vez. Na prática de trinta annos ainda naõ vi hum ſó exemplo; e meu pai, que ha ſincoenta annos exercita a Medicina, com aquella diſtincçaõ que faz honra aos verdadeiros talentos, ainda naõ chegou a ver eſtas imaginadas repetições. Em Inglaterra ſe tem inoculado mais de duzentas mil peſſoas, e ainda naõ ha exemplo de repetiçaõ inconteſtavelmente provado. Quanto a mim creio, que huma repetiçaõ de bexigas ſerá ſempre effeito de hum *qui-pro-quo* da par-

parte do Inoculador. Milhões de pessoas, que depois de inoculadas, passaõ a vida expostas a epidemias, e, tratando de bexigosos, sem serem segunda vez contagiadas; milhares de Medicos, que depois de mais, ou menos annos de prática affirmaõ naõ terem observado hum tal caso, provaõ evidentemente a quimera deste receio, e a nullidade de algum dito contrario. Por este mesmo theor fallaõ todos os Authores, que abalisadamente tem escrito sobre esta materia.

Se pois, segundo summariamente fica provado, a inoculaçaõ he naõ só huma operaçaõ muito facil, mas tambem de nenhum perigo; e se evita a repetiçaõ de tal enfermidade, que, accommettendo naturalmente, he de ordinario funesta; haverá ainda quem, contra a utilidade propria, e o bem público, se obstine em cegamente rejeitar huma operaçaõ, que hum grande escritor naõ duvidou reputar hum dos maiores presentes, que a Providencia enviou aos homens? Haverá (ainda mal que assim o creio) em quanto principalmente houver Medicos, que, levados ou de hum espirito de singularidade, ou da preguiça de meditarem sobre este ponto, e de examinarem as obras de tantos famigerados Observadores, com dúvidas quimericas, e especiosas intimidarem os animos das pessoas, que, naõ sendo Medicos, naõ podem profundar a materia. Sirva-lhes porém de vergonha o procedimento das Nações mais illuminadas, e em especial da Ingleza, taõ profunda nas suas observações, e taõ pouco capaz de se deixar cegar de idéas novas, e apparentes. A Medicina nunca deo passos pela maõ de vans especulações: a sua base he a observaçaõ, e a experiencia. Se algum desses, que declamaõ contra a inoculaçaõ, for perguntado, se já vio hum inoculado; se quizer dizer a verdade, dirá, que naõ: e que fé merece a sua declamaçaõ?

Concluirei finalmente este discurso com duas refle-

xões,

xões, e vem a ſer: I. que os demaziados preparatorios para a inoculaçaõ tem ſido a ordinaria cauſa de ſer eſta operaçaõ menos benigna nos ſeus effeitos, do que ſe deve eſperar (*): II. que tambem concorre muito para a felicidade da inoculaçaõ o modo, por que ella he feita; o qual, ſegundo moſtra Mr. Tudeſq, ſó deve conſiſtir em huma ſó pequena inciſaõ feita horiſontalmente entre a epiderme, e a pelle com a ponta de huma lanceta untada da materia das bexigas, ſem que haja effuſaõ de ſangue. De todos os outros methodos ſe podem ſeguir graves damnos, que poderá ver no ſeu *Tratado da Inoculaçaõ*, quem a fundo quizer examinar eſta materia; cuja diſcuſſaõ excederia os limites que me propuz.

F I M.

(*) Aſſim o atteſtaõ as immenſas experiencias de Mr. Tudeſq: e a razaõ no-lo eſtá dizendo. Pois que preparaçaõ ſe póde fazer a hum corpo ſaõ, ſe naõ a de o tornar a peior eſtado; iſto he, a de o indiſpôr? Baſta que haja, principalmente nos dias que medêaõ entre a inoculaçaõ, e a febre, regularidade no comer, beber, &c., aquella, digo, que deverá haver ſempre, ſe as crianças tiveſſem arrazoada educaçaõ. Em huma palavra, naõ he deſatino preparar hum corpo, cuja exacta conſtituiçaõ ninguem conhece a fundo, para huma moleſtia deſconhecida no que diz reſpeito á natureza do ſeu veneno? Em Outubro de 1788 inoculei, pelo modo que diſſe, dous filhos unicos meus no meſmo inſtante, e com a meſma lanceta: hum delles menino tinha tres annos, e dez mezes, o outro menina tinha ſinco mezes. Eſtavaõ dormindo, quando com a minha maõ lhe fiz a operaçaõ, e naõ acordáraõ. Taõ pouco cuſta. Nenhuma preparaçaõ lhe havia feito; porque eſtavaõ em boa ſaude, e vigio ſobre a ſua educaçaõ. Paſſados onze dias ambos tiveraõ tres dias de febre muito ligeira; no fim dos quaes apparecêraõ bexigas, e nunca mais tornáraõ a ter febre. Nunca ſe deitáraõ, nem tiveraõ preciſaõ do menor remedio.

INDICE

DOS

CAPITULOS, E ARTIGOS,

Que se contém neste Tratado.

Q *pos-*

CA-

CATALOGO

Das obras já impressas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e dos preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

---

cias

cias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Induſtria em Portugal, e ſuas Conquiſtas, 1. vol. 4. - - - - - - - - - - - - - - 800

XIII. Collecçaõ de Livros ineditos de Hiſtoria Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reys D. Joaõ I., D. Duarte, D. Affonſo V. e D. Joaõ II., 1. vol. 1800

XIV. Tratado de Educaçaõ Fyſica, para uſo da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Franciſco de Mello Franco, Correſpondente da meſma Sociedade. - - - - - - - 360

Eſtaõ debaixo do prélo as ſeguintes.

Actas, e Memorias da Academia Real das Sciencias, 1. vol.

Memorias Economicas da meſma, 2. vol.

Documentos Arabicos da Hiſtoria Portugueza, em Arabico, e Portuguez.

Flora Cochinchinenſis.

Taboadas Perpétuas Aſtronomicas para uſo da Navegaçaõ Portugueza.

Ephemerides Nauticas, ou Diario Aſtronomico, para o anno de 1791.

Obras ineditas Poeticas de Pedro de Andrade Caminha.

Dialogo do Soldado Prático, por Diogo de Couto.

Collecçaõ de Livros ineditos de Hiſtoria Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reis D. Joaõ I., D. Duarte, D. Affonſo V., e D. Joaõ II., 2. vol.

Eſtaõ para imprimir-ſe.

Paſchalis Joſephi Mellii Freirii, Inſt. Juris Civilis Luſitani, Lib. ſecundus.

Tratado de Educaçaõ Fyſica para uſo da Naçaõ Portugueza, por Franciſco Joſé de Almeida, Correſpondente da Acad.

Synopſis Chronologica de Subſidios, ainda os mais raros, para a Hiſtoria, e Eſtudo critico da Legislaçaõ Portugueza, por Joſé Anaſtaſio de Figueiredo, Correſpondente da Academia.

Vendem-ſe em Lisboa nas logeas de Borel, e de Bertrand, e na da Gazeta; e em Coimbra tambem pelos meſmos preços.